



IPCG - Comunidade  
de Serviço

Igreja Presbiteriana  
Central do Gama

Cur  
Curs  
Curso

# Cristão Frutífero

***Descobrando seu  
lugar de serviço no  
reino de Cristo***



**Igreja Presbiteriana Central do Gama**

# **Curso Cristão Frutífero**

**Descobrindo Seu Lugar de Serviço no Reino de Cristo**

***Autor..... Rev. Misael Batista do Nascimento***

***Revisão e Aprovação:..... Com. Doutrina do Conselho da IPCG***

*3ª Edição, Totalmente Revisada*

**Outubro de 2004**

© 2004, Igreja Presbiteriana Central do Gama

Material de treinamento cristão, escrito para a glória de Deus. Permitida a cópia somente com autorização expressa da IPCG.

Esta apostila foi composta com o software Adobe® InDesign™.

# Prefácio

Uma igreja viva, bíblica, autêntica, graciosa e relevante, que glorifica a Deus fazendo discípulos maduros e reprodutivos. Uma igreja onde a adoração é fervorosa, a evangelização é um estilo de vida, o discipulado é assumido por todos, a comunhão é sentida a cada semana e o serviço é realizado com base nos dons espirituais. Esta é a visão que norteia a Igreja Presbiteriana Central do Gama.

Cada discípulo um cristão frutífero, eis o ideal das Escrituras. A igreja como um corpo poderoso de transformação e capacitação, eis nosso anelo e oração.

Este material contribui com essas metas qualitativas. A aluno é ajudado a conhecer as Escrituras, a vontade de Deus e também a obter pistas preciosas sobre sua vocação, seus dons, seu jeito de ser e, conseqüentemente, seu lugar produtivo no reino de Cristo.

Quem conheceu nossa apostila sobre dons espirituais, publicada em 1997, verá que este é, praticamente, um *material novo*. Não apenas a diagramação, mas virtualmente todo o texto foi refeito, novos vínculos bibliográficos foram estabelecidos e muitos aspectos doutrinários foram revistos. As razões destas alterações doutrinárias são explicadas no fluxo normal do texto, mas podemos afirmar, desde já, que o momento exige a clarificação de posições que fortaleçam a identidade reformada, não apenas de nossa igreja local, mas de toda a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Somos devedores aos desenvolvedores da metodologia denominada Rede Ministerial. Inegavelmente, usamos de forma adaptada as suas diretrizes no que diz respeito à divisão dos temas, tratamento dos conteúdos e uso de alguns conceitos, principalmente o chamado “estilo pessoal”. Não há erro em afirmar que esta é uma versão “vitaminada” e presbiteriana de Rede Ministerial, considerando o maior volume de informações bíblicas sobre os dons e a inserção da doutrina dos ofícios de Ef 4.11. Além disso, somos devedores a todos os autores citados na bibliografia.

O Conselho da IPCG aprovou este material, analisando cada uma destas afirmações doutrinárias. Trata-se então, de uma apostila confiável do ponto de vista bíblico e desafiadora dos pontos de vista devocional e ministerial.

Nesta terceira edição, atualizamos diversas informações sobre a estrutura da IPCG, rogando a Deus que abençoe a cada aluno do Curso Cristão Frutífero.

Outubro de 2004

Rev. Misael Batista do Nascimento

*Vicit Agnus Noster. Eum Sequamur.*

**Nosso Cordeiro venceu. Vamos segui-lo.**



**Prefácio ..... iii****O Que é o Curso Cristão Frutífero ..... 1**

Visão Geral .....	1
Conhecendo o Grupo.....	1
O Propósito Principal dos Cursos da IPCG .....	2
Missão e Visão da Igreja .....	2
O Cristão Frutífero .....	2
O Alvo do Curso Cristão Frutífero .....	4
O Processo de Integração aos Serviços .....	4
A Estrutura de Aperfeiçoamento dos Santos .....	4
Por Que Devemos Servir .....	7
As Três Áreas de Desenvolvimento Pessoal .....	7
Resumo.....	8

**Entusiasmo e Identificação:****Vocação Para o Serviço ..... 11**

Visão Geral .....	11
Conceituação .....	11
O Chamado de Deus na Conversão.....	11
O Chamado de Deus Para o Serviço.....	12
Vocação, Carreira e Trabalho .....	12
A Soberania de Deus e os Desejos Humanos .....	12
Vocação e Sacerdócio Universal .....	14
Vocação Personalizada .....	15
Os Modos da Vocação e os Conflitos Vocacionais.....	16
Vocação e Entusiasmo .....	16
Quatro Características da Vocação .....	18
Questionário de Reflexão Vocacional.....	18
Sumário de Vocação .....	19
Resumo.....	20

**Capacitação I: Os Dons Espirituais ..... 21**

Visão Geral .....	21
Introdução.....	21
O Que São os Dons Espirituais.....	22
Uma Tentativa de Definição .....	22
O Espírito Santo Nos Últimos Dias .....	23
O Espírito e a Vida Poderosa .....	24
Para Quê Servem os Dons .....	24
Quem Possui os Dons Espirituais .....	24

Uma Proposta de Lista de Dons do Espírito.....	25
Categorias de Dons .....	25
Dons e Ofícios .....	26
Diversidade de Dons.....	26
Características e Uso dos Dons Espirituais .....	26
Resumo.....	29

## **Capacitação II: Os Ofícios de Ef 4.11 ..... 31**

Visão Geral .....	31
Introdução.....	31
Os Ofícios da Igreja .....	33
Apóstolos .....	33
Profetas .....	36
Evangelistas .....	37
Pastores-Mestres .....	38
A Questão do Ministério Pastoral ou Presbiterial Feminino .....	39
Categorias de Ministros .....	43
Resumo.....	44

## **Capacitação III: O Dom de Profecia ..... 47**

Visão Geral .....	47
Introdução.....	47
Ofícios e Dons: Transitoriedade e Contemporaneidade .....	48
Os Dons e o Cristão Frutífero.....	50
Limitações na Sistematização dos Dons .....	51
O Dom de Profecia .....	51
Profecia e Pregação .....	51
Profecia e “Revelação” .....	52
Semelhanças e Diferenças da Profecia Neotestamentária e a Pregação Atual .....	53
O Mensageiro e a Mensagem.....	53
Modo de Obtenção e Origem da Mensagem .....	54
Profecia Distribuída .....	55
Mais do Que a Pregação? .....	55
Impressões Produzidas Diretamente na Mente.....	56
Visões e Sonhos .....	57
O que Diz a Carta Pastoral? .....	58
Autoridade da Profecia .....	58
Onde e Como Utilizar .....	59
Quem Possui o Dom de Profecia? Sugestão de Características .....	60
Resumo.....	60



<b>Os Dons de Rm e 1 Co 12 .....</b>	<b>63</b>
Visão Geral .....	63
Introdução.....	63
O Dom de Auxílio .....	63
O Dom de Ensino.....	64
O Dom de Exortação .....	66
O Dom de Doação.....	67
O Dom de Direção.....	67
O Dom de Demonstração de Misericórdia.....	68
Os Dons de Palavra da Sabedoria e do Conhecimento .....	69
O Dom da Fé.....	69
O Dom de Curas.....	70
O Dom de Operações de Milagres .....	72
O Dom de Discernimento de Espíritos.....	73
O Dom de Variedade de Línguas .....	74
O Dom de Interpretação de Línguas .....	77
O Dom de Administração .....	77
A IPCG e os Dons.....	78
Os Testes de Verificação dos Dons.....	78
Questionário 01: Auto-avaliação .....	78
Sumário de Dons.....	84
Resumo.....	84
<b>O Seu Jeito de Ser .....</b>	<b>87</b>
Visão Geral .....	87
Introdução.....	87
Conceito de Estilo Pessoal.....	88
O Estilo Pessoal e o Caráter Cristão .....	88
Elementos do Estilo Pessoal.....	88
Tipos Básicos de Estilos Pessoais.....	89
Avaliação do Estilo Pessoal.....	89
Visão Geral das Áreas de Desenvolvimento Pessoal.....	93
<b>Bibliografia .....</b>	<b>95</b>

# 1

## O Que é o Curso Cristão Frutífero

*“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28b)*

*Textos de Referência: Mc 10.43-44; Cl 1.4, 9-12;  
1Pe 4.8-11; Mt 22.34-40; 1Co 13.1-3; Ef 2.8-10, 4.7-16*

## Visão Geral

### Informações contidas nesta unidade:

- O *propósito geral* dos cursos da IPCG.
- *Missão* e a *Visão* da igreja.
- As *características do Cristão Frutífero* e responder à pergunta “quem deve servir”?
- Os *alvos do curso* Cristão Frutífero.
- O *processo de integração* aos *serviços* do Corpo de Cristo.
- A *estrutura de aperfeiçoamento dos santos* da IPCG.
- *Duas razões pelas quais é preciso servir*.
- *Três áreas de desenvolvimento pessoal* para o serviço frutífero.

### Conhecendo o Grupo

- Apresente-se ao grupo.
- Diga quais são as suas expectativas com relação a este curso.

## O Propósito Principal dos Cursos da IPCG

Capacitar o discípulo do Senhor Jesus a desenvolver caráter, habilidades e conhecimento para tornar-se “perfeito em Cristo”, produzindo frutos para a glória de Deus (Cl 1.28; Jo 15.16).

## Missão e Visão da Igreja

Nossas declarações de missão e visão são baseadas nas ordens de Cristo, registradas nos Evangelhos e no início no livro de Atos (Mt 28.16-20; Mc 16.14-18; Lc 24.44-49 e Jo 20.19-23) e nos ensinamentos gerais das Escrituras sobre a Igreja – o povo de Deus que adora, evangeliza, discipula, ama e serve segundo a graça e o poder do Senhor (At 2.42-47, 4.32-35; 1 Co 12.12-13; Ef 1.15-23, 2.11-22, 3.8-12; 1 Pe 2.9-10).

A afirmação de visão reflete ainda as confissões de fé de Augsburg, de 1530, francesa, de 1559, escocesa, de 1560, belga, de 1561 e de Westminster (Inglaterra, Escócia e Irlanda), de 1647.

**Missão da IPCG:** *Glorificar a Deus fazendo discípulos maduros e reprodutivos.*

**Visão da IPCG:** *Ser uma igreja **bíblica** no ensino, modo de funcionamento e cumprimento da missão; **autêntica** na pregação, ministração dos sacramentos, prática da disciplina e oração; **graciosa** na vivência da comunhão, no acolhimento dos caídos e na prática do mútuo pastoreio; **relevante** como consciência profética da sociedade, na prática dos dons espirituais e no suprimento eficaz de necessidades. Nosso slogan: **Bíblica, Autêntica, Graciosa e Relevante.***

## O Cristão Frutífero

O cristão frutífero é aquele que apresenta cinco características, conforme Cl 1.4, 9-12:

Figura 01: O Cristão Frutífero



- Ele é salvo, experimentou pessoalmente o novo nascimento, depositando sua fé em Cristo e recebendo-o como seu Senhor e Salvador (Cl 1.4).
- Ele é santo, *vivendo de modo digno do Senhor*, para o seu inteiro agrado (Cl 1.10a).
- Ele é um servo, que *frutifica em toda boa obra* (ministério e evangelismo – Cl 1.10b).
- Ele *cresce no pleno conhecimento de Deus* (Cl 1.10c).
- Ele é *fortalecido com todo o poder espiritual*, segundo a força da glória de Deus (Cl 1.11a).

Estas características tornam a vida do cristão uma bênção para todos os que o rodeiam e permitem o livre fluxo do amor e graça divinos, produzindo *frutos espirituais*.

Destaca-se para os objetivos deste curso a característica do *serviço* tal como orientada pelo próprio Senhor Jesus:

*“Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.42-45).*

De acordo com este texto, o Senhor Jesus não veio para ser servido, e sim para *servir*. Ao assumir a postura de servo, Cristo não apenas cumpriu as exigências do propósito redentor de Deus Pai como também deixou-nos um exemplo.

Os apóstolos também entenderam este princípio. Paulo ensina que Deus derramou a graça do Espírito sobre a Igreja e o resultado disso é o crescimento do Corpo de Cristo, em amor:

*“Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4.15-16).*

Inspirado pelo Espírito de Cristo, o apóstolo Pedro escreveu o seguinte:

*“Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10).*

As expressões “pelo auxílio de toda junta”, “cooperação de cada parte” e “uns aos outros”, em Ef 4.16 e 1 Pe 4.10, indicam *quem deve servir*.

Em suma, a tarefa do serviço deve ser assumida

\_\_\_\_\_ somente pelo pastor e oficiais e pastores.

- \_\_\_\_\_ somente pelos líderes de Ministérios e Sociedades.
- \_\_\_\_\_ por todos os seguidores de Cristo.

## O Alvo do Curso Cristão Frutífero

Em Jo 15.16, o Senhor Jesus afirma que nos escolheu para que sejamos frutíferos.

**O Curso Cristão Frutífero tem como alvo auxiliar você a servir de forma empolgante e significativa, dentro da estrutura de aperfeiçoamento dos santos da Igreja Presbiteriana Central do Gama.**

## O Processo de Integração aos Serviços

O curso Cristão Frutífero faz parte do processo de mobilização dos crentes da Igreja Presbiteriana Central do Gama para o serviço.

A integração ideal dos discípulos aos serviços da IPCG é feita em quatro passos:

**Passo 01: Efetivação da membresia** – o discípulo professa sua fé e torna-se membro comungante da igreja. Nesta fase, as palavras-chave são *profissão de fé*.

**Passo 02: Participação no Curso Cristão Frutífero** – o novo membro aprende sobre as três áreas de desenvolvimento pessoal e define uma área de serviço. Nesta fase, as palavras-chave são *descoberta dos dons espirituais*.

**Passo 03: Início de serviço** – O discípulo participa de uma das oportunidades de serviço oferecida na estrutura de aperfeiçoamento dos santos, testando suas habilidades e definindo sua área de chamado. Nesta fase, as palavras-chave são *confirmação do serviço orientado por Deus*.

**Passo 04: Serviço produtivo** – O discípulo serve na igreja de forma frutífera, de acordo com a sua vocação, com alegria, responsabilidade e eficácia. Nesta fase, as palavras-chave são *ministério frutífero*.

A caminhada da profissão de fé até o ministério frutífero é às vezes longa e acidentada, mas *deve ser percorrida por todos os cristãos sinceros*, pois, como vimos, no reino de Deus *servir não é uma opção*. Deus tem reservado para nós obras que ele mesmo planejou na eternidade (Ef 2.8-10).

## A Estrutura de Aperfeiçoamento dos Santos

O discípulo de Cristo, na Igreja Presbiteriana Central do Gama, serve integrando-se à estrutura de aperfeiçoamento dos santos, formada pelos cultos, igreja nos lares, sociedades internas, ministérios e ensino bíblico – tudo isso interligado pela rede de pastoreio (a prática da mutualidade). Juntos, estes programas fomentam o crescimento espiritual e possibilitam o alcance das metas de qualidade (missão e visão) da igreja.

Os **cultos** são reuniões públicas realizadas na sede e que propiciam a adoração, oração e recebimento das graças divinas da pregação e participação nos sacramentos. Eles acontecem, principalmente, nos domingos pela manhã e noite.

Figura 02. Estrutura de Aperfeiçoamento dos Santos



A **igreja nos lares** é uma extensão importante dos cultos dominicais, que se desdobra em dois segmentos, quais sejam, as reuniões em *endereços fixos* e as reuniões em *endereços escaláveis*. As primeiras ocorrem todas as segundas-feiras e utilizam um material de ensino unificado, sendo ideais para a *obtenção de conhecimento bíblico sistematizado*, o *aprofundamento da comunhão*, o *compartilhamento* e *atendimento de necessidades* e a prática da *rede de pastoreio*. As reuniões escaláveis são cultos nos lares, realizados em endereços agendados previamente, com mensagens diferenciadas. Em ambos os tipos de reuniões, é buscada a *identificação da igreja com a descrição apostólica*: “diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração” e “jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la anunciar publicamente e também de casa em casa” (Atos 2.46 e 20.20).

As **sociedades internas** e **ministérios** agregam pessoas por critérios de *idade* e *afinidades de serviço*. Como grupos pequenos, também integram a rede de pastoreio e são fundamentais para a ação da igreja em todos os aspectos práticos. Realizam atividades que buscam alcançar as metas de qualidade da igreja (missão e visão).

A estrutura de **ensino bíblico** da IPCG é formada pela **Escola Dominical**, **Cultos nas Quartas-Feiras** e **Cursos Avulsos**. A igreja investe na formação integral de cada membro objetivando que cada um se torne um discípulo maduro e reprodutivo. Na **Escola Dominical** utiliza-se um currículo de oito anos, estruturado em três alicerces.



- **Alicerce para membresia, liderança de ministérios e sociedades internas:** Módulo I: Formando Discipuladores I. **Parte I: Bases da Salvação** (ensinos fundamentais sobre as cinco afirmações bíblicas sobre salvação: depravação total, eleição incondicional, expiação particular, graça irresistível e perseverança dos santos). **Parte II: O Que Nos Diferencia** (as declarações da Reforma: Somente a Escritura, Somente a Graça, Somente a Fé, Somente Cristo e Glória Somente a Deus). **Parte III: Introdução aos Meios de Graça** (O que são e qual a importância dos meios de graça). Módulo II: Formando Discipuladores II. **Parte I: Os Meios de Graça** (Batismo; Ceia do Senhor; Pregação; Mutualidade e Disciplina Eclesial e Oração). **Parte II: Santidade Prática** (Os recursos divinos para a santidade; O discípulo, um adorador; O discípulo, um mártir; O discípulo, um santo; O discípulo, um irmão e O discípulo, um servo). **Parte III: Introdução ao Presbiterianismo** (O que são e quais os tipos de sistemas de governos eclesiásticos; O que é e qual a base bíblica do presbiterianismo).
- **Alicerce para oficialato:** Módulo III: Formando Discipuladores III. **Parte I: Noções de Presbiterianismo** (O desenvolvimento do presbiterianismo na Europa e América do Norte: Resumo histórico e principais personagens; O desenvolvimento do presbiterianismo no Brasil: Resumo histórico e principais personagens; A Igreja Presbiteriana do Brasil: Estrutura; Introdução ao Manual Presbiteriano). **Parte II. Membresia da IPCG** (A Igreja Presbiteriana Central do Gama: Resumo histórico e principais personagens; A Igreja Presbiteriana Central do Gama: Missão, visão e estratégias; A estrutura de aperfeiçoamento dos santos; A Igreja Presbiteriana Central do Gama: Orientações de ministério; A estratégia da adoração; A estratégia de Evangelização; A estratégia do crescimento pessoal; A estratégia da comunhão; A estratégia do serviço; Os compromissos de membresia).
- **Alicerce para candidatura ao sagrado ministério ou seminário:** Módulo IV: Formando Discipuladores IV.. **Parte I: Compreensão da Missão** (Compreendendo Mt 28.18-20; O “testemunho” em Lucas-Atos). **Parte II: Cumprindo a Missão** (Evangelização Básica; Implantação de Igrejas; Desafios Missionários Extralocais).

Nos **Cultos nas Quartas-Feiras** é oferecido treinamento em **Teologia Bíblica** utilizando-se como livro-texto as **Institutas da Religião Cristã**, de João Calvino (quatro anos).

Nos **Cursos Avulsos** são trabalhados conteúdos práticos para a formação de cosmovisão e liderança: *Cosmonomia e Ética Cristã; Liderança de Pastoreio; Interpretação Bíblica; Pregação; Condução de Liturgias; Música na Igreja, Recepção de Visitantes; Introdução Bíblica e Princípios de Hermenêutica.*

Resumindo, a estrutura de aperfeiçoamento dos santos da IPCG procura alinhar o ensino teórico com o treinamento prático. As cinco áreas desta estrutura relacionam-se mutuamente – elas se complementam, possibilitando a *formação integral do discípulo de Cristo*, de acordo com a vontade de Deus

revelada nas Escrituras. A rede de pastoreio entrelaça-se dinamicamente em todas as partes da estrutura, permitindo *acompanhamento individualizado e crescimento em graça e santidade*.

## Por Que Devemos Servir

De acordo com Mt 22.37-40, nossas duas maiores prioridades devem ser:

- Amar a Deus sobre todas as coisas
- Amar ao próximo como a nós mesmos

Certamente o amor a Deus e aos homens devem nortear nossa vida cristã. Em 1 Co 13.1-3, afirma-se que mesmo que façamos coisas fantásticas, nada disso terá valor se não houver *verdadeiro amor*. Nos Dez Mandamentos (Êx 20.1-17), vemos que os quatro primeiros focalizam **deveres para com Deus** e os seis últimos falam de **deveres para com o próximo**.

O texto de 1Pe 4.11 ensina que quando servimos “na força que Deus supre”, Deus é glorificado por meio de Jesus Cristo. Isso indica que o serviço é uma forma de **adoração**.

Em Ef 4.11-12, o apóstolo Paulo afirma que o desempenho do serviço promove a **edificação** do corpo de Cristo.

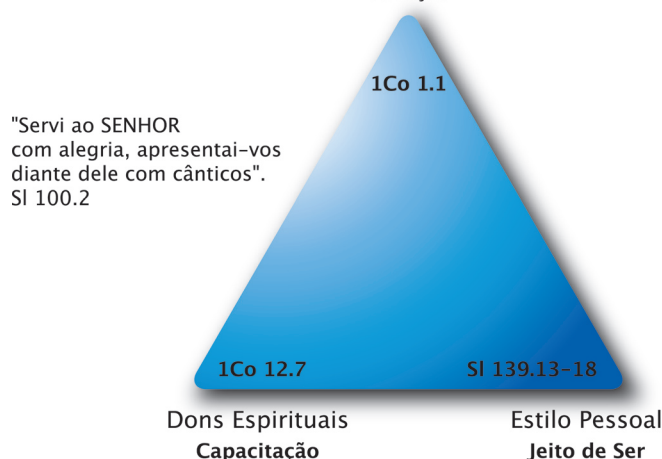
O cristão frutífero é aquele que serve com uma *motivação correta*. Ele faz isso para **glorificar a Deus** e **servir ao próximo**.

## As Três Áreas de Desenvolvimento Pessoal

Para servir de modo eficaz, é necessário que o cristão leve em consideração três áreas de desenvolvimento pessoal, a vocação ou chamado divino, a capacitação recebida e o seu jeito de ser, denominados neste curso de *áreas de entusiasmo e identificação; dons espirituais e estilo pessoal*.

Figura 03. Áreas de desenvolvimento pessoal

- **Entusiasmo e Identificação.** O serviço cristão deve ser feito com *alegria e qualidade* (Sl 100.2; Jr 48.10a). *Sem entusiasmo, a tarefa de servir torna-se cansativa, desgastante e morta.* Deus





deseja que o sirvamos com fervor e reprova aqueles que olham para as coisas do reino com irresponsabilidade e desânimo, oferecendo a Ele o pior (Ml 1.11-14). O entusiasmo é experimentado quando *fazemos coisas de que gostamos*. Um primeiro passo na caminhada de serviço é definir, dentre a estrutura existente na igreja, os *setores ou tarefas com as quais mais nos identificamos*. Geralmente Deus nos vocaciona para servir em lugares que amamos. Você verá como isso funciona na unidade 02. Esta área de entusiasmo nos ajuda a descobrir **onde** devemos servir.

- **Dons Espirituais.** Os dons espirituais são *ferramentas sobrenaturais* que Deus nos concede para trabalharmos. Eles indicam **o que** você fará quando estiver servindo. Na unidade 03 você preencherá um teste que norteará a descoberta de seu dom espiritual.
- **Estilo Pessoal ou Jeito de Ser.** Cada ser humano é único e especial, criado e moldado por Deus com características exclusivas (Sl 139.13). Não existem duas pessoas que realizem uma tarefa de forma idêntica. Observamos, por exemplo, que Jesus chamou doze discípulos, *cada um diferente do outro* (Mt 10.1-4). No livro de Atos, vemos que o apóstolo Pedro, com sua personalidade e formação específica, foi poderosamente usado na pregação do evangelho *aos judeus* (At 2.14-41), enquanto Paulo, por sua vez, foi útil e frutífero na proclamação da palavra *aos gentios* (At 9.15-16, 17.22-37; compare com Gl 1.15-17). Isso mostra que Deus vocaciona cada cristão para realizar uma tarefa ímpar e deixar uma *marca personalizada* na história. As tentativas de reproduzir o ministério de outra pessoa geram frustrações. Para efeito deste treinamento, é preciso entender *como* *you se motiva* e *se organiza*, para realizar serviços adequados ao seu perfil. Seu estilo pessoal indica **como** você servirá.

## Resumo

O objetivo principal dos cursos de nossa igreja é capacitar os discípulos do Senhor Jesus a desenvolverem **caráter**, **habilidades** e **conhecimento** para tornarem-se perfeitos em Cristo, produzindo **frutos** para a glória de Deus, de acordo com a missão e a visão da IPCG.

A missão da IPCG é **glorificar a Deus fazendo discípulos maduros e reprodutivos**.

A visão da IPCG é ser uma igreja **bíblica** no ensino, modo de funcionamento e cumprimento da missão; **autêntica** na pregação, ministração dos sacramentos, prática da disciplina e oração; **graciosa** na vivência da comunhão, no acolhimento dos caídos e na prática do mútuo pastoreio; **relevante** como consciência profética da sociedade, na prática dos dons espirituais e no suprimento eficaz de necessidades. Nosso *slogan*: **Bíblica, Autêntica, Graciosa e Relevante**.

Entendemos que um discípulo maduro e reprodutivo é um **cristão frutífero**, possuidor de **cinco** características: **salvo, santo, servo, conhecedor e ungido**.

O Curso Cristão Frutífero trabalha a **terceira** característica listada acima – o cristão como **servo**.

O Alvo do Curso de Ministérios é auxiliar você a **servir** de forma **empolgante** e **significativa**, dentro da estrutura de aperfeiçoamento dos santos da Igreja Presbiteriana Central do Gama.

A integração ideal do discípulo ao serviço na igreja é feita em **quatro** etapas ou passos, que são **profissão de fé, descoberta dos dons espirituais, confirmação do serviço orientado por Deus e ministério frutífero**.

A estrutura de aperfeiçoamento dos santos existente na IPCG é formada por **cinco** áreas: **cultos, igreja nos lares, sociedades internas, ministérios e ensino bíblico**, todas elas entrelaçadas pela **rede de pastoreio**.

Todos os cristãos devem trabalhar com amor, para **glorificar a Deus** e **servir ao próximo**.

Ao assumir tarefas ou cargos, o cristão deve levar em conta as suas **áreas de desenvolvimento pessoal**, que são **entusiasmo** e **identificação**, ou simplesmente **vocação; dons espirituais**, ou simplesmente **capacitação e estilo pessoal**, ou simplesmente **seu jeito de ser**.

# 2

## Entusiasmo e Identificação: Vocação Para o Serviço

*“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28b)*

*Textos de Referência: Jr 1.4-5; Gl 1.15-16; Sl 100.2;  
Cl 1.29;*

## Visão Geral

### Informações contidas nesta unidade:

- O conceito de vocação para o serviço.
- Relação entre vocação e entusiasmo.
- As quatro características da vocação para o serviço.
- Questionário de reflexão vocacional e identificar, dentro da estrutura da igreja, possíveis áreas de vocação.

### Conceituação

No âmbito da doutrina cristã, a palavra vocação tem dois significados:

#### O Chamado de Deus na Conversão

A vocação é compreendida como o *chamado para a salvação que produz conversão*, uma obra do Espírito que confirma a palavra pregada e gera fé no coração dos eleitos (At 16.13-15; Rm 8.28-30).

*O Espírito Santo opera de tal maneira sobre o povo eleito de Deus, que eles são levados ao arrependimento e à fé, e assim feitos herdeiros da vida eterna, por meio de Jesus Cristo, Senhor deles. Esta obra do Espírito, nas Escrituras, chama-se vocação (Hodge, 2001, p. 961).*

## O Chamado de Deus Para o Serviço

Vocação significa também o chamado que Deus faz aos seus filhos, para que estes *realizem determinadas tarefas*, em contextos históricos específicos (Êx 31.1-6; Js 1.1-2; Jz 6.11-14; Mt 4.18-22; At 26.12-28). É este segundo sentido do termo que nos interessa neste curso: *Deus chama seres humanos para trabalharem em sua obra*.

## Vocação, Carreira e Trabalho

O conceito de vocação para o serviço divino distingue-se das idéias de carreira e trabalho. Stevens (1998, p. 89) explica isso através do exemplo da vida do patriarca José, que foi treinado desde a infância para ser pastor dos rebanhos de seu pai, depois tornou-se, involuntariamente, escravo e prisioneiro e por último, foi elevado ao cargo de primeiro-ministro do Faraó.



- Uma *carreira* é uma profissão para a qual alguém se prepara e que abraça a fim de exercê-la por toda a vida, apesar dos sonhos. Neste sentido, a carreira de José era pastor de ovelhas.
- Um *trabalho* é uma atividade efetivamente exercida por uma pessoa. Como escravo e prisioneiro, José passou por horas tediosas e difíceis.
- Uma *vocação*, utilizando a citação que Stevens faz do Webster's Dictionary, é "um chamado, uma convocação ou um impulso para que se adote certa função ou carreira, especialmente no campo religioso". De acordo com o dicionário Aurélio Século XXI, vocação pode ser entendida como "chamamento, predestinação".

Em suma, alguém pode ter um trabalho que não corresponda necessariamente à sua carreira. Diversos fatores e circunstâncias podem, por exemplo, orientar um engenheiro para que trabalhe como um administrador de empresas.

Este sentido religioso da vocação é claramente percebido nos *ofícios eclesiásticos* (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres), estabelecidos por Deus para que seu povo seja governado pelo ministério da Palavra (Ef 4.11-12ss). Calvino (1998, p. 120) entende que o chamado divino é a base de tais ofícios quando afirma que "os apóstolos não inventaram a si próprios, mas foram escolhidos por Cristo; e, ainda hoje, os pastores genuínos *não se precipitam temerariamente ao sabor de sua própria vontade, e, sim, são levantados pelo Senhor*" (grifo do autor).

## A Soberania de Deus e os Desejos Humanos

O entendimento da doutrina da vocação para o serviço na igreja exige que conheçamos a relação entre a soberania de Deus e os desejos e expectativas humanos. Stevens (1998, pp. 89-91), sugere que o exemplo de José nos ensina cinco princípios:

## Precisamos conhecer nossos dons e motivações

José realizou suas atividades atuando com base em seus dons e motivações.

*“Num sentido literal, você é os seus dons. Portanto, descobrir seus dons e suas motivações básicas torna-se uma de suas tarefas mais importantes. À luz da soberania de Deus, cumprir sua vocação é fazer basicamente o que lhe vem de maneira natural, seja isso falar, escrever, plantar, esculpir ou administrar” (pp. 89-90).*

Acerca dos dons, falaremos na próxima unidade. Por ora, é importante frisar que a vocação nos mobiliza para realizarmos coisas que, de certo modo, têm a ver conosco, com as quais nos identificamos e para as quais recebemos capacitação divina.

## A providência de Deus nos encaixa em diversas funções, situações e tarefas, sempre para a sua glória

José foi pastor de ovelhas, escravo e alto funcionário do governo egípcio, atuando como salvador do seu povo. *Deus esteve com ele em todos os momentos.* Apesar de ser um administrador, ele foi chamado para ir *“além do que lhe era natural.* É bom discernir a soberania de Deus em nossa formação e maneira de ser. É melhor viver para Deus no lugar em que estamos, seja onde for. Nisso reside o crescimento e a graça” (p. 90, grifo meu).

Essa compreensão é vital para a saúde da fé e das emoções. José passou um bom tempo preso, em uma situação que não havia escolhido, para a qual não estava naturalmente adaptado e que certamente era desagradável. Sua vocação, o resultado de todo o processo histórico de sua vida, não era o resultado de uma série de escolhas indolores e alegres.

Podemos nos sentir profissionalmente frustrados ou vocacionalmente insatisfeitos mas, mesmo assim, temos de saber que *nossa vida transcorre debaixo do controle de um Deus soberano.* Em outras palavras, é possível passar por dificuldades e enxergar motivos de frustração, *mesmo quando estamos no centro da vontade divina.* A aceitação serena deste fato é o que separa o infantilismo da maturidade.

*Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glórias vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força (1 Cr 29.11-12).*

## O único erro que podemos cometer é não querermos fazer a vontade de Deus, não querermos glorificá-lo no lugar em que estamos

No sentido absoluto, não existem “erros vocacionais”. Tudo o que ocorre conosco está dentro da providência divina:

*Pela mui sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de*

*todas as coisas, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até à menor (Confissão de Fé, V, I).*

Stevens afirma isso de modo particularmente feliz:

*Os tapetes artesanais persas são repletos de erros. Mas os tapetes acabam sendo lindos porque quando o mestre-artesão vê um erro na trama, incorpora, junto com seus ajudantes, o erro em traçado agora alterado. Nosso Deus soberano nunca comete um erro, nunca falha (p. 91).*

### **O pior que talvez aconteça em sua carreira pode vir a ser um treinamento de Deus para outra coisa**

O José lançado por seus irmãos, no fundo de um poço, era um jovem orgulhoso, imaturo e delator (Gn 37.2, 5-11). Além disso, através da prisão, ele chegou ao Faraó. A vocação tornou-se clara a partir do trabalho.

### **Qualquer que seja o trabalho, a carreira ou a vocação em que você se encontre, saiba que Deus lhe chama a andar pela fé e não de acordo com o que você vê**

De acordo com Stevens, “José não conseguia encontrar o significado da vida olhando para o fruto de seu trabalho. *O significado de sua vida era encontrado em seu relacionamento com Deus.* Como José, talvez você leve tempo até saber como Deus o conduziu, como Deus o usou. Talvez você nem consiga dizer, nesta vida: ‘Não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito’” (Gn 45.8 – ob. cit., p. 91; grifo meu).

## **Vocação e Sacerdócio Universal**

Se a vocação para servir a Deus é tida como certa quanto aos personagens bíblicos do passado e pastores do presente, não se pode dizer o mesmo dos outros membros da igreja. Há quem entenda que existam duas categorias de crentes: especialistas (os clérigos<sup>1</sup>) e comuns (os leigos<sup>2</sup>).

Os *clérigos* – ministros do evangelho, missionários, evangelistas etc. – são os vocacionados que desempenham um serviço sacerdotal, mediando a relação entre Deus e o povo.

Os *crentes comuns*, afirma-se, “não são vocacionados” para o serviço na Igreja. Cabe a estes apenas manter a estrutura religiosa com seus dízimos e assistência aos cultos. Alguns podem até contribuir esporadicamente como

---

<sup>1</sup> O termo “clérigo” significa, literalmente, um indivíduo que tem as ordens sacras; alguém que pertence à classe eclesiástica ou um sacerdote cristão. O termo sacerdote deriva do latim *sacerdos*, aquele que oferece sacrifícios (Hughes, 1990, p. 329).

<sup>2</sup> O termo “leigo” define alguém que não pertence à hierarquia da Igreja ou o indivíduo que é estranho, alheio ou desconhecedor de um assunto.



voluntários, mas isso não faz parte do procedimento convencional. O trabalho “de Deus” deve ser feito majoritariamente pelos especialistas em teologia ou liturgia.

Tais conceitos, alimentados desde os primeiros séculos do cristianismo, destoam da história da Igreja descrita no livro de Atos e da doutrina do sacerdócio universal. Esta doutrina estabelece que a divisão da Igreja em duas categorias é improcedente, tendo em vista que, através de Cristo, todos os que crêem tem acesso a Deus.

*Permanece, no entanto, um sacerdócio que pertence àqueles que, pela fé, foram unidos com Cristo. Costuma-se chamá-lo “o sacerdócio de todos os crentes”. [...] É por isso que somos exortados a “apresentar os nossos corpos”, isto é, a nós mesmos, “por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”(Rm 12.1); e, ao nos sacrificarmos de boa vontade, expressamos o nosso sacerdócio espiritual nos atos de louvor e gratidão, e no serviço altruísta ao nosso próximo, quando ministramos às suas necessidades.[...]*

*[O reino de Cristo], acima de tudo, não possui nenhum sistema sacerdotal. Não interpõe nenhuma tribo ou classe sacerdotal entre Deus e o homem, por cujo exclusivo intermédio Deus é reconciliado e o homem perdoado. Cada membro individual tem comunhão pessoal com a Cabeça Divina. A pessoa tem responsabilidade imediata diante dEle, e é diretamente dEle que ela obtém perdão e adquire força (Hughes, 1990, p. 329).*

Esta doutrina, definida a partir do ensino bíblico sobre a salvação, tem implicações grandiosas para o serviço cristão. A Igreja é raça de sacerdotes, chamada e capacitada espiritualmente para o serviço divino (1 Pe 2.9-10; 1 Co 12.4-11). Os cristãos devem servir por amor a Deus e ao próximo. Tais afirmações estabelecem a impossibilidade de vivenciar o cristianismo autêntico à parte da encarnação do espírito de servo, bem como da produção de frutos (Fp 2.1-11; Cl 1.9-10; Ap 14.13).

## Vocação Personalizada

Não apenas todos os cristãos são vocacionados para o serviço, mas *existe um nível surpreendente de especificidade na vocação*. Deus não apenas chama a todos os seus filhos para que abracem o serviço do reino, mas convoca para o cumprimento de missões especiais, *personalizadas*.

Isso significa que, além de atentar para todas as oportunidades de trabalho para Cristo, é preciso discernir o serviço que Deus “de antemão preparou” para você (Ef 2.10; Jr 1.4-5; Gl 1.15-16).

*O trabalho a que Jesus te chama aqui,  
Como será feito, se o não for por ti?  
Hino 312 – Hinário Novo Cântico*

## Os Modos da Vocação e os Conflitos Vocacionais

Deus trabalha em nós de forma interessante, a fim de confirmar nossa vocação:

- Ele nos convoca diretamente, *falando aos nossos corações*. Este chamado do Espírito pode iniciar-se sutil e misteriosamente, até o ponto em que se revela claro e indiscutível (Gl 1.15-16).
- Ele nos ajuda a *enxergar oportunidades e necessidades de realização de tarefas*. Começamos a perceber que certas coisas precisam ser feitas e nos voltamos para tais atividades.
- É neste ato de “nos voltarmos” para as coisas concernentes à vocação que surgem *complexidades*. Alguns respondem imediatamente às necessidades, verificando neles a voz divina que chama (Is 6.8-9ss). Outros, relutam antes de finalmente serem convencidos (Ex 3.1-10; Jr 1.4-5). Outros, são levados ao trabalho depois de um período de busca da presença de Deus (Ne 1-2) e há aqueles que nem sequer se dão conta de estarem cumprindo uma vocação divina, apesar de estarem sendo guiados pelo Senhor para o cumprimento de seus santos e benditos propósitos (Gn 40-41; Et 1-9). Esta última situação aponta para uma verdade grandiosa: *nem sempre precisamos responder conscientemente à vocação para que esta se torne efetiva, resultando na glória de Deus e na edificação do seu reino*.

A vocação pode, ainda, gerar conflito. Por um lado, ela exerce fascínio; por outro, é analisada com hesitação, insegurança, medo e até repulsa.

Isso acontece porque, primeiramente, *ela exige algo que vai além de nossas possibilidades* (Êx 3.11-4.17). Além disso, ela força uma ruptura com nossos projetos de vida imaturos, carnavais e egoístas (Pv 16.1-3, 9; 19.21; 20.5; 21.2).

Esse período conflituoso dá lugar a uma segurança interior, gerada pela graça divina, capacitando-nos a aceitar o chamado.

## Vocação e Entusiasmo

A vocação acontece num contexto de *vida integral*. Se por um lado ela nos convoca para uma experiência nova, para a qual não temos habilidades ou recursos suficientes em nós mesmos, por outro, ela tem a ver com *aquilo que somos* – com a totalidade de nossa estrutura, definida por nossa experiência histórica, talentos naturais, qualificações adquiridas e anseios interiores (desejos e sonhos).

Além disso, *o ministério a ser desenvolvido no corpo de Cristo nem sempre é radicalmente diferente da atividade profissional*. Na maioria das vezes, a bagagem utilizada para “ganhar o pão” faz parte de um conjunto de ferramentas que o Espírito Santo usa para o crescimento do reino.

Da mesma forma, as coisas que fazemos com mais prazer no âmbito não religioso, tais como confeccionar artesanato, organizar coleções, praticar esportes, ler, conversar com pessoas etc., podem relacionar-se com nossa



vocação. *Deus inclina os nossos corações para atividades relacionadas ao chamado para o serviço.*

No fim das contas, encontramos satisfação, alegria, senso de identidade e realização quando “nos rendemos” a esta vocação. É por causa disso que o salmista afirma que o serviço a Deus *pode e deve ser prestado com alegria* (Sl 100.2). Semelhantemente, o apóstolo Paulo, ainda que suportando adversidades, conseguia expressar satisfação no ministério de Cristo (Fp 1.3-4, 12-13, 18, 21-26; 2 Co 6.4-10). O rei Davi, compreendendo esta verdade, ensinou que o discípulo de Cristo deve ter fé, alimentar-se da verdade e agradecer-se do SENHOR (Sl 37.3-5; 40.8).

A *alegria de servir produz entusiasmo*, em termos semelhantes aos descritos por Hodge (ob. cit., p. 46):

*No sentido popular do termo, entusiasmo significa um **elevado estado de excitação mental**. Nesse estado, todas as faculdades são despertadas, os pensamentos se tornam mais dilatados e vívidos, os sentimentos ficam mais férteis e a vontade, mais determinada. É nesses períodos de excitação que as mais importantes obras dos gênios, poetas, pintores ou guerreiros têm sido concretizadas. Os antigos faziam referência a esse estímulo do homem interior como motivado por influência divina. Consideravam as pessoas assim excitadas como que possuídas ou possuindo um deus dentro de si. Daí eram chamadas entusiastas [**enteos** – **teo** = deus] (grifos do autor).*

Em Teologia Sistemática, entusiastas são aqueles que ignoram ou rejeitam a autoridade das Escrituras, preferindo atentar para as influências “divinas” provindas do homem interior. Na doutrina da vocação para o serviço, porém, entusiasta é alguém que foi despertado pelo Espírito para servir com alegria e por isso mesmo dedica a Deus o melhor.

A partir desta constatação da vocação como algo que se verifica na totalidade da vida, sugere-se o seguinte:

1. Peça a Deus que torne clara a sua chamada.
2. Converse com cristãos que estão seguros quanto às suas vocações e aprenda com suas experiências.
3. Verifique a lista de serviços e atividades, mostrada no final desta unidade, e marque as áreas de serviço com as quais você mais se identifica.
4. Caso não encontre nenhuma área, sugira serviços relacionados a coisas com as quais você se identifique.
5. Sirva. Experimente serviços diferentes, até encontrar aquele de que mais goste.
6. Mesmo sem definir claramente sua vocação, persevere na fé, na santidade e na busca de frutos para a glória de Deus.

## Quatro Características da Vocação

- Deus tem uma obra a ser realizada por cada cristão.
- Servir no lugar indicado por Deus traz satisfação, paz e alegria.
- A providência divina coordena as coisas de forma que sintamos prazer, que gostemos ou sejamos atraídos para aqueles serviços relacionados à nossa área de vocação. Isso é assim porque o Senhor deseja que nos identifiquemos e que sintamos entusiasmo ao realizar a obra por ele designada.
- Ao conhecermos nossa vocação, conseguimos responder à pergunta “onde devo servir?”.

## Questionário de Reflexão Vocacional

- Ore enquanto considera suas respostas.
- Complete o questionário sozinho.
- Não há respostas certas nem erradas.

No final de minha vida gostaria de olhar para trás e saber que fiz algo em prol de:

---

---

Se alguém mencionasse seu nome para um grupo de amigos seus, o que eles diriam ser o seu maior interesse?

---

---

Observe a lista de tipos ou grupos humanos abaixo. Marque com um traço aqueles com os quais você se identifica ou para os quais gostaria de realizar um serviço cristão:

Bebês	Crianças	Pré-adolescentes
Adolescentes	Jovens	Homens
Mulheres	Casais	Famílias
Deficientes	Desempregados	Enfermos
Líderes	Marginalizados	Pobres
Presos	Solitários	

Outros \_\_\_\_\_

---

Observe a lista de algumas atividades, serviços e causas gerais. Marque com um traço aquelas com as quais você se identifica ou através das quais gostaria de realizar um serviço cristão:

Acampamentos	Administração Escolar	Administração Geral
Atend. Visitantes	Artesanato	Atividades de lazer
Ativ. Socialização	Criação Publicitária	Computação
Conf. Cartazes	Concerto Máqs. e Equip. s.	Culinária
Decoração	Desenho	Digitação
Educação Física	Enfermagem	Ensino
Hospedagem	Limp. e Conservação	Marcenaria
Marketing	Música	Projetos Sociais
Redação	Reparos Gerais	Revisão de Textos
Secretariado	Serviços de Escritório	Serviços Médicos
Serviços Odontológicos	Serviços de Psicologia	

Outros: \_\_\_\_\_

## Sumário de Vocação

Baseado em minhas respostas acima, é possível que minha vocação tenha relação com as seguintes atividades (escreva os nomes das atividades nas linhas da figura abaixo):

**Provavelmente, Minha Vocação Abrange a(s) Seguinte(s) Área(s):**

---

---

---

## Resumo

- Deus tem uma obra a ser realizada por cada cristão.
- Servir no lugar indicado por Deus traz satisfação, paz e alegria.
- A providência divina coordena as coisas de forma que sintamos prazer, que gostemos ou sejamos atraídos para aqueles serviços relacionados à nossa vocação. Isso é assim porque o Senhor deseja que nos identifiquemos e que sintamos entusiasmo ao realizar a obra por ele designada.
- Ao conhecermos nossa vocação, conseguimos responder à pergunta **“onde devo servir?”**.

# 3

## Capacitação I: Os Dons Espirituais

“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”

*Textos de Referência: At 2.16-21; Cl 1.9-12; Rm 1.11-12; 1 Pe 4.7-11; Rm 12.6-8; 1 Co 7.7-9, 12.8-10, 28; Ef 4.11; 1 Co 12.4-7; Ef 4.12-16; 1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6; 1 Co 13.1-13; 1 Co 1.4-9.*

## Visão Geral

### Informações contidas nesta unidade:

- O que são, para quê servem e quem possui os dons espirituais
- Uma proposta de lista de dons, segundo o Novo Testamento
- Principais características e uso dos dons espirituais

### Introdução

O estudo pormenorizado sobre os dons espirituais é um fenômeno recente, iniciado com o surgimento do pentecostalismo, no início do século passado. Nas igrejas tradicionais, surgiu a partir da década de 50, com as atividades do *Gospel Men's Fellowship*, espalhando-se depois por todo o mundo e chegando ao Brasil na década seguinte. As igrejas históricas brasileiras foram despertadas a partir da década de 70, motivadas por duas situações: as divisões provocadas pelos movimentos de “renovação carismática” e o surgimento de movimentos alternativos, enfatizando a dimensão orgânica da Igreja. A década de 80 foi rica para o debate sobre o assunto e a de 90 consolidou as reflexões dos anos anteriores.

As teologias sistemáticas clássicas, adotadas pelas igrejas reformadas, não tratam dos dons espirituais. A *Teologia Sistemática* de Hodge foi escrita no século XIX, no período em que Charles Finney influenciava decisivamente

a Igreja na direção do secularismo e precisavam ser respondidas perguntas relacionadas ao racionalismo e misticismo. A *Teologia Sistemática* de Berkhof foi escrita no início deste século quando a reflexão sobre os dons não estava bem iniciada.

*Durante séculos, as igrejas presumiram que apenas uma minoria de cristãos (bons clérigos e mais uns poucos) tinham dons para ministrar, e elas davam ao assunto dos dons pouca atenção. Antes do século XX, só um estudo dos dons do Espírito havia sido escrito em inglês, da lavra do puritano John Owen em 1679-80 — e, assim mesmo, em pequena escala. A ênfase atual na universalidade dos dons, e na expectativa de Deus acerca do ministério de todos os membros no corpo de Cristo, por muito tempo já se fazia necessária, pois o ensinamento do Novo Testamento acerca de ambos os pontos é explícito e claro (Packer, 1991, pp. 25-26).*

Recentemente, no Brasil, foram publicadas três teologias sistemáticas que abordam o ensino bíblico sobre os dons. São elas a *Teologia Sistemática* de Grudem, publicada em 1994<sup>3</sup>, a *Introdução à Teologia Sistemática*, de Erickson, de 1992<sup>4</sup>, estas duas, verdadeiramente teologias desenvolvidas por um só pensador, e *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*, editada por Stanley M. Horton, que na verdade não se enquadra exatamente na categoria de teologia sistemática, por ser uma coletânea de artigos doutrinários, escritos por diversos autores.

A história mostra que, mesmo não sendo articulada doutrinariamente, a realidade carismática sempre manifestou-se no cotidiano da Igreja, mesmo nos períodos de maior aridez espiritual e apostasia.

O ano de 1997 foi dedicado, pela IPCG, aos estudos sobre os dons espirituais. Esta e a próxima unidades deste curso trazem o sumário daquelas reflexões, acrescidas de novas considerações, resultadas de amadurecimento doutrinário e prática eclesial.

## O Que São os Dons Espirituais

### ***Uma Tentativa de Definição***

Veja como alguns autores definem os dons espirituais:

*Dom espiritual é um instrumento dado ao crente pelo Espírito Santo, para que Ele, o Espírito, possa ministrar a todo o Corpo, por intermédio desse crente (Knight, 1996, p. 17).*

*Dons espirituais são poderes práticos para demonstrar Cristo (Packer, 1991, p. 80).*

*Um dom espiritual é uma habilidade para expressar, celebrar, demonstrar e, portanto, comunicar Cristo de um modo que edifique e fortaleça a fé em outros cristãos e faça a Igreja crescer (Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p. 1406).*

<sup>3</sup> No Brasil, a primeira edição saiu em 1999 e uma segunda impressão foi feita em 2000.

<sup>4</sup> A primeira edição foi publicada no Brasil em 1999.

Apesar de reconhecer a excelência de todas as definições acima, para efeito deste curso, é utilizado o seguinte conceito:

**Dom espiritual é qualquer talento potencializado pelo Espírito Santo e usado no ministério da igreja (Grudem, 2000, p. 859).**

Essa última definição foi escolhida porque é ampla, abrangendo tanto os dons vistos como talentos naturais (liderança, generosidade) quanto os que são considerados como “milagrosos” (curas, profecia, línguas etc.). Hughes, citado por Knight, afirma que o Espírito Santo “repousa sobre uma capacidade natural e com ela se relaciona, de modo que a transforma e a transfigura a tal ponto que se torna o potencial para uma significativa contribuição no ministério da Igreja” (Knight, 1996, p. 19). Packer chega a dizer que “os dons mais significativos da vida da igreja (pregação, ensino, liderança, conselho...) normalmente são *capacidades naturais santificadas*” (Packer, 1991, p. 28). Knight afirma que “talentos não são de segunda classe. São uma classe *diferente*. Talentos freqüentemente fazem parte dos recursos para o exercício de um dom espiritual” (Knight, 1996, p. 19). David Lim faz uma contribuição interessante neste ponto, dizendo que “os dons são encarnacionais. Isto é, Deus opera através dos seres humanos. Os crentes submetem a Deus sua mente, coração, alma e forças. Consciente e deliberadamente, entregam tudo a Ele. O Espírito, então, os capacita de modo sobrenatural a ministrar acima de suas capacidades humanas e, ao mesmo tempo, a expressar cada dom através de sua experiência de vida, caráter, personalidade e vocabulário” (Horton, 1996, p. 470).

Nossa maior preocupação deve ser, então, não de tentar classificar detalhadamente o que em nós é dom espiritual ou talento natural. *O importante é dispor tudo o que somos e temos para que Deus use para a sua glória*. Ele vai fazer de tal forma que nossos talentos sejam uma espécie de estrutura auxiliar para o exercício de nossos dons. Em todos estes casos, o princípio subjacente da operação de Deus em e através de nós é o da nossa *dependência* do Espírito Santo. Devemos, continuamente, andar e servir no Espírito (Rm 8.14; Gl 5.16, 25), estando sempre dependentes de sua direção, unção e capacitação para realizarmos qualquer coisa em seu nome. “Uma vida sobrenatural, mediante o poder sobrenatural, está no cerne do cristianismo do Novo Testamento, de forma que aqueles que, embora professando fé, não experimentam nem demonstram este poder, são suspeitos, segundo os padrões neotestamentários” (Packer, 1991, p. 21).

### **O Espírito Santo Nos Últimos Dias**

Lê-se na Confissão de Fé (34, 4, p. 162-D), que o Espírito Santo promove a unidade do crente com Cristo e com o restante da Igreja. Ele também vocaciona pessoas para os ofícios diversos e “concede vários dons e graças aos demais membros”. Isso indica que, tal como prometido por Cristo, não fomos deixados sozinhos, pois o Consolador foi derramado sobre a Igreja, a fim de capacitá-la para a obra que teria de realizar.

O dia de Pentecostes inaugurou um novo tempo. Foi iniciado o cumprimento da profecia de Joel (At 2.16-21). O Espírito Santo, que no Antigo



Testamento era dispensado de forma parcimoniosa, passou a estar presente, abundantemente, nos servos de Cristo.

## **O Espírito e a Vida Poderosa**

O padrão divino, para o discípulo de Jesus Cristo, é uma vida iluminada, pura, frutífera, esclarecida e repleta do poder e das virtudes do Espírito (Cl 1.9-12). É neste contexto de serviço ungido que são entendidos os dons espirituais. Eles fazem parte dos recursos concedidos por Deus para o ministério cristão.

## **Para Quê Servem os Dons**

Os autores do Novo Testamento listam diversas finalidades para os dons espirituais:

- O uso dos dons produz confirmação e conforto “da fé mútua” (Rm 1.11-12; 1 Co 1.6-8).
- Os dons possibilitam os serviços e realizações da Igreja (1 Co 12.4-6).
- Os dons, quando exercitados devidamente, suprem necessidades reais, geram edificação e glorificam a Deus (1 Co 12.7; 1 Pe 4.10-11).

*A existência continuada bem como a união de qualquer igreja depende de se repartir com outros aquele Espírito repartido. Isto quer dizer que o Espírito que cria a comunidade, procura, constantemente, se manifestar nas expressões concretas de graça (**charismata**), sendo que somente elas podem edificar aquela comunidade na maturidade em Cristo (Rm 12.4-8; 1 Co 12.14-26; Ef 4.11-16). Paulo considera estas manifestações do Espírito, marcantemente, como dádivas (não conseguidas pelo homem), como expressões da energia divina (não do potencial ou do talento humano), como atos de serviço que promovem o bem comum (não para edificação pessoal, nem para engrandecimento do eu” – Brown, Vol. II, 1985, p. 145).*

## **Quem Possui os Dons Espirituais**

De acordo com 1 Co 12.7, “cada um” recebe a “manifestação do Espírito”. Os dons são graças doadas livremente pelo Espírito Santo a *todos os crentes*. Todo o que “nasce de novo” recebe o selo do Espírito, e juntamente com este, os carismas necessários para o desempenho de seu serviço (Ef 1.13-14, 4.5-8).

Vemos no livro de Atos, na própria vida de Paulo, o exemplo dessa doutrina: Logo após a conversão, ele recebeu uma palavra profética do Senhor, provinda de Ananias, e desfrutou da dádiva do Espírito. Depois de certo tempo, passou a pregar destemidamente nas sinagogas (At 9.3-22). Observa-se a conversão e a capacitação espiritual como os dois lados de uma mesma moeda.



## Uma Proposta de Lista de Dons do Espírito

Encontramos listas de dons nas seguintes passagens bíblicas: Rm 12.6-8; 1 Co 7.7; 12.8-10, 28; Ef 4.11 e 1 Pe 4.11 (tabela 01).

Tabela 01. Listas de dons no Novo Testamento

<b>Romanos 12.6-8</b>	<b>1 Co 12.8-10</b>	<b>Ef 4.11</b>
1. Profecia	8. Palavra da sabedoria	(Apóstolos)
2. Serviço	9. Palavra do conhecimento	(Profetas)
3. Ensino	10. Fé	Evangelistas**
4. Exortação	11. Dons de curar	Pastores-mestres**
5. Doação	12. Operações de milagres	
6. Direção	(Profecia)	
7. Demonstração de misericórdia	13. Discernimento de espíritos	
	14. Variedade de línguas	
	15. Interpretação de línguas	
<b>1 Co 7.7-9*</b>	<b>1 Co 12.28</b>	<b>1 Pe 4.11</b>
Casamento	Apóstolos**	Falar
Celibato	Profetas**	Servir
	Mestres**	
	(Operadores de milagres)	
	(Dons de curar)	
	16. Socorros	
	17. Administração	
	(Variedade de línguas)	
	(Interpretação de línguas)	

\* Como este curso focaliza apenas o contexto de serviço da igreja local, não consideramos os dons citados em 1 Co 7.7-9.

\*\* Tais designações são tratadas na próxima unidade, sob o título de “ofícios”

### Categorias de Dons

O texto de 1 Pe 4.11 é uma espécie de resumo das outras passagens. “Os dons espirituais podem de modo geral ser classificados em dois grupos: habilidades para falar, e habilidades para prestar ajuda prática com amor. Em Rm 12.6-8, a lista de dons feita por Paulo alterna-se entre estas categorias: profecia, ensino e exortação são dons de fala; serviço, doação, direção e demonstração de misericórdia, que são dons de auxílio” (Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p. 1406). Kistemaker (2004, p. 583), sugere uma divisão tripla:

**1. Dons Pedagógicos:** Sabedoria e conhecimento.

**2. Sobrenaturais:** Fé, curas, milagres.

**3. Comunicativos:** Profecia, espírito de discernimento, línguas, interpretação de línguas.

Schalkwijk (2004, p. 13) argumenta que os dons reproduzem, em escala limitada, os **ofícios de Jesus Cristo**, *Profeta* (dons de comunicação), *Sacerdote* (dons de serviço ao próximo) e *Rei* (dons relacionados ao governo).

### **Dons e Ofícios**

A lista de Ef 4.11 refere-se aos **ofícios** que Deus deu à Igreja, para que esta seja governada pelo ministério externo da Palavra. Erickson (1997, p. 357), explica que os ofícios são, literalmente, “as pessoas que são dons de Deus para a igreja”. Calvino também escreveu sobre o assunto:

*É possível que nos surpreendamos com o fato de que, quando o apóstolo fala dos dons do Espírito Santo, ele enumera os ofícios em vez dos dons. Respondo que, sempre que os homens são chamados por Deus, os dons são necessariamente conectados aos ofícios. Pois Deus não veste homens com máscaras ao designá-los apóstolos ou pastores, e, sim, os supre com dons, sem os quais não têm eles como desincumbir-se adequadamente de seu ofício. Portanto, aquele que for designado apóstolo mediante a autoridade de Deus não exhibe um título vazio e inútil; pois ele é investido, ao mesmo tempo, tanto com a autoridade como com a capacidade (Calvino, 1998, pp. 119, 120).*

Aprenderemos mais sobre os ofícios na próxima unidade.

### **Diversidade de Dons**

Há maneiras diferentes de relacionar e classificar os diversos dons, mas isso não deve motivar desentendimentos entre os cristãos. Nesse aspecto Stott argumenta que Deus concede os dons de modo soberano, livre e criativo, o que significa que ele não é obrigado a repetir hoje exatamente os mesmos dons descritos no Novo Testamento. Ao mesmo tempo, o Senhor pode conceder dons inteiramente novos, de acordo com os seus planos específicos para cada igreja e pessoa: “Quantos dons existem? [...] devemos dizer: ‘O Novo Testamento especifica pelo menos vinte, e o Deus vivo que ama a diversidade e é um doador generoso pode muito bem conceder muito, muito mais do que isto’” (Stott, 1993, p. 66).

## **Características e Uso dos Dons Espirituais**

A presença dos dons não é, necessariamente, evidência de maturidade. “é possível ter dons espirituais notáveis em uma área ou outra, mas mesmo assim ser bem imaturo no entendimento doutrinário ou na conduta cristã, como era o caso em Corinto” (Grudem, 2000, p. 872). O discípulo da IPCG, no entanto, é convocado a ser “maduro e reprodutivo”. O primeiro passo para a maturidade é entender que os dons devem ser vistos sob duas perspectivas (tabela 02).

- **Descoberta.** Os dons precisam ser conhecidos (1 Co 12.1, 31). Isso exige que saibamos do ensino bíblico sobre sua existência e necessidade, notando que *eles nos mostram a graça e o poder de*

*Deus.* Passamos a compreender que somos chamados a viver sob a égide do Espírito, supridos e capacitados sobrenaturalmente. Este primeiro aspecto é fundamental para que nos abramos para sermos usados pelo Senhor — para que o sirvamos utilizando os dons recebidos.

*Os crentes são ricamente equipados com diferentes dons, mas é preciso que cada um reconheça que o Espírito de Deus lhe proporcionou tudo quanto possui, porquanto ele derrama seus dons assim com o sol difunde seus raios por toda a terra (Calvino, 1996, p. 377).*

Tabela 02. Os dons para edificação

Os Dons Para Edificação	
<i>Descoberta</i>	<i>Prática</i>
A Graça e o Poder de Deus	A Missão e o Caráter de Cristo

- **Prática.** Após conhecermos os dons, precisamos praticá-los biblicamente. Aqui encontra-se a dificuldade de muitos, pois a Escritura insiste em dizer que os dons são ferramentas para o cumprimento da vocação, da *missão recebida de Deus* e que precisam subordinar-se aos interesses divinos (e não aos nossos). Além disso, *devem ser ministrados no caráter de Cristo*, com amor, santidade, humildade e todas as outras virtudes que fazem parte do “fruto do Espírito” (1 Co 13.1-3; Gl 5.22-24).

Os dons espirituais apresentam ainda, algumas características que precisam ser conhecidas. Erickson (1997, p. 358) propõe uma boa síntese:

1. *Os dons são concedidos para o corpo (a igreja). Eles são para edificação de todo o corpo, não meramente para o prazer ou o enriquecimento dos indivíduos que os possuem (1 Co 12.7; 14.5, 12).*
2. *Nenhuma pessoa, sozinha, possui todos os dons (1 Co 12.14-21), nem acontece de um dos dons ser concedido a todas as pessoas (1 Co 12.28-30). Por conseguinte, cada membro da igreja precisa dos outros.*
3. *Embora não sejam igualmente notáveis, todos os dons são importantes (1 Co 12.22-26).*
4. *O Espírito Santo distribui os vários dons a quem lhe apraz (1 Co 12.11).*

Acerca desta soberania do Espírito e outros aspectos práticos do uso e consideração dos dons, Grudem (2000, pp. 868-873), faz contribuições interessantes:

- *O Espírito Santo ainda é soberano ao distribuir dons: ele os “distribui individualmente, a cada um, conforme determina” (1 Co 12.11 NVI). A palavra traduzida aqui por “distribui” é um participio presente, que indica atividade contínua através do tempo, e poderíamos parafrasear: “O Espírito Santo está*

*sempre, de contínuo, distribuindo ou dando dons a cada pessoa individualmente, assim como ele quer fazer*". Isso significa que, embora *normalmente* o Espírito Santo continue a capacitar as pessoas com o mesmo dom ou dons ao longo do tempo, há um constante desejo e decisão do Espírito Santo de fazer isso ou não, e ele pode por suas próprias razões retirar um dom por um tempo ou torná-lo maior ou menor do que era (p. 867).

- Os dons variam quanto ao poder (Rm 12.6; 2 Tm 1.6).
- Os dons podem ser negligenciados (1 Tm 4.14).
- Os dons são graças provisórias, disponíveis durante este período em que a Igreja aguarda a volta de Cristo (1 Co 1.4-9, 13.8-13).

É preciso ainda considerar se, efetivamente, os dons espirituais precisam ser buscados, e como fazê-lo. Grudem (2000, p. 870), entende que não há, no Novo Testamento, um mandamento explícito para que os crentes busquem os dons espirituais, mas isso é assim devido ao *contexto do primeiro século*, no qual os crentes estavam certos da existência dos dons e os praticavam: "Paulo parece dar por certo que os crentes sabem quais são seus dons espirituais. Ele simplesmente diz aos da igreja de Roma que usem seus dons de várias maneiras. [...] De modo semelhante, Pedro simplesmente diz aos leitores como usar seus dons e não diz nada sobre como descobrir quais são eles" (p. 870).

Se para os cristãos do primeiro século o assunto dos dons era bem conhecido, não podemos dizer o mesmo do cristianismo moderno, afetado por desequilíbrio prático e doutrinário. Hoje temos o desafio triplo de conhecer objetivamente o ensino bíblico sobre os dons; subjetivamente, descobri-los em nós e, concretamente, exercitá-los no corpo de Cristo. Mas isso deve ser feito sem arroubos de infantilismo ou manipulações de qualquer espécie, tal como orientado por Ericksen (1999, p. 364).

*Não devemos nos empenhar em buscá-los [aos dons]. Ele os concede de forma soberana; somente ele determina os receptores (1 Co 12.11). Se ele resolver nos dar um dom especial, ele o fará, não importa se esperamos por isso ou não, se o buscamos ou não. A ordem que recebemos (Ef 5.18) é de que sejamos cheios do Espírito Santo (a forma do imperativo grego indica uma ação contínua). Isso não é tanto uma questão de obtermos mais do Espírito Santo; presume-se que todos nós possuímos o Espírito em sua totalidade. Trata-se, antes, de uma questão de ele possuir uma fatia maior da nossa vida. Quando isso acontece, nossa vida manifesta quaisquer dons que Deus deseje que tenhamos, juntamente com todo o fruto e os atos de seu poder que possa querer apresentar por nosso intermédio. [...] Qualquer que seja o dom, o que importa em última análise é a edificação da igreja e a glorificação de Deus.*

Importa conhecer os dons e praticá-los segundo a vontade de Deus, pois eles nos indicam *o que faremos* quando estivermos servindo.

## Resumo

Dom espiritual é **qualquer talento potencializado pelo Espírito Santo e usado no ministério da igreja** (Grudem, 2000, p.859).

Dons espirituais servem para:

- Produzir **confirmação** e **conforto “da fé mútua”** (Rm 1.11-12; 1 Co 1.6-8).
- Possibilitar os **serviços e realizações** da Igreja (1 Co 12.4-6).
- Suprir **necessidades**, gerar **edificação** e **glorificar a Deus** (1 Co 12.7; 1 Pe 4.10-11).

De acordo com este curso:

- Ef 4.11 ensina que Deus concedeu à Igreja quatro ofícios do ministério da Palavra, **apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres**.
- O apóstolo Pedro resume os dons espirituais em **duas** categorias, **falar** e **servir**.
- Os sete dons citados na lista de Rm 12.6-8 são **profecia, serviço, ensino, exortação, doação, direção e demonstração de misericórdia**.
- Ao todo, foram apresentados 17 dons relacionados ao serviço na igreja:

- |  |   |
|--|---|
| 1 <b><u>Profecia</u></b>                     | 10 <b><u>Fé</u></b>                         |
| 2 <b><u>Serviço</u></b>                      | 11 <b><u>Dons de curar</u></b>              |
| 3 <b><u>Ensino</u></b>                       | 12 <b><u>Operações de milagres</u></b>      |
| 4 <b><u>Exortação</u></b>                    | 13 <b><u>Discernimento de espíritos</u></b> |
| 5 <b><u>Doação</u></b>                       | 14 <b><u>Variedade de línguas</u></b>       |
| 6 <b><u>Direção</u></b>                      | 15 <b><u>Interpretação de línguas</u></b>   |
| 7 <b><u>Demonstração de misericórdia</u></b> | 16 <b><u>Socorros</u></b>                   |
| 8 <b><u>Palavra de sabedoria</u></b>         | 17 <b><u>Administração</u></b>              |
| 9 <b><u>Palavra do conhecimento</u></b>      |   |

Para que os dons produzam edificação, devem ser enfocados sob dois ângulos, quais sejam, a **descoberta**, que enfatiza **a graça e o poder de Deus**, e a **prática**, que enfatiza **a missão e ao caráter de Cristo**.

Características dos dons, segundo análise de Erickson:

1. Os dons são concedidos para **o corpo, a igreja**.
2. Ninguém possui **todos os dons**. Nenhum dom é concedido a **todas as pessoas**. Cada membro da igreja **precisa dos outros**.
3. Todos os dons são **importantes**.
4. O Espírito Santo distribui os dons a **quem lhe apraz**.

Importa conhecer os dons e praticá-los segundo a vontade de Deus, pois eles nos indicam **o que faremos** quando estivermos servindo.

# 4

## Capacitação II: Os Ofícios de Ef 4.11

“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”

*Texto de Referência: Ef 4.11-16*

### Visão Geral

#### Informações contidas nesta unidade:

- Quais são e quais as finalidades dos ofícios da igreja.
- Como os ofícios são classificados.
- Quais as razões bíblicas e históricas que definem os ofícios como extraordinários e ordinários, temporários e permanentes.

#### Introdução

Não há como explicarmos os dons espirituais, sem antes esclarecermos o ensino relativo aos ofícios da igreja. O cristão frutífero realiza o seu trabalho no âmbito e para edificação da igreja, que por sua vez, é governada por um corpo de oficiais. Além disso, tal discípulo é confrontado — e às vezes pressionado — com ensinos sobre os dons, provindos de outras igrejas, que esbarram diretamente na visão reformada acerca dos ofícios. Para ser mais exato, algumas denominações confundem ofícios e dons, e tal confusão prejudica o equilíbrio doutrinário e prático das igrejas.

Aqui explicamos os ofícios citados em Ef 4.11, alterando significativamente o texto original da apostila editada em 1997, de acordo com os seguintes critérios:

- A melhor interpretação da Bíblia é a que se encaixa no sistema doutrinário que denominamos **fé reformada**. À medida em que



inconsistências com esta fé são detectadas, são feitas as devidas correções.

- Respeitamos e acatamos as **orientações doutrinárias dos concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil**. A não ser que as definições conciliares firam a Palavra de Deus, devem ser obedecidas. A Carta Pastoral “O Espírito Santo Hoje”, publicada em 1996, e a decisão CE-SC/IPB-2000, acerca do movimento G-12, possuem orientações importantes sobre os dons de línguas e profecias, bem como implicações para o entendimento do fenômeno das novas visões ministeriais e o chamado *dom de apostolado*. Estas novas reflexões, à medida em que são produzidas, estimulam e até exigem alterações deste material.
- **Novos contextos produzem novas ênfases**, que por sua vez exigem novas orientações e respostas. A forma como o assunto dos dons é tratado deve ser mudada sempre que isso contribuir para a glorificação de Deus em fidelidade bíblica, o cumprimento da Missão e a edificação da Igreja.
- Acatam-se quaisquer outras **contribuições advindas de estudiosos de outras denominações cristãs**, mantendo-se firmes os dois primeiros princípios. Neste sentido estão surgindo, em português, textos de qualidade. Os leitores atentos verão que, nesta e na próxima unidade, somos devedores a alguns escritores, principalmente a Grudem, que dedica o capítulo 53 de sua Teologia Sistemática ao tratamento dos dons de 1 Co 12.8-10 e 12.28 (especialmente sua proposta de entendimento e prática do dom de profecia) e a Packer, que propõe um entendimento bíblico, equilibrado e gentil do dom de línguas.
- Por último, as alterações são necessárias porque **somos limitados e fracos**. Não somos detentores do conhecimento absoluto. No que diz respeito aos dons espirituais, estamos caminhando e aprendendo. Não somos superiores (nem inferiores) a ninguém. Por isso temos de estar abertos à direção contínua do Espírito Santo, para que o nosso entendimento seja aperfeiçoado.

Observe-se, no entanto, que este conteúdo tem *status* de documento doutrinário. A abertura para aprender não é sinônimo de indefinição doutrinária. A caminhada do cristão, do infantilismo para a maturidade e frutificação, exige a adequação a estas perspectivas de fé e prática. Cada discípulo do Senhor Jesus deve servir conhecendo, concordando e promovendo as doutrinas da igreja, tanto denominacional quanto localmente. Práticas dissonantes, decorrentes de visões distintas acerca dos ofícios e dons, não serão permitidas, pois entendemos que isso produz confusão e conseqüentes rupturas espirituais, relacionais e institucionais (1 Co 12.20-27; Ef 4.1-6, 15-16; Fp 2.1-8).



## Os Ofícios da Igreja

Tal como afirmado na unidade anterior, Ef 4.11 lista os ofícios concedidos por Cristo à Igreja. Enquanto os dons espirituais são talentos potencializados pelo Espírito Santo e usados no ministério da igreja, os **ofícios são funções estabelecidas por Cristo para o governo da Igreja**.

De forma ampla, os ofícios atendem aos seguintes objetivos:

- Firmar as bases de expansão da Igreja, em seu início, orientando-a com relação a doutrina, estratégia de cumprimento da missão e sistema de governo.
- Suprir, liderar e pastorear a Igreja através do ministério externo da Palavra de Deus (evangelização, ensino e ministração dos sacramentos).
- Capacitar os santos para a realização de seus serviços, consolidando a formação de discípulos maduros e reprodutivos (Ef 4.12-16).

Os ofícios podem ser classificados como **extraordinários** (apóstolos, profetas e evangelistas) e **ordinários** (presbíteros, pastores-mestres e diáconos — Berkhof, 1990, pp. 589-591). Também devem ser percebidos como **permanentes** ou **temporários**:

*Devemos observar que alguns dos ofícios [...] são permanentes, enquanto outros são temporários. Os ofícios permanentes são aqueles que são indispensáveis ao governo da Igreja. Os temporários, por outro lado, são aqueles que foram designados, no início, para a fundação da Igreja e o estabelecimento do Reino de Cristo, os quais cessaram de existir desde então (Calvino, 1996, p. 389).*

### Apóstolos

Os apóstolos foram pessoas selecionadas por Cristo para publicar o evangelho, plantar igrejas, erigir o reino de Cristo e escrever palavras das Escrituras (Calvino, 1998, p. 121 e Grudem, 2000, p. 34).

Base Bíblica: Rm 2.16; 1 Co 14.37; Gl 1.8-9; Ef 2.20; 1 Ts 5.27; 2 Ts 3.14; 2 Pe 3.2; Ap 21.14.

O ofício de apóstolo é extraordinário e temporário. Foi plena e unicamente exercido pelos doze discípulos de Cristo (Lc 6.13). Estes eram aqueles que haviam convivido com o Senhor no seu ministério terreno, e testemunhado pessoalmente a sua ressurreição (At 1.21-22). Com a morte de Judas, a Igreja elegeu Matias para assumir o seu lugar (At 1.23-26). No entanto, coube a Cristo mesmo vocacionar o décimo segundo apóstolo, Paulo (Mc 3.13; At 9.3-6, 15-16; 1 Co 15.8-9; 2 Co 1.1a).

Calvino entende que os apóstolos foram únicos no que diz respeito aos limites de sua atuação missionária: “O Senhor [...] não designou-lhes quaisquer limites territoriais, nem paróquias, mas queria que agissem como seus embaixadores, por onde quer que fossem, entre os povos de cada nação

e língua. Neste aspecto, eram diferentes dos pastores que se acham limitados, por assim dizer, às suas igrejas [locais]” (1996, p. 389).

De acordo com Berkhof (1990, p. 589), “os apóstolos tinham a incumbência especial de lançar os alicerces da igreja de todos os séculos. Somente através da sua palavra é que os crentes de todas as eras subseqüentes têm comunhão com Jesus Cristo. Daí, eles são os apóstolos da igreja dos dias atuais, como também o foram da Igreja Primitiva”. Destarte, todo o edifício da fé evangélica está firmado sobre a pessoa e os ensinamentos de Cristo, revelados por intermédio desses doze apóstolos, que foram os instrumentos de Deus para a revelação do cânon do Novo Testamento (At 2.42; Ef 2.20; Ap 21.14). Nesse sentido, o ofício apostólico terminou com a morte dos doze.

*Não acreditar neles ou desobedecer a eles era o mesmo que não crer em Deus e desobedecer a Deus. Os apóstolos, portanto, tinham autoridade para escrever palavras que se tornaram palavras da Bíblia. Este fato por si só nos sugere que havia algo de singular no ofício de apóstolo, e não esperaríamos que ele continuasse hoje, porque atualmente ninguém pode acrescentar palavras à Bíblia e tê-las na conta de palavras de Deus ou como parte das Escrituras.*

*Além disso, os dados do Novo Testamento sobre as qualificações e sobre a identidade de um apóstolo também nos levam a concluir que o ofício era único e limitado ao primeiro século e não devemos esperar por mais apóstolos hoje (Grudem, 2000, p. 760).*

Isso indica que é incorreta a concessão do título de “apóstolo”, a qualquer líder religioso da atualidade. Há quem diga que tal designação é adequada a pessoas que lideram trabalhos missionários ou denominações, exercendo autoridade e supervisionando várias igrejas locais e expandindo os limites destas igrejas para outras nações. Argumenta-se que isso é válido, considerando dois fatos:

1. Em alguns contextos do Novo Testamento, o termo apóstolo é usado de forma abrangente, traduzido ora como “mensageiro”, ora como “enviado” (Fp 2.25; 2 Co 8.23; Jo 13.16; 1 Ts 2.7).
2. No Novo Testamento, além dos doze, outros são chamados de apóstolos — Barnabé (At 14.14), Andrônico e Jônias (Rm 16.7) e Tiago, irmão do Senhor Jesus (Gl 1.19; 1 Co 15.7). A referência a Jônias estimula inclusive a inserção de mulheres no ofício apostólico, uma vez que o nome pode ser traduzido por “Júnia” (Grudem, 2000, p. 762). Surgem então, as “apóstolas”, mulheres vocacionadas para a liderança da igreja, dotadas com o “dom do apostolado”.

Quanto ao primeiro argumento, os contextos das passagens citadas indicam que o uso adequado do termo grego *apostolos*, exige a idéia de enviados, mensageiros e não de possuidores de algum “dom de apostolado” ou do ofício apostólico.

Quanto aos outros irmãos, registrados como apóstolos, Tiago era um líder destacado da igreja em Jerusalém (At 15.12-21) e foi o autor da carta

com o mesmo nome, que encontra-se no cânon das Escrituras. Observe-se, no entanto, que ele não toma para si este título, identificando-se, no início de sua carta, como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg 1.1). Essa postura é completamente diferente da assumida por Paulo, que só não identifica-se como apóstolo nas cartas aos filipenses, tessalonicenses e Filemom, suas epístolas mais pessoais (Rm 1.1; 1 Co 1.1; 2 Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1 Tm 1.12 Tm 1.1; Tt 1.1) e por Pedro, que em suas duas epístolas afirma ser apóstolo do Senhor Jesus (1 Pe 1.1; 2 Pe 2.1).

Conclui-se que Tiago era chamado de apóstolo como um *título respeitoso*, decorrente de seu parentesco com o Senhor Jesus e sua liderança em Jerusalém, mas *ele não exigia tal tratamento por parte da igreja*. Dizer que ele detinha o ofício apostólico porque tinha convivido com Jesus e visto o Senhor ressurreto é um argumento fraco, pois outras pessoas também preenchiam tais requisitos e não eram apóstolos (At 1.21-23; 1 Co 15.5-9). Afirmar que ele possuía o mesmo *status* apostólico dos doze, por ser autor de um livro canônico é também desconsiderar que outros autores bíblicos do Novo Testamento não foram considerados apóstolos (Marcos, Lucas, Judas e talvez o autor de Hebreus). Ap 21.14 define como fundamentos da Nova Jerusalém, somente os nomes dos “doze apóstolos do Cordeiro”.

É pelo mesmo prisma que são consideradas as figuras de Barnabé, Andrônico e Júnias, servos de Deus que se destacaram como mensageiros eficazes, mas que não detinham o ofício. “Apóstolo”, referindo-se a tais pessoas, tem este sentido amplo, tal como indicado por Grudem (2000, p. 760):

*Hoje alguns usam a palavra apóstolo em um sentido muito amplo para se referir a um fundador de igrejas eficaz ou a um missionário pioneiro de destaque (por exemplo, “William Carey foi um apóstolo para a Índia”). Se usássemos a palavra neste sentido amplo, todos concordariam que há apóstolos ainda hoje — porque certamente temos missionários atuantes e fundadores de igrejas.*

Carey, no entanto, jamais deixou-se chamar de apóstolo, por seus contemporâneos. Pelo contrário, seguindo o exemplo de humildade do Senhor Jesus e de Tiago, fez constar em seu seu epitáfio, escrito em uma tabuleta simples: “Verme vil, pobre e incapaz, caio em Teus braços carinhosos” (George, 1998, p. 18).

Contra a possibilidade de ter existido alguma “apóstola Júnias”, pesam dois argumentos, sendo o primeiro a evidência histórico-documental, apresentado por Grudem (2000, pp. 793-794):

*Alguns têm argumentado que Júnias era um nome comum de mulher na antiga Grécia, mas isso está errado, pelo menos conforme os escritos da literatura grega: Uma busca por computador de 2889 escritores gregos da antigüidade, abrangendo treze séculos (do século nono a.C. ao quinto A.D.) revelou apenas dois exemplos de Júnias como nome de mulher, uma vez em Plutarco (c. 50-120 A.D.) e uma vez em Crisóstomo, um dos pais da igreja (347-407 A.D.), que se referia a Júnias como uma mulher em um sermão sobre Romanos 16.7. O termo também não é comum como nome masculino, já que tal busca encontrou apenas um exemplo de Júnias como*

*nome de homem em Epifânio (315-403), bispo de Salimis em Chipre, que se refere a Júnias em Romanos 16.7, afirmando que ele se tornou bispo de Apaméia, na Síria (Lista dos Discípulos 125.19-20; essa citação é a mais importante, já que Epifânio tinha mais informações sobre Júnias). O texto latino de Orígenes, também pai da igreja, (252 A.D.) refere-se igualmente a Júnias em Romanos 16.7 como homem (J. P. Migne, **Patrologia Graeca**, vol. 14, col. 1289). Portanto, os dados disponíveis dão algum apoio à posição de que Júnias era homem, mas as informações são tão escassas que não podem ser conclusivas.*

Além dos fatos apresentados por Grudem, há o ensino do apóstolo Paulo em 1 Tm 2.12: “E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém em silêncio”. Estaremos detalhando melhor este texto na discussão do ofício pastoral, mas por ora basta afirmar que, de acordo com o nosso entendimento deste ensino, não há espaço para mulheres no episcopado.

#### **Eis nossa posição:**

- O ofício do apostolado, descrito em Ef 4.11 é extraordinário e exclusivo e findou com os doze do Novo Testamento.
- Mesmo reconhecendo que, na presente dispensação, Deus capacita pessoas para a obra missionária e a supervisão eficaz de muitas igrejas em diversas localidades, consideramos inadequada, devido aos atuais desvios doutrinários, a afirmação da existência de “novos apóstolos”.

### **Profetas**

Profetas eram pessoas capacitadas por Cristo para eventualmente revelar mistérios e predizer eventos futuros e, ordinariamente, falar com vistas à edificação da igreja (Berkhof, 1990, p. 589; Calvino, 1998, pp. 121-122 e Bíblia de Estudo de Genebra, 1999, p. 1405).

Base Bíblica: At 11.27-28, 13.1-2, 15.32, 21.4, 8-14; 1 Co 12.10, 13.2, 14.3, Ef 3.5-6, 4.11; 1 Tm 1.18, 4.14.

O ofício de profeta é extraordinário e temporário, no que diz respeito ao seu aspecto preditivo, mas ordinário e permanente no seu aspecto de “fala edificante” (Berkhof, 1990, p. 589). Isso significa que **o ofício de profeta não existe mais**, mas **o dom de falar para edificar a Igreja continua presente**.

Isso indica que não há, no presbiterianismo reformado<sup>5</sup>, negação da contemporaneidade da profecia, e sim uma distinção entre seus aspectos temporário e permanente, bem como uma submissão às regulamentações bíblicas de seu uso. Os documentos denominacionais e doutrinários que sumarizam nossa fé, são honestos com relação aos dados bíblicos relacionados à profecia:

<sup>5</sup> Os termos “presbiterianismo reformado” parecem redundantes, mas são necessários hoje, quando encontramos versões de “presbiterianismo” arminiano e neopentecostal e crentes “presbiterianos” que na verdade são batisterianos presbitecostais do reino de Deus.

*Pouco sabemos dos profetas do Novo Testamento (Carta Pastoral, 1996, p. 58).*

*Se porventura alguém é de outra opinião, estou disposto a reconhecer que há espaço para ela, e não provocarei qualquer disputa com ele por causa disto (Calvino, 1996, p. 391).*

Tais pronunciamentos mostram nossa humildade em reconhecermos que não sabemos tudo sobre o ofício e o dom de profecia (alguma igreja detém este conhecimento absoluto?). Estamos, como afirmamos acima, *aprendendo enquanto caminhamos*. Apesar disso, seguimos a luz recebida até agora e repudiamos as interpretações que firmam os princípios aqui expostos e entendidos como solidamente firmados nas Escrituras.

### **Eis nossa posição:**

- O ofício de profeta, nos moldes aqui descritos, cessou definitivamente, de modo que não há função com este nome na igreja atual.
- Continua existindo um “dom de profecia” com o fim de edificar, exortar e consolar, sobre o qual trataremos na próxima unidade.
- A Igreja Presbiteriana do Brasil não é contrária à profecia no seu sentido bíblico.

## **Evangelistas**

Evangelistas eram pessoas capacitadas por Cristo para publicar o evangelho, plantar igrejas, discipular os convertidos, assistir aos apóstolos e cumprir missões especiais (Berkhof, 1990, p. 589 e Calvino, 1998, p. 121).

Base Bíblica: At 8.4-8, 26-40, 21.8; 1 Tm 5.22; 2 Tm 4.5; Tt 1.5ss, 2.15.

O ofício de evangelista é extraordinário e temporário. Berkhof sugere que “seu trabalho era pregar e batizar, mas incluía também a ordenação de presbíteros [...] e o exercício da disciplina [...]. Ao que parece, sua obra era mais geral e algo superior à dos ministros regulares” (1990, p. 589). Calvino entende que o ofício dos evangelistas é idêntico ao dos apóstolos, “porém de uma categoria inferior. Nessa classe incluíam-se Timóteo e aqueles como ele; pois enquanto Paulo os associa consigo em suas saudações, ele não o inclui no rol dos companheiros de apostolado, senão que reivindica esse título como peculiarmente seu. Portanto, o Senhor os usou como subsidiários aos apóstolos, a quem se aproximavam em categoria” (1998, p. 121).

Com este ofício ocorre algo semelhante ao ofício do profeta. A Igreja Presbiteriana do Brasil não reconhece a contemporaneidade do ofício de evangelista, apesar de reconhecer a existência do chamado para missões ou o ministério evangelístico, exercidos no bojo do ministério pastoral, explicado adiante. Isso é assim porque, diferentemente da profecia, não há citação de um “dom de evangelismo” nas listas de Rom 12 e 1 Co 12.



### **Eis nossa posição:**

- O ofício de evangelista era temporário e extraordinário, necessário no período em que as igrejas estavam sendo fundadas pelos apóstolos, e as bases do evangelho, bem como o sistema de governo eclesiástico, estavam ainda sendo implantados.
- Os chamados para o trabalho evangelístico e missionário ocorrem hoje e aqueles que os atendem podem exercê-los como ministros do evangelho, especificamente designados para estes serviços.
- Não existe base bíblica consistente para a defesa de um “dom de evangelista”, uma vez que a única referência a evangelistas é Ef 4.11, que não trata especificamente de dons e sim dos ofícios que Cristo deu à Igreja.

### **Pastores-Mestres**

Pastores-mestres são pessoas incumbidas por Deus para orar com o rebanho e por este, alimentá-lo na doutrina cristã, supervisionar seu crescimento em conhecimento, santidade e graça, capacitar os santos para o desempenho dos serviços, instruir novos convertidos, atender aos aflitos, fracos, enfermos e desviados, pregar a Palavra, ministrar os sacramentos e, com os presbíteros, formular os regulamentos e exercer o poder coletivo de governo (Berkhof, 1990, p. 591; Calvino, 1998, 122; CI/IPB, Art. 36; Confissão de Fé 32.4 e Hodge, 2001, p. 1401).

Base Bíblica: Jr 3.15; Mt 26.26-30 e 1 Co 11.23-32; At 28.28-35; Ef 4.11-16; Cl 1.24-29; 2 Co 11.28-29; 1 Tm 5.17-18; 2 Tm 2.2; Tt 1.9; Hb 13.7; 1 Pe 5.1-4.

O ofício de pastor-mestre é ordinário e permanente, tendo surgido nos momentos finais da era apostólica. Para o governo da Igreja, Deus estabeleceu (sob a autoridade apostólica e o trabalho dos profetas e evangelistas) os presbíteros ou bispos (At 14.23, 15.6, 22, 16.4, 20.17, 28, 21.18; 1 Tm 3.1, 4.14), que são divididos em duas classes, de igual autoridade mas diferentes funções: presbíteros regentes, responsáveis pelo auxílio ao pastoreio e cuidados administrativos e presbíteros docentes, pastores ou ministros do Evangelho (CI/IPB, Art. 25).

*Dentre os oficiais comuns da igreja, os **presbyteroi** (presbíteros) ou **episkopoi** (bispos) são os primeiros na ordem de importância” [...]. Originalmente, os presbíteros não eram mestres. A princípio, não havia necessidade de mestres, separadamente, uma vez que havia apóstolos, profetas e evangelistas. Gradativamente, porém, a **didaskalia** (o ensino, a docência) ligou-se mais e mais estreitamente ao ofício episcopal; mas, mesmo então, os mestres não constituíram uma classe separada de oficiais. [...] Com o transcorrer do tempo, duas circunstâncias levaram a uma distinção entre os presbíteros ou superintendentes encarregados somente do governo da igreja, e os que também eram chamados para ensinar: (1) quando os apóstolos faleceram e as heresias surgiam e aumentavam, a tarefa dos que eram chamados a ensinar tornou-se*

*mais exigente, requerendo preparação especial [...]; e (2) em vista do fato de que o trabalhador é digno do seu salário, os que estão engajados no ministério da Palavra, tarefa amplamente abrangente que requer todo o seu tempo, foram liberados doutros trabalhos para poderem devotar-se mais exclusivamente ao trabalho de ensinar (Berkhof, 1990, p. 590).*

Pastores (*poimenes*, no grego) são aqueles que alimentam e cuidam do rebanho, ou, como diz Calvino, “o pastor não tem um mandado para pregar o evangelho ao mundo inteiro, senão que cuida da Igreja que lhe foi confiada” (1996, p. 389). As responsabilidades pastorais são grandes, desde a antigüidade. “Esperava-se da parte dos pastores [...] que demonstrassem cautela, paciência e honestidade [...] O pastor devia cuidar incansavelmente dos animais indefesos (cf. Ez 34.1 e segs.). A devoção ao dever era posta à prova ao montar-se guarda sobre o rebanho, noite após noite, contra as feras e os salteadores” (Brown, 1985, pp. 469, 470).

### **A Questão do Ministério Pastoral ou Presbiterial Feminino**

Este ofício presbiterial é **exclusivamente masculino** (1 Tm 2.11-14; 1 Co 14.34-36; 1 Tm 3.1-7 e Tt 1.5-9). Biblicamente, Deus estabelece que o homem lidere, tanto no lar quanto na igreja (1 Tm 3.4; Ef 5.22-33). A própria ordem da criação (o homem criado antes da mulher), define este padrão de liderança estabelecido antes da queda. A Igreja, em seu governo, reflete esta ordem divina.

Acerca desta questão, respondemos aos principais argumentos favoráveis à ordenação feminina (vide tabela abaixo):

*Tabela 02. Resposta aos principais argumentos em prol da ordenação feminina ao presbiterato*

<b>Ordenação Feminina ao Presbiterato</b>	
<b>Argumentos Favoráveis</b>	<b>Nossa Posição</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cristo foi acompanhado e servido por mulheres (Lc 8.20). Além disso, ele valorizou as mulheres publicamente (Jo 4.27) e deu a elas a proeminência no anúncio da ressurreição (Mt 28-10; Lc 24.1-12; Jo 20.16-18).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim, Cristo dignificou as mulheres, confirmando sua plena inserção e participação no reino de Deus. Mas isso não significa que ele lhes confiou o oficialato. Pelo contrário, ele escolheu doze apóstolos (homens) e estabeleceu que estes apóstolos sentem-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel (Mt 19.28).</li> </ul>



<ul style="list-style-type: none"> <li>• No Antigo Testamento, mulheres assumiram lideranças proeminentes: Atalia reinou sobre Israel (2 Rs 11.1-20); Débora foi juíza e libertou Israel das mãos de Jabim, rei de Canaã (Jz 4-5) e Hulda foi profetisa de destaque (2 Rs 22.14-20).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todas estas referências descrevem textos históricos, que não podem ser utilizados, isoladamente, para embasar doutrinas. Quando um princípio extraído de um texto histórico (que é descritivo) entra em conflito com uma instrução apostólica em uma epístola, deve ser obedecida a orientação da epístola (que é prescritiva).</li> <li>• Tais exemplos são considerados por Grudem (2000, p. 790) e Calvino (1998 - 2, p. 74), como “atos extraordinários que não anulam as regras ordinárias” ou “raras exceções em circunstâncias incomuns”.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cristo até desejou dar mais espaço às mulheres em termos de liderança, mas evitou escandalizar a cultura de seu tempo, eminentemente patriarcal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cristo não tinha medo de falar verdades duras e quebrar convenções culturais ou costumes pecaminosos (Mt 21.12-13, 23.13-36; Mc 2.15-17, 23-28). Se ele desejasse estabelecer a liderança feminina da Igreja, ele o faria.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• De acordo com Gl 3.28, não deve haver diferenciações entre as funções de homens e mulheres nas igrejas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto em questão não se refere à regulamentação dos ofícios de presbítero regente ou pastor-mestre, e sim à igualdade de condição salvífica concedida a todos os que crêem em Cristo, “descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na Igreja Cristã, caracterizada pelo amor, mulheres não devem ser consideradas “inferiores” (Jo 13.35).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O impedimento às mulheres para o exercício do presbiterato não é sinônimo de falta de amor ou inferioridade do gênero feminino. Funções diferentes não equivalem à dignidade diferenciada (1 Co 12.18-25).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ensino paulino é machista, infectado pelo chauvinismo do primeiro século.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ensino paulino é a Palavra de Deus, supracultural e aplicável a todos os crentes de todas as eras (2 Tm 3.16-17; 2 Pe 3.14-18).</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para que a Igreja seja atualizada, as orientações bíblicas devem ser julgadas pela cultura. Naquilo que a Bíblia ofender a tendência cultural, deve ser adaptada ou desconsiderada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Igreja deve atualizar-se sendo fiel às Escrituras. A Bíblia julga e transforma a cultura (Rm 12.1-2).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Considerando o papel (competente e eficaz) da mulher na liderança comunitária e secular, deve-se abrir-lhe o espaço de liderança presbiterial, na igreja.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tanto em 1 Tm 3.1-7 quanto em Tt 1.5-9, pressupõe-se que os presbíteros sejam homens.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paulo assumiu tal posição em 1 Tm 2, porque as mulheres do primeiro século não tinham acesso à educação formal. Como hoje isso mudou, as mulheres podem assumir o ofício presbiterial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A maioria dos apóstolos era composta de indoutos, sem formação acadêmica (At 4.13). Priscila é exemplo de mulher que possuía proficiência nas Escrituras (At 18.24-26).</li> <li>• Paulo não apresentou argumento baseado na precariedade de formação educacional das mulheres.</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os textos de 1 Tm 2.11-14 e 1 Co 14.34-36 aplicam-se somente a situações específicas das igrejas de Éfeso e Corinto: Em Éfeso, algumas mulheres provavelmente assumiram posições de autoridade e estavam ensinando falsas doutrinas. Em Corinto, algumas mulheres provocaram confusão utilizando mal o dom de línguas. Mas isso não se aplica a todas as igrejas de todos os tempos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Em ambas as passagens Paulo está tratando do culto público, que era dirigido pelos presbíteros e pastores-mestres. Suas proibições buscam inibir o exercício do governo ou qualquer função de autoridade das mulheres sobre os homens, considerando que desde a criação, Deus já havia estabelecido o homem como líder espiritual.</li> <li>• Em 1 Tm 2, Paulo não ordena que <i>certas mulheres</i> sejam proibidas de ensinar, mas afirma: “não permito que <i>a mulher</i> ensine, nem exerça autoridade de homem”, propondo como causa não um problema local e sim as doutrinas da criação e da queda (1 Tm 2.12-14).</li> <li>• Em 1 Co 14, Paulo proíbe as mulheres de falar, não no sentido absoluto, pois estas podem orar e profetizar (1 Co 11.5), mas no momento de avaliação das profecias (14.29), pois isso implicaria em autoridade com respeito a toda a igreja.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Espírito Santo concede às mulheres os dons de administração e liderança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Espírito Santo deseja que os dons sejam praticados de acordo com suas instruções sobre os ofícios da Igreja. Mulheres podem cuidar pastoralmente e exercer liderança e administração de grupos pequenos, departamentos e classes da Escola Dominical, mas não podem exercer autoridade sobre a igreja como um todo.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Espírito Santo vocaciona mulheres para o ministério pastoral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A vocação do Espírito não contradiz o ensino do mesmo Espírito, acerca dos ofícios da Igreja. É possível que o chamado para um ministério em tempo integral (que não envolva liderança sobre toda a igreja) seja confundido com uma vocação para o ofício presbiterial.</li> </ul>

*Alguns destes argumentos foram adaptados de Grudem (2000), pp. 786-792*

Com base no Novo Testamento, é possível argumentar em favor do exercício, por parte das mulheres, do ofício de diaconisas, uma vez que 1 Tm 3.11 pode ser interpretado como referindo-se a mulheres e Rm 16.1, que cita Febe, irmã que “está servindo à igreja de Cencrêia” (o verbo servindo é a palavra *diákonos*), tem sido entendido como uma referência ao ofício de diácono. Deve-se admitir, no entanto, que esta base é contestada por alguns. Mas esse é um assunto que não cabe neste espaço, que é dedicado ao ensino sobre os ofícios de Ef 4.11.

### **Categorias de Ministros**

O ofício de pastor-mestre pode ser exercido de diversas maneiras (CI/IPB, Art. 33):

- **Pastor-efetivo.** O ministro eleito e instalado numa ou mais Igrejas, por tempo determinado e também o ministro designado pelo Presbitério, por prazo definido, para uma ou mais igrejas, quando estas, sem designação de pessoa, o pedirem ao Concílio.
- **Pastor-auxiliar.** O ministro que trabalhe sob a direção do pastor, sem jurisdição sobre a igreja, com voto, porém no Conselho, onde tem assento ex-officio, podendo, eventualmente, assumir o pastorado da igreja, quando convidado pelo pastor ou, na sua ausência, pelo Conselho.
- **Pastor-evangelista.** O ministro designado pelo Presbitério para assumir a direção de uma ou mais igrejas ou de trabalho incipiente.
- **Pastor-missionário.** O ministro chamado para evangelizar no estrangeiro ou em lugares longínquos na Pátria.

Calvino, contrariando Crisóstomo e Agostinho, sugere ainda que se estabeleça uma divisão entre os ofícios de pastores e mestres:

*Em parte concordo com aqueles que dizem que Paulo fala indiscriminadamente de pastores e mestres como se fosse uma só e a mesma ordem; nem nego que o título doutor, em certa medida, pertença a todos os pastores. Tal fato, porém, não me move a confundir dois ofícios, os quais sinto diferir um do outro. Doutrinar é dever de todos os pastores, mas há um dom particular de interpretação da Escritura, para que a sã doutrina seja conservada e um homem possa ser doutor mesmo que não seja apto a pregar.*

*Pastores, ao meu ver, são aqueles a quem é confiada a responsabilidade de um rebanho particular. Não faço objeção a que recebam o título de doutores, desde que compreendamos que existe outra classe de doutores, que superintendem tanto a educação de pastores como a instrução de toda a Igreja. É possível que um homem seja ao mesmo tempo pastor e doutor, mas os deveres [=facultates] são diferentes (Calvino, 1998, p. 122).*

Essa posição abre espaço para o ofício distintivo de mestre, alguém dedicado exclusivamente à causa da educação teológica, altamente necessário nesta dispensação da igreja cristã. Além disso, corrobora com a citação do dom de “ensino” em Rm 12.7 e “mestres”, em 1 Co 12.28, exercido voluntariamente

por qualquer cristão que receba tal dom, e não necessariamente ligado ao pastorado.

### **Nossa Posição:**

- O ofício de pastor-mestre é ordinário e permanente.
- Trata-se de um ofício de autoridade e governo, exercido em conjunto com o ofício de presbítero regente.
- Tal ofício é exclusivamente masculino, o que significa que *não reconhecemos como bíblica a ordenação de pastoras*, nem abrimos espaço para doutrinas por elas ensinadas ou para suas ministrações em nossos cultos.
- Considerando que as mulheres podiam profetizar nos cultos, a IPCG permite a pregação e o ensino ministrado por mulheres, sob a supervisão do pastor efetivo da igreja, vetando apenas aquelas que estão ocupando indevidamente o ofício pastoral, tal como descrito acima.
- cremos em um ministério de pastoreio que pode ser exercido por mulheres, em âmbito privado, no contexto de grupos pequenos ou de igreja nos lares, sempre sob supervisão do pastor da igreja.
- cremos que Deus concede o dom de ensino a outras pessoas além dos presbíteros, sobre o qual falaremos na próxima unidade.

## **Resumo**

Enquanto os dons espirituais são talentos potencializados pelo Espírito Santo e usados no ministério da igreja, os ofícios são **funções estabelecidas por Cristo para o governo da Igreja**.

De forma ampla, os ofícios atendem aos seguintes objetivos:

- **Firmar as bases de expansão da Igreja**, em seu início, orientando-a com relação a doutrina, estratégia de cumprimento da missão e sistema de governo.
- **Suprir, liderar e pastorear** a Igreja através do **ministério externo da Palavra de Deus** (evangelização, ensino e ministração dos sacramentos).
- **Capacitar os santos** para a realização de seus serviços, consolidando a formação de discípulos maduros e reprodutivos (Ef 4.12-16).

Os ofícios podem ser classificados como **extraordinários** (apóstolos, profetas e evangelistas) e **ordinários** (presbíteros, pastores-mestres e diáconos). Também devem ser percebidos como **permanentes** ou **temporários**.

Os **apóstolos** foram pessoas selecionadas por Cristo para publicar o evangelho, plantar igrejas, erigir o reino de Cristo e escrever palavras das Escrituras. O

ofício do apostolado, descrito em Ef 4.11 é **extraordinário e exclusivo** (findou com os doze do Novo Testamento).

Consideramos inadequada, devido aos atuais desvios doutrinários, a afirmação da existência de **“novos apóstolos”**.

**Profetas** eram pessoas capacitadas por Cristo para eventualmente revelar mistérios e predizer eventos futuros e, ordinariamente, falar com vistas à edificação da igreja.

- O ofício de profeta, nos moldes aqui descritos, **cessou definitivamente**, de modo que **não há função com este nome na igreja atual**.
- Continua existindo um **“dom de profecia”** com o fim de **edificar, exortar e consolar**.
- A Igreja Presbiteriana do Brasil **não é contrária** à profecia no seu sentido bíblico.

**Evangelistas** eram pessoas capacitadas por Cristo para publicar o evangelho, plantar igrejas, discipular os convertidos, assistir aos apóstolos e cumprir missões especiais.

- O ofício de evangelista era **temporário e extraordinário**, necessário no período em que as igrejas estavam sendo fundadas pelos apóstolos, e as bases do evangelho, bem como o sistema de governo eclesiástico, estavam ainda sendo implantados.
- Os chamados para o trabalho evangelístico e missionário **ocorrem hoje**.

**Pastores-mestres** são pessoas incumbidas por Deus para orar com o rebanho e por este, alimentá-lo na doutrina cristã, supervisionar seu crescimento em conhecimento, santidade e graça, capacitar os santos para o desempenho dos serviços, instruir novos convertidos, atender aos aflitos, fracos, enfermos e desviados, pregar a Palavra, ministrar os sacramentos e, com os presbíteros, formular os regulamentos e exercer o poder coletivo de governo.

O ofício de pastor-mestre é **ordinário e permanente**.

O ofício de pastor-mestre é **vetado** às mulheres, pela seguinte razão:

\_\_\_ O Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil decidiu excluir as mulheres da liderança das igrejas locais.

\_\_\_ Mulheres são inferiores ou menos capacitadas que os homens.

\_\_\_ Somos tradicionais e devemos manter o costume seguido pelos fundadores de nossa denominação.

- ✓ Bíblicamente, Deus estabelece que o homem lidere, tanto no lar quanto na igreja. A própria ordem da criação (o homem criado antes da mulher), define este padrão de liderança estabelecido antes da queda. A Igreja, em seu governo, reflete esta ordem divina.

O ofício de pastor-mestre pode ser exercido de diversas maneiras (CI/IPB, Art. 33):

- **Pastor-efetivo**. O ministro eleito e instalado numa ou mais Igrejas, por tempo determinado e também o ministro designado pelo Presbitério, por prazo definido, para uma ou mais igrejas.
- **Pastor-auxiliar**. O ministro que trabalhe sob a direção do pastor, sem jurisdição sobre a igreja, com voto, porém no Conselho.
- **Pastor-evangelista**. O ministro designado pelo Presbitério para assumir a direção de uma ou mais igrejas ou de trabalho incipiente.
- **Pastor-missionário**. O ministro chamado para evangelizar no estrangeiro ou em lugares longínquos na Pátria.

Concordamos com Calvino, que afirma que, além do pastor responsável por uma igreja local, há espaço, na interpretação de Ef 4.11, para o ofício exclusivo de **mestre**.

- A IPCG permite a **pregação** e o **ensino** ministrado por **mulheres**, sob a **supervisão do pastor efetivo** da igreja, vetando apenas aquelas que estão ocupando indevidamente o ofício pastoral.
- cremos em um **ministério de pastoreio** que pode ser exercido por mulheres, em âmbito privado, no contexto de grupos pequenos ou de igreja nos lares, sempre sob supervisão do pastor da igreja.



# 5

## Capacitação III: O Dom de Profecia

“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”

*Texto de Referência: Rm 12.6;  
1 Co 12.10, 28; 14.3*

### Visão Geral

#### Informações contidas nesta unidade:

- A dupla relação entre dons espirituais e ofícios
- A contribuição dos dons para a experiência completa do cristão frutífero (Cl 1.9-12)
- O modo como compreendemos a contemporaneidade dos dons
- Descrição do dom de profecia, citado em Rm 12.6 e 1 Co 14.3
- Resumo da posição da IPCG sobre o dom de profecia

#### Introdução

*Veni, Sancte Spiritus. Et emitte coelitus lucis tuae radium: Vem, Santo Espírito. E do teu lugar celestial envia a tua gloriosa luz (citado por John White, 1998, p 173).*

*Na Congregação a comunidade é constituída pelos indivíduos que estão informados da existência de diferentes dons, todos operando e cooperando para a UNIDADE e, portanto, operando e desenvolvendo declaradamente estes dons (Barth, 2000, p. 694).*

A oração acima descreve o desejo do discípulo de Cristo, de ser visitado<sup>6</sup> e esclarecido pelo Espírito Santo, a fim de conhecer e praticar a sua vontade. Esse esclarecimento é mais do que urgente, quando se reflete sobre os dons espirituais. Historicamente a Igreja tem tido dificuldades em articular esta doutrina, ora enfatizando incorretamente certos dons, ora negando-os indevidamente.

A Igreja Presbiteriana do Brasil demonstra cuidado em orientar seus membros sobre este tema:

*A Igreja alegre-se com a ênfase bíblica de muitas das suas comunidades na participação dos membros nos cultos e no serviço da igreja, através dos seus dons espirituais. A Igreja, entretanto, instrui os pastores e os membros das igrejas locais para que sejam os dons espirituais exercidos de acordo com os princípios reguladores explícitos ou implícitos nas Escrituras, para que se evitem os erros da igreja de Corinto, decorrentes da ignorância acerca da natureza e propósito dos dons espirituais, que consistiam na busca de dons que claramente desempenhavam papel secundário no culto público, na fascinação pelos dons chamados “espetaculares”, tais como o falar em línguas, no desprezo aos membros da comunidade que não tinham estes dons, na falta de decência e ordem no culto público, e na avaliação do que julgavam ser “espiritual” baseada na presença desses dons, e não no amor cristão (Carta Pastoral, 1996, p. 48).*

## Ofícios e Dons: Transitoriedade e Contemporaneidade

Um primeiro passo para a compreensão deste assunto é entender que Ef 4.11 trata de ofícios, que são funções estabelecidas por Cristo para o governo da Igreja. Os dons listados em Rm 12 e 1 Co 12 mantêm estreita relação com os ofícios, considerando que a base escriturística e doutrinária de tudo o que é crido e realizado, decorre do ensino dos apóstolos. O exercício atual do dom de profecia, reproduz os aspectos ordinário e permanente do ofício de profeta. O acompanhamento e supervisão, por parte dos presbíteros, da prática de todos os dons, é um fruto do trabalho inicial realizado pelos evangelistas e manifestado, na atualidade, no ofício ordinário e permanente de pastor-mestre.

Tal concepção leva em conta uma transição entre o *primeiro tempo* de manifestação dos dons, muitos deles embutidos nos ofícios de apóstolo, profeta e evangelista e o *tempo atual*, em que são ordinários apenas os ofícios de presbítero (regente e docente ou pastor-mestre) e diácono, mas estão presentes outros dons, distribuídos a todos os componentes do corpo de Cristo.

---

<sup>6</sup> A expressão “visitado” pode parecer estranha a alguns, considerando que as Escrituras ensinam que o cristão possui o Espírito dentro de si (Rm 8.9; 1 Co 6.19; Ef 1.13-14). O livro de Atos, porém, fala de situações em que o Espírito se manifestou de maneira incomum entre os crentes (p. ex., At 4.31). A doutrina da soberania de Deus, atestada pela experiência dos santos e pelos relatos dos avivamentos, abre espaço para que creiamos que as “santas visitas” do Espírito são não apenas possíveis mas desejáveis.

Tabela 01. Transição entre os tempos primitivo e atual

Primeiros Tempos	Tempos Atuais
Dons vinculados a ofícios.	Alguns ofícios extintos; dons ainda presentes; alguns exercidos com modificações.

Neste aspecto, concordamos com Lopes (1999, pp. 174, 177):

- Alguns dons podem ter cessado antes da volta de Cristo.
- Não é necessário que todos os dons que existiam nas igrejas do Século I estejam presentes em todas as épocas subseqüentes da história da Igreja, até o fim.

Ouçamos, ainda, a voz de Hendricksen (1992, p. 245), ao comentar Ef 4.11 e afirmar que os ofícios da igreja primitiva não são exatamente os mesmos de hoje:

*A igreja de hoje não é capaz de produzir um apóstolo como Paulo nem um profeta como Ágabo. Ela não necessita de um Timóteo para servir como delegado apostólico, nem de um Filipe, orientado por um anjo e “arrebataado” pelo Espírito. Não obstante, à semelhança da igreja primitiva, ela tem ministros, presbíteros e diáconos. Ela também possui o Espírito Santo agora como possuíra outrora. E **agora** ela possui a Bíblia completa. Tomara que **todos** os seus ofícios sejam então utilizados o máximo possível segundo a exigência do momento, e no espírito de verdadeiro **serviço**.*

É possível resumir as posições das igrejas sobre os dons espirituais em **três categorias**, quais sejam, **cessacionismo**, **carismatismo simplista** e **contemporaneidade reformada**.

- Na primeira categoria, afirma-se que os *dons espirituais cessaram* na época da igreja primitiva, uma opinião não abraçada pela Igreja Presbiteriana do Brasil.
- Na segunda, os *dons são confundidos com os ofícios* e entende-se que devem ser usados na igreja de hoje, tal como ocorreu na igreja primitiva. Essa é a posição (irrefletida) da maioria das igrejas pentecostais, neopentecostais e carismáticas da atualidade e produz desequilíbrios diversos.
- A posição reformada crê na contemporaneidade dos dons, mas os diferencia dos ofícios, interpreta contextualmente os textos bíblicos e atenta para as mudanças ocorridas em sua administração, *mantendo o equilíbrio entre os dois extremos* (figura 01).

Nosso grande desafio é distinguir entre os aspectos dos dons que deixaram de existir e os que continuam existindo e, dentre estes últimos, buscar discernir aqueles que tiveram seu modo de funcionamento alterado.

Figura 01. Opiniões sobre a continuidade dos dons espirituais



## Os Dons e o Cristão Frutífero

Os dons são dados para glória de Deus, edificação da Igreja e cumprimento da Missão. Quando devidamente utilizados, eles favorecem o desenvolvimento do discípulo “maduro e reprodutivo”. Observe, na tabela 02, sua contribuição para a experiência de cristão frutífero, descrita em Cl 1.9-12.

Tabela 02. Contribuição dos dons para a experiência de cristão frutífero

Experiência Cristã	Relação com Cl 1.9-12	Dons Correlacionados
Conhecimento de Deus e sua vontade, através das Escrituras.	v. 9	Profecia e ensino.
Santidade, serviço frutífero.	v. 10	Profecia e ensino, ministério, doação, direção, demonstração de misericórdia, fê, socorros, administração.
Poder para o testemunho e vitória contra as trevas, provisão existencial.	vv. 11-12	Profecia, ensino, exortação, palavras da sabedoria e do conhecimento, dons de curar, operações de milagres, discernimento de espíritos, variedade de línguas e interpretação de línguas.

Note que, em todas as dimensões da vida com Deus, são necessários os dons de profecia e ensino. Por isso, a primeira característica de uma igreja cristã deve ser “bíblica”. A partir das Escrituras se estabelecem todas as crenças e práticas da igreja verdadeiramente reformada. Os outros dons se relacionam de maneira rica, favorecendo o atendimento das múltiplas necessidades da comunidade cristã. Tal arranjo é executado pelo próprio Senhor, o Espírito, de acordo com sua vontade soberana, as configurações internas de cada igreja local e as carências específicas do bairro ou cidade, no qual a igreja está situada (1 Co 12.4-7).

## Limitações na Sistematização dos Dons

A partir da próxima seção, você será apresentado a uma explicação sobre o dom de profecia e, na próxima unidade, sobre os outros dons listados em Rm 12 e 1 Co 12. Deve ser dito, porém, que a sistematização deste assunto é uma tarefa limitada, pelas seguintes razões:

- Ao tentarmos fornecer uma lista de características dos possuidores de cada dom, esbarramos na complexidade do ser humano. Dizer, por exemplo, que toda pessoa que possui o dom de ensino age de determinada maneira é empobrecer a forma multifacetada como a graça divina age *em e a partir de* nossa humanidade. Isso significa que, ao oferecermos sugestões de perfis, não tencionamos forçar as pessoas a encaixarem-se em moldes previamente estabelecidos.
- Os estudiosos do Novo Testamento entendem que, quando o apóstolo Paulo escreveu Rm 12 e 1 Co 12, não tinha em mente conceituar cada dom ou fornecer ferramentas para a elaboração de testes para descoberta de dons. Eis a razão dos significados de alguns dons serem auto-evidentes – compreensíveis através de suas designações – tais como ensino, exortação ou curas, enquanto outros são mais “obscuros”, tais como palavras de conhecimento e sabedoria ou socorros. Com relação a estes últimos, os cristãos estão longe de concordarem quanto às suas especificidades (cada estudioso ou denominação adota uma posição particular). A honestidade na interpretação da Bíblia nos impede de sermos orgulhosos de nosso entendimento sobre este assunto. Fornecemos agora uma conceituação que consideramos correta e bíblica, mas ao mesmo tempo estamos abertos para analisar outras evidências e contribuições advindas de novas descobertas.

## O Dom de Profecia

O dom de profecia é a capacidade de “falar sob inspiração divina” (Stott, John, 2001, p. 395).

Base bíblica: Rm 12.6; 1 Co 14.3.

### Profecia e Pregação

A fé reformada é unânime em afirmar a contemporaneidade do dom profecia, no sentido de “falar com vistas à edificação da igreja”. Neste sentido, “profecia” tem sido entendida, com raras exceções<sup>7</sup>, como **sinônimo de pregação**.

Esta idéia é esboçada a partir da percepção de que o culto cristão primitivo reproduzia, em parte, a estrutura litúrgica do culto judaico das sinagogas, nos quais, após a leitura da lei e dos profetas, abria-se espaço para

<sup>7</sup> Karl Barth (2000, p. 687) entende que o dom de profecia diz respeito à capacidade de transmissão de palavras proféticas não necessariamente ligadas à pregação formal. Para ele, a prática da pregação decorre do dom de exortação. Eis sua tradução de Rm

que fossem pronunciadas “palavras de exortação ao povo” (At 13.15; compare com Lc 4.16-28). A orientação do apóstolo Paulo, em 1 Co 14.29-38, indica que em um mesmo culto podiam estar presentes várias pessoas que possuíam este dom e que deveriam participar utilizando certos parâmetros de organização.

Knight (1996, p. 86) nos informa de que “no grego, *propheteia* significa a proclamação do pensamento e conselho de Deus para mostrar pecado, edificar, confortar e animar”, sugerindo que o profeta é uma voz de Deus aos homens, para levar aqueles que estão em erro ao arrependimento e mudança.

### **Profecia e “Revelação”**

O fator preponderante da profecia é aquilo que o apóstolo Paulo chama de *revelação*: “Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro” (1 Co 14.30). O cristão com o dom de profecia recebe revelação, que é então compartilhada para edificação, exortação e consolação (1 Co 14.3).

Entre os crentes pentecostais e neopentecostais, esta palavra é confundida com o próprio dom. Não é difícil ouvir a afirmação de que determinada pessoa possui o “dom de revelação”, normalmente exercido juntamente com o dom de línguas. Notemos, no entanto, que o apóstolo fala da revelação como a dinâmica ou experiência espiritual que aciona o dom de profecia.

Como presbiterianos **cremos em algum dom separado de revelação?** Não. Entendemos a revelação, nesta instrução paulina, como um estímulo divino ao dom de profecia.

O próximo passo é estabelecer o conceito de revelação. No contexto do dom de profecia, este termo é entendido de formas diferentes por pentecostais/neopentecostais e reformados (tabela 03).

Como nas igrejas pentecostais e neopentecostais ainda existe a figura institucionalizada do profeta (que “revela os segredos dos corações das pessoas”), formula-se um conceito que abre espaço para o entendimento destas novas revelações como iguais ou superiores às Escrituras Sagradas. Mesmo que isso seja negado pelos teólogos pentecostais, *é o que acontece, na prática*.

Uma vez que findou o ofício de profeta, o termo revelação, em 1 Co 14.30, indica uma obra do Espírito Santo na mente e coração do crente, capacitando-o a discernir e aplicar as Escrituras a uma determinada situação. A partir deste enfoque, pode ser afirmado que **profetizar é comunicar uma palavra do Senhor, alicerçada na Bíblia, a uma pessoa em particular ou a uma congregação**.

---

12.6 e 8: “Talvez alguém tenha a Palavra Profética; que fale na conformidade da fé! [...] Talvez alguém como pregador. Que venha pregar!” Questiona-se, no entanto, se Barth pode ser considerado um teólogo reformado, sendo mais adequado citá-lo como um dos precursores da nova ortodoxia, que surgiu a partir da segunda metade do século XX.



Tabela 03. Formas de entendimento da palavra “revelação”, em 1 Co 14.30

Pentecostais e Neopentecostais	Cristãos Reformados
O desvendamento de um mistério divino, que pode ser uma visão ou conhecimento sobrenatural de fatos (passados, presentes ou futuros) da vida de uma pessoa, seguido de orientações específicas. Lim afirma que “com este dom, o Espírito ilumina o progresso do Reino de Deus, revela os segredos dos corações das pessoas e submete o pecador à convicção” (Horton, 1996, p. 475).	<b>Fé Reformada (IPB)</b> Uma “mensagem baseada nas Escrituras, que visava a edificar, a confortar e a instruir a Igreja, à semelhança dos profetas do Antigo Testamento, cuja atividade principal consistia em aplicar a Lei de Deus à consciência do povo, exortando-os, instruindo-os, sondando-lhes os corações e consolando-os” (Carta Pastoral, 1996, p. 59).
	<b>Gaffin, teólogo reformado</b> Uma “compreensão mais ou menos repentina do significado que o ensino bíblico tem para uma situação ou problema particular” (Gaffin, Richard; <i>Perspectives</i> , p. 120, em Grudem, 2000, p. 883).

## Semelhanças e Diferenças da Profecia Neotestamentária e a Pregação Atual

A identificação da pregação atual com o dom de profecia, descrito em Rm 12 e 1 Co 12 e 14, deve ser feita com cuidado, uma vez que existem diferenças e semelhanças.

### O Mensageiro e a Mensagem

Como foi afirmado há pouco, 1 Co 14.29-38 indica que em um mesmo culto haviam muitos que, dotados com a capacidade profética, ministravam a palavra. Na atualidade, mesmo admitindo que, em uma congregação, várias pessoas sejam capacitadas a proferir mensagens edificantes, o **ministério da pregação é responsabilidade do pastor-mestre**, denominado presbítero docente ou, simplesmente, ministro do Evangelho.

*O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela Igreja [...], para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de Deus, administrar os sacramentos [e] edificar os crentes (CI/IPB, Art. 30).*

Esse é um aspecto em que, segundo o entendimento reformado, ocorreu mudança na prática da profecia, nesta transição dos tempos primevos para os tempos atuais. A finalização do ofício de profeta uniu a mensagem profética pública ao ofício de pastor-mestre, a quem foi confiado o uso das chaves do Reino dos Céus (pregação, disciplina e administração dos sacramentos).



*A Palavra de Deus deve ser pregada somente por aqueles que têm dons suficientes, e são devidamente aprovados e chamados para o ministério (Catecismo Maior, pergunta 158, em Martins, 1991, p. 342).*

*A pregação da Palavra de Deus é a Palavra de Deus. Portanto, quando esta Palavra de Deus é agora anunciada por pregadores legitimamente chamados, cremos que a própria Palavra de Deus é anunciada e recebida pelos fiéis.*

*Julgando de modo singelo, segundo a Palavra do Senhor, dizemos que todos os que são legitimamente chamados ministros possuem e exercem as chaves, ou o uso das chaves, quando anunciam o Evangelho; isto é, quando ensinam, exortam, confortam, repreendem e exercem a disciplina sobre o povo confiado aos seus cuidados (Segunda Confissão Helvética, Cap. I. Das Santas Escrituras como Verdadeira Palavra de Deus; Cap. XIV, Das Chaves do Reino do Céu, em Eby, 2001, pp. 180-181).*

A Palavra, pregada ou apresentada nos sacramentos, é a legítima profecia e instrumento edificador dos crentes.

*O Espírito de Deus torna a leitura, e especialmente a pregação da Palavra, um meio eficaz para iluminar, convencer e humilhar os pecadores; para lhes tirar toda confiança em si mesmos e os atrair a Cristo; para os conformar à sua imagem e os sujeitar à sua vontade; para os fortalecer contra as tentações e corrupções; para os edificar na graça e estabelecer os seus corações em santidade e conforto mediante a fé para a salvação (Catecismo Maior, pergunta 155, em Martins, 1991, p. 337).*

*A Palavra de Deus é manifestada ao povo de Deus em maneiras que determinam o seu culto. Mediante a Escritura, o sermão e o sacramento, Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado, torna-se contemporâneo do seu povo. Palavra verdadeira e viva, que a ele se dirige, exigindo sua resposta. Essas manifestações da Palavra, na Escritura, no sermão e no sacramento, têm significação definitiva, não em si mesmas, mas só quando por meio delas, Jesus Cristo está presente em Sua Igreja (Manual Para o Culto de Deus, Capítulo III, A Palavra na Escritura, no Sermão e no Sacramento, em Brasil Central, 1967, 18.01-0.3).*

Este vínculo entre Palavra e Sacramento, firma o princípio reformado de que somente aqueles que foram chamados para o ofício de pastor-mestre podem superintender a pregação e administrar os sacramentos.

*Luteranos e reformados concordam em ensinar, primeiro, que a eficácia dos sacramentos não depende de algo naquele que administra; e, segundo, que, como o ministro da Palavra e os sacramentos estão unidos nas Escrituras, é questão de ordem e propriedade que os sacramentos sejam administrados somente por aqueles que foram devidamente chamados e designados para esse serviço (Hodge, 2001, pp. 1401-1402).*

### **Modo de Obtenção e Origem da Mensagem**

A ação direta do Espírito, na concessão da revelação, dá a entender que os cristãos dotados com esta capacidade profética não compareciam

aos cultos munidos de esboços de sermões previamente preparados. Alguém recebia revelação e inscrevia-se para falar; o mensageiro anterior se calava e este se levantava para profetizar. A pregação convencional, por sua vez, exige várias horas semanais de preparação (leitura, pesquisa, meditação), objetivando capacitar o pregador a explicar e aplicar um texto bíblico às vidas dos ouvintes.

Apesar destas diferenças, *a origem da iluminação para a mensagem é a mesma*. O pregador prepara sua palavra na dependência e iluminação do Espírito Santo, obtidas através da oração.

*Uma hora de oração é melhor preparação para escrever o sermão que um dia inteiro de estudos. Uma pessoa não pode fazer um sermão edificante enquanto o coração estiver inerte. Ela deve ter a instrução interior do Espírito, concedida em resposta à suplica sincera (Henry C. Fish, em Eby, 2001, p. 64).*

Assim, segundo a fé reformada, **não há pregação legítima sem a iluminação e a operação poderosa do Espírito Santo.**

## Profecia Distribuída

Apesar do pastor-mestre responsabilizar-se pela supervisão de todo ministério de pregação de uma congregação, outros crentes são capacitados com o dom de profecia, que foi concedido à Igreja como um todo, homens e mulheres, por ocasião do Pentecostes: “vossos filhos e vossas filhas profetizarão” (At 2.17; compare com 1 Co 11.5).

Em Apocalipse 11 o povo de Deus é simbolizado por duas testemunhas, que desempenham papel profético na atual dispensação: “Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco”. Isso quer dizer que o Corpo de Cristo é chamado a levar ao mundo uma palavra acerca do juízo divino e da necessidade de arrependimento. É por isso que o apóstolo Paulo afirma que gostaria que “todos profetizassem” (1 Co 14.1, 5, 39). No entanto, nem todos possuem este dom (1 Co 12.29).

## Mais do Que a Pregação?

O dom de profecia citado no Novo Testamento é **unicamente** a pregação? Será que toda e qualquer possibilidade de Deus falar hoje foi restrita à proclamação das Escrituras, feita no púlpito? O que dizer das impressões produzidas pelo Espírito, diretamente, na mente do crente? O que dizer das visões e sonhos? Como cristãos reformados, devemos crer ou não na possibilidade de tais fenômenos?

Existe quem entenda que quaisquer ocorrências ditas sobrenaturais são espúrias e destoantes da fé reformada. O término de alguns ofícios, bem como a finalização do cânon, determinam o fim da era dos milagres. A afirmação reformada “Somente a Escritura” significa que, hoje, Deus não fala, absolutamente, por mais nenhum meio senão as palavras impressas na Bíblia Sagrada.

Tal argumento parece ortodoxo, mas é notoriamente deísta. O deísmo é rejeitado pelo cristianismo bíblico, uma espécie de religião natural, a “aceitação de um certo conjunto de conhecimentos religiosos adquiridos exclusivamente pelo uso da razão” (*M. H. MacDonald, “Deísmo”, em Elwell, 1988, p. 402*). Uma das afirmações do deísmo é a de que Deus não interfere na natureza criada – em suma, milagres não existem.

De modo consistente, servimos a um Deus Soberano e Todo-Poderoso. A história do povo de Israel pode ser lida como uma fantástica seqüência de eventos maravilhosos (Sl 78.2-4, 12-16). Os inícios da Igreja são selados com a confirmação de que, nestes últimos dias, o Espírito Santo está sendo derramado, produzindo atos incomuns, dentre eles, profecias, visões e sonhos (At 2.17). Quem afirma categoricamente que nos dias atuais Deus não fala utilizando meios incomuns, tem de refletir melhor na plenipotência e soberania divinas, bem como nas implicações da profecia de Joel.

### ***Impressões Produzidas Diretamente na Mente***

Em certas ocasiões, enquanto conversamos com alguém, somos “iluminados” quanto a um texto da Bíblia que se encaixa em um problema ou situação por ele vivenciada. Esta experiência graciosa, que ocorre ocasionalmente com os crentes em geral, repete-se com maior frequência com aqueles que possuem o dom de profecia. A profecia pode ser ministrada na forma de “admoestações” (Hb 10.25), originadas em impressões que Deus traz “de modo espontâneo à mente” (Grudem, 2000, p. 892).

Há quem possa compartilhar uma experiência em que um irmão ou irmã, inusitadamente, trouxe uma palavra incrivelmente pertinente diante de determinada necessidade – uma palavra tão clara e específica que **só pode ter sido orientada por Deus**. Esta é uma das formas da profecia que, sempre lastreada nas Escrituras, pode ser exercitada no âmbito da mutualidade, em todos os relacionamentos da comunidade da fé, para edificação, exortação e consolo (Cl 3.16).

Deere<sup>8</sup> (1998, pp. 61-89), cita alguns exemplos de reformadores escoceses que exercitaram este tipo de ministério profético admoestatório, tais como **Jorge Wishart** (1513-1546), mentor de John Knox; **John Welsh** (1570-1622), cujas experiências proféticas foram confirmadas por Samuel Rutherford (1600-1661), famoso teólogo reformado; **Robert Bruce** (1554-1631), importante personalidade da igreja de Edimburgo, sob cuja influência a Reforma na Escócia encontrou estabilidade e **Alexander Peden** (1626-1686), partidário da Reforma que chegou a ser chamado por alguns de seus contemporâneos de “Profeta Peden”. Uma referência digna de nota, porém, é **John Knox**, considerado um dos pais do presbiterianismo:

*Quando no leito de morte, Knox pediu aos amigos David Lindsay e James Lawson que procurassem o lorde de Grange, William Kirkaldy, a quem*

<sup>8</sup> Discordo da teologia e proposta metodológica de Deere, de estimular a espera, em cada culto, de novas palavras proféticas dissociadas da pregação. No entanto, seu apanhado histórico dos “profetas presbiterianos” é, sem dúvida, um achado interessante.

*Knox amava profundamente. Kirkaldy tentava defender do exército inglês o castelo de Edimburgo para a rainha Maria da Escócia. Knox disse:*

*Vade, imploro-vos, e dizei-lhe por mim, em nome de Deus, que deixe o caminho mau em que se envolveu. Nem aquela rocha [o castelo de Edimburgo], nem a sabedoria carnal daquele homem, a quem ele considera um semideus [Guilherme Maitland de Lethington, antigo secretário de Estado de Maria], lhe serão de ajuda; mas será arrancado daquele ninho e jogado por sobre os muros de forma vergonhosa, sendo seu corpo pendurado voltado para o sol: disso Deus me assegurou.*

*Lindsay e Lawson foram fiéis na entrega da mensagem, mas Kirkaldy escolheu desconsiderar a advertência de Knox. No dia 29 de maio de 1573, Kirkaldy foi forçado a entregar o castelo. O portão do castelo estava interditado em razão do bombardeio inglês. Tal qual Knox havia profetizado, Kirkaldy teve de ser baixado pelo muro de forma muito vergonhosa, amarrado a uma corda. Na tarde ensolarada de 3 de agosto de 1573, Kirkaldy foi enforcado em Market Cross de Edimburgo. Ele estava voltado para o leste, longe do sol, mas, antes de morrer, seu corpo girou para o oeste, de modo que ficou “voltado para o sol”, como Knox havia profetizado (Deere, 1998, pp. 69-70).*

Em suma, a fala profética estende-se **além da pregação formal**, na forma de **admoestação edificante**, proveniente de impressões que Deus traz diretamente à mente da pessoa que tem o dom de profecia.

## Visões e Sonhos

A contemporaneidade das visões e sonhos é atestada por um ministro presbiteriano que conheço há algumas décadas, um homem firme na doutrina bíblica, equilibrado quanto à fé e totalmente avesso a quaisquer fenômenos meramente emocionalistas ou manipulativos.

*Em meados da década de 90, quando eu era ainda um seminarista, passei por uma situação de extremo desgaste, tanto espiritual quanto emocional. Profissionalmente, tive de administrar uma frustração decorrente da perda em uma disputa por uma promoção. Meu irmão mais velho sofreu um choque anafilático e ficou por 29 meses em coma, vindo a falecer. Tive de deixar a igreja que freqüentava, na qual servi por mais de cinco anos como evangelista e presbítero, devido a desentendimentos com meu pastor. Eu me encontrava abatido, esgotado e muito, muito deprimido.*

*Certa tarde, premido pela angústia, levantei-me de minha baia de atendimento e fui até o banheiro da empresa. Entrei, apaguei as luzes, ajoelhei-me e derramei-me em orações e choro diante de Deus. Após alguns minutos me recompus e voltei ao trabalho. Cerca de dez minutos depois, o telefone tocou. “Oi irmão, estou ligando pra te dizer que Deus está com você. Ele me mostrou você de joelhos, chorando dentro de um banheiro, mas me orientou a dizer-lhe que não deve se desanimar. Ele está no controle de tudo”. E desligou.*

*Não preciso dizer que, a partir daquele momento, fui suprido com uma esperança sem precedentes. As promessas da Palavra de Deus, relacionadas à sua providência, foram sobrenaturalmente confirmadas em meu coração.*

Estes e outros relatos corroboram as palavras do profeta Joel, citadas na pregação do apóstolo Pedro, em At 2.17-21. Cremos que não há impedimento para que Deus auxilie seus filhos em suas caminhadas de fé através de visões e sonhos, sempre submetidos ao escrutínio e validação das Escrituras.

### **O que Diz a Carta Pastoral?**

A palavra oficial da IPB sobre o assunto define, claramente, que cessou o ofício de profeta, “como instrumento de predizer as várias etapas do plano divino de redenção”. A profecia “cumpruiu sua finalidade através dos antigos profetas e dos apóstolos, os quais registraram de forma inspirada e infalível as etapas ainda futuras da História da Redenção, como a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos e o juízo final. Assim, como veículo de revelação divina, ela cessou com os apóstolos e profetas, os quais lançaram os fundamentos da Igreja de Cristo [...]. A “exposição e aplicação das Escrituras no poder do Espírito Santo, permanece na Igreja de Cristo em todas as épocas, e deve ser desejada e recebida como sendo o melhor dos dons” (pp. 59-60).

É reconhecido, no entanto, que “a verdadeira natureza da profecia e do ministério dos profetas das igrejas locais na época da Igreja Primitiva não é absolutamente explícita” e que “muito da prática de profecia, em voga em algumas de suas comunidades, não corresponde ao ensinamento bíblico sobre o exercício dos dons no culto público” (p. 60).

Esta posição, corretamente, fecha toda possibilidade de novas predições acerca das “etapas do plano divino de redenção”. Não há, na Igreja Presbiteriana do Brasil, espaço para novas revelações ditas infalíveis. Tanto é assim, que toda profecia deve ser julgada, tanto a pregação ministrada no púlpito, quanto qualquer outro ensino, admoestação ou instrução (1 Co 14.29; 1 Ts 5.20-21): “exige-se dos que ouvem a Palavra pregada que [...] comparem com as Escrituras aquilo que ouvem” (*Catecismo Maior, pergunta 160*, em Martins, 1991, p. 345).

Entenda-se, no entanto, que a orientação da Carta Pastoral não é fechada quanto à contemporaneidade dos sonhos, visões e admoestações proféticas. Nada há nas Escrituras que imponha o entendimento de que tais possibilidades de comunicação divina cessaram. Cremos que Deus fala quando quiser, utilizando tais expedientes, para glória de seu nome e edificação da Igreja, com “decência e ordem” (1 Co 14.26). O que lemos na “Carta”, é o reconhecimento de que muito da prática de profecia da atualidade, destoa das orientações bíblicas sobre o uso correto deste dom.

### **Autoridade da Profecia**

Segundo Grudem (2000, p. 898), “a profecia ocorre quando uma revelação proveniente de Deus é relatada com palavras (meramente humanas) do próprio profeta”. Em suma, trata-se de uma fala humana, ainda que originada em



Deus. Por isso é sujeita a erros e precisa ser continuamente comparada com as Escrituras (At 17.11). Na Igreja Presbiteriana do Brasil, não há autoridade, nem exige-se obediência que extrapole os limites da Bíblia. Qualquer mensagem, recado, admoestação, conselho, orientação, visão, sonho ou experiência de qualquer espécie, são julgados pelas Escrituras (Gl 1.8-9).

Consideramos então, absurdo alguém “profetizar” na primeira pessoa do singular, tal como os profetas do Antigo Testamento: “Assim diz o Senhor. Eis que estou contigo para te falar, meu servo etc.” Apesar de tal modo de comunicação impressionar, não garante infalibilidade. Os critérios para a legitimação de um profeta são claros:

- O profeta deve ser comissionado por Deus (Jr 1.5, 23.21, 31,32).
- Sua palavra deve ser fiel às Escrituras (At 17.11).
- Sua profecia deve se cumprir (Dt 18.21-22). Receber este dom é um grande privilégio, mas também uma pesada responsabilidade. No Antigo Testamento, aquele que profetizasse levianamente, falando em nome de Deus aquilo que o Senhor não havia dito, era passível da pena de morte (Dt 18.20; Jr 14.14-15).

## Onde e Como Utilizar

O dom de profecia pode ser exercido nos cultos públicos da igreja – em cada culto deve haver pregação fiel das Escrituras. Além disso, alguém pode dar uma palavra de admoestação, consolo ou estímulo a toda a congregação. Como “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas” (1 Co 14.32), aqueles que entendem que receberam do SENHOR algo a ser compartilhado com toda a congregação, poderão submeter suas mensagens ao pastor efetivo, que verificará a pertinência da palavra e agendará a oportunidade de compartilhamento, de acordo com os critérios litúrgicos de “ordem e decência” (1 Co 14.40).

Em outros âmbitos de mutualidade (relacionamentos estabelecidos em grupos pequenos ou rede de pastoreio), os cristãos com o dom de profecia podem, dentro dos limites do amor, compartilhar palavras de produzam edificação na fé (1 Co 14.3).

A prática do dom de profecia não pode favorecer qualquer tipo de **distorção litúrgica** ou **doutrinária**. A profecia deve contribuir para **fortalecer a identidade cristã reformada**, tornando clara a *distinção entre a fé calvinista (bíblica) e as outras formas de crenças presentes no evangelicalismo atual*.

Além disso, a prática da profecia deve favorecer a **identidade denominacional**, fortalecendo o **sistema de governo** e as **orientações estratégicas e metodológicas** presbiterianas, considerando como, no mínimo inconvenientes, outras visões e modismos.

As experiências de sonhos e visões, devem ser compartilhadas **somente com cristãos equilibrados e amadurecidos nas Escrituras e símbolos de fé**. Preferencialmente, que tal compartilhamento ocorra após **anuência pastoral**, em ambiente e ocasião próprias.

## Quem Possui o Dom de Profecia?

### Sugestão de Características

Eis uma lista de possíveis características de quem possui o dom de profecia:

É um radar, sempre percebendo a realidade, tanto secular quanto espiritual à sua volta, recebendo de Deus estímulos para aplicar as Escrituras àquele contexto. Detecta as falhas dos crentes, sofre por elas e, tomado de compaixão e zelo, as denuncia pessoal ou publicamente, buscando persuadir as pessoas a retornarem ao caminho de fidelidade. Preocupa-se com os planos e a vontade de Deus, e com seu Nome. “Identifica, define e repudia o mal, e se entristece com ele (Mq 3.7-12). Tem um senso profundo do certo e do errado, sendo intolerante para com a verdade parcial. ‘Aponta o dedo’, procurando motivar mudanças de comportamento. Repreende para convencer de erro, usando as Escrituras como bússola para corrigir a direção daquele que se desviou. Às vezes tem dificuldade de ser sensível e paciente com problemas particulares dos indivíduos. Conforme o caso, identifica e julga a condição espiritual de uma pessoa hipócrita, e tem dificuldade em ajudá-la, ou mesmo evita ajudar esse indivíduo. Age assim pela grande tristeza que sente pela pessoa e ojeriza pelo estado dela. Ou também pela forte reação de intolerância, de indignação e de ira mesmo, pois a hipocrisia se choca com a personalidade do profeta” (Knight, 1996, pp. 88-91). É corajoso, dispondo-se a pagar qualquer preço para proclamar destemidamente os desafios divinos. Infelizmente, como atestam a Escritura e a História, os profetas, na maioria das vezes, não são ouvidos nem tidos por populares (2 Rs 17.13-14; 2 Cr 36.15-16; Ne 9.26; Mt 23.29-33; Hb 12.36-38; Ap 11.7-10).

## Resumo

Acerca da contemporaneidade dos dons, concordamos com Lopes (1999, pp. 174, 177):

- Alguns dons podem ter **cessado** antes da volta de Cristo.
- **Não é necessário** que todos os dons que existiam nas igrejas do Século I **estejam presentes em todas as épocas** subseqüentes da história da Igreja, até o fim.

É possível resumir as posições das igrejas sobre os dons espirituais em **três** categorias, quais sejam, **cessacionismo**, **carismatismo simplista** e **contemporaneidade reformada**.

- Na primeira categoria, afirma-se que **os dons espirituais cessaram** na época da igreja primitiva, uma opinião não abraçada pela Igreja Presbiteriana do Brasil.
- Na segunda, os **dons são confundidos com os ofícios** e entende-se que devem ser usados na igreja de hoje, tal como ocorreu na igreja primitiva. Essa é a posição (irrefletida) da maioria das igrejas pentecostais, neopentecostais e carismáticas da atualidade e produz **desequilíbrios diversos**.



- A posição reformada crê na **contemporaneidade dos dons**, mas os diferencia dos ofícios, interpreta contextualmente os textos bíblicos e atenta para as mudanças ocorridas em sua administração, *mantendo o equilíbrio entre os dois extremos*.

Os dons espirituais, quando devidamente utilizados, favorecem o desenvolvimento do discípulo **maduro** e **reprodutivo**.

Em todas as dimensões da vida com Deus, são necessários os dons de **profecia** e **ensino**. Por isso, a primeira característica de uma igreja cristã deve ser **bíblica**. A partir das Escrituras se estabelecem todas as **crenças** e **práticas** da igreja verdadeiramente reformada.

O dom de profecia é a capacidade de **falar sob inspiração divina**.

De acordo com a fé reformada, “profecia” é quase sempre sinônimo de **pregação** e profetizar é **comunicar uma palavra do Senhor, alicerçada na Bíblia, a uma pessoa em particular ou a uma congregação**.

Revelação é uma mensagem **baseada nas Escrituras**, que visa a **edificar**, a **confortar** e a **instruir** a Igreja. Gaffin, teólogo reformado, entende revelação como uma **compreensão**, mais ou menos repentina, do **significado** que o ensino bíblico tem para uma **situação** ou **problema particular**.

Comparando a profecia de 1 Co 14 com a pregação moderna, notamos que existem **diferenças** e **semelhanças**.

Quando refletimos sobre as diferenças e semelhanças quanto ao mensageiro e a mensagem, percebemos que, enquanto na igrejas dos inícios muitos profetizavam em cada culto, na igreja atual, **o ministério da pregação é responsabilidade do pastor-mestre** que, através da proclamação da Palavra, disciplina e administração dos sacramentos, faz uso das **chaves do Reino dos Céus**.

A Palavra, **pregada** ou **apresentada nos sacramentos**, é a **legítima profecia** e instrumento edificador dos crentes.

Quanto ao modo de obtenção e origem da mensagem, entende-se que, apesar das diferenças existentes entre a prática inicial (mensagem espontânea, sem aparente preparação formal) e a atual (mensagem organizada, preparada a partir de estudo), a **origem da iluminação para a mensagem é a mesma**. O pregador prepara sua palavra na dependência e iluminação do **Espírito Santo**, obtidas através da **oração**.

Apesar do pastor-mestre responsabilizar-se pela supervisão de todo ministério de pregação de uma congregação, **outros crentes** são capacitados com o dom de profecia.

A fala profética estende-se além da pregação formal, na forma de **admoestação edificante**, proveniente de impressões que Deus traz diretamente à mente da pessoa que tem o dom de profecia.

Cremos também que **não há** impedimento para que Deus auxilie seus filhos em suas caminhadas de fé através de **visões** e **sonhos**, sempre submetidos ao escrutínio e validação das Escrituras. A orientação da Carta

#### Vídeo

**A. Nicodemus**

*Reflexão sobre o dom de profecia em 1 Co 12-14, com ênfase especial no capítulo 13*

Pastoral da IPB, de 1996, **não é** fechada quanto à contemporaneidade dos **sonhos, visões e admoestações proféticas**.

Na Igreja Presbiteriana do Brasil, não há autoridade, nem exige-se obediência que extrapole os limites da Bíblia. Qualquer mensagem, recado, admoestação, conselho, orientação, visão, sonho ou experiência de qualquer espécie, são **julgados pelas Escrituras**.

O dom de profecia pode ser exercido nos cultos públicos da igreja – em cada culto deve haver **pregação fiel das Escrituras**. Além disso, alguém pode dar uma palavra de admoestação, consolo ou estímulo a **toda a congregação**, sob supervisão do **pastor efetivo**, que verifica a pertinência da palavra e agenda a oportunidade de compartilhamento, de acordo com os critérios litúrgicos de **ordem** e **decência**.

Além dos cultos públicos, a profecia pode ser exercitada nos diversos âmbitos de **mutualidade** da igreja.

A prática do dom de profecia não pode favorecer qualquer tipo de **distorção litúrgica** ou **doutrinária**. A profecia deve contribuir para fortalecer a **identidade cristã reformada**, tornando clara a *distinção entre a fé calvinista (bíblica) e as outras formas de crenças presentes no evangelicalismo atual*.

Além disso, a prática da profecia deve favorecer a **identidade denominacional**, fortalecendo o **sistema de governo** e as **orientações estratégicas e metodológicas** presbiterianas, considerando como, no mínimo inconvenientes, outras visões e modismos.

As experiências de sonhos e visões, devem ser compartilhadas *somente com* **cristãos equilibrados e amadurecidos nas Escrituras e símbolos de fé**. Preferencialmente, que tal compartilhamento ocorra após **anuência pastoral**, em ambiente e ocasião próprias.

# 6

## Os Dons de Rm e 1 Co 12

*“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”*

*Textos de Referência: Rm 12.6-8; 1 Co 12.8-10, 28*

### Visão Geral

Informações contidas nesta unidade:

- Descrição dos dons listados em Rm 12.6-8 e 1 Co 12.8-10
- Resumo da posição da IPCG sobre os dons espirituais
- Questionário de verificação de dons

### Introdução

Havendo compreendido os ofícios e o dom de profecia, podemos prosseguir na análise dos dons listados em Rm 12.6-8 e 1 Co 12.8-10. Após a descrição, fornecemos um questionário, uma ferramenta de auxílio à reflexão e descoberta dos dons.

### O Dom de Auxílio

O dom de auxílio é capacidade de identificar tarefas a serem executadas e realizá-las, bem como investir os talentos que recebeu para ajudar outras pessoas no desempenho de seus ministérios.

**Base bíblica:** Rm 12.7; 1 Co 12.28.

### Dados Revelantes

Apesar da tentativa de alguns em considerar “ministério” e “socorros” como dons diferentes, entendemos que ambas as palavras descrevem as

mesmas capacidades concedidas pelo Espírito Santo, melhor sumarizadas no termo “auxílio”.

O texto de Rm 12.7 traz a palavra *diakonia*, usada no Novo Testamento para designar o ministério de pregação do evangelho (2 Co 5.18), socorro aos necessitados (At 11.29) e serviço de modo geral (Lc 10.40; Rm 15.31; 1 Co 12.5; Ef 4.12).

Em 1 Co 12.28, o apóstolo escreve *antilepsis*, que significa “segurar para apoiar, estar ao lado, cooperar, responder a um pedido para execução de determinada tarefa” (Knight, 1996, p. 52). Kistemaker (2004, p. 615) sugere que este substantivo signifique “a mão ajudadora do amor e misericórdia tanto dentro quanto fora da comunidade cristã”.

### **Quem Possui o Dom de Auxílio? Sugestão de Características**

Gosta de usar os seus talentos para o serviço do reino. Sente-se feliz quando utiliza suas capacidades para auxiliar líderes e outros na congregação, individualmente, para que seu tempo renda mais e fiquem menos sobrecarregados, podendo realizar com mais facilidade e eficiência suas responsabilidades. É sensível às necessidades imediatas e práticas das pessoas, querendo supri-las, quando, pela situação, fica bem claro que o outro quer ou precisa de auxílio. Prefere não tomar liderança; coopera com aquele que a toma as iniciativas. Dá apoio espontâneo aos fisicamente fracos. Fica muito impressionado com exortações bíblicas que o impelem a auxiliar os irmãos na fé (Knight, 1996, pp. 43-44, 53-54).

## **O Dom de Ensino**

O dom de ensino é capacidade de transmitir o conteúdo bíblico de forma que as pessoas entendam e sejam edificadas.

**Base bíblica:** Rm 12.7; 1 Co 12.28-29.

### **Dados Relevantes**

O mestre (*didaskaloi*) é aquele que explica o que o profeta proclama, reduzindo o anúncio da fé em declarações doutrinárias, e aplicando estas doutrinas à situação em que a igreja vive e testemunha. O mestre oferece instrução sistemática à igreja (2 Tm 2.2 – Elwell, 1988, p. 497). Além dos pastores-mestres, citados em Ef 4.11, outros são chamados para a tarefa do ensino, assumindo liderança de grupos de igreja nos lares, secretarias de espiritualidade de sociedades internas ou classes da Escola Dominical. Há quem seja vocacionado para o ministério de educação cristã em tempo integral, dedicando-se à elaboração de currículo e materiais, treinamento de professores e coordenação dos diversos departamentos e iniciativas de ensino de uma igreja.

A prática do dom de ensino é de fundamental importância para a igreja. Quando Josafá resolveu empreender uma reforma da religião, escolheu levitas que “ensinaram em Judá, tendo consigo o Livro da Lei do SENHOR; percorriam todas as cidades de Judá e ensinavam ao povo”. O ministério do Senhor Jesus

foi marcado por sua forte ênfase ao ensino (Mt 5.2, 7.29, 9.35; Mc 4.1, 6.2, Lc 11.2; Jo 7.4 etc.). Ao dar suas últimas instruções aos seus discípulos, ele afirmou que estava partindo, mas enviaria o Consolador, que efetuará uma poderosa obra de ensino (Jo 14.26). Além disso, a Igreja deveria fazer discípulos, “ensinando-os” a guardar tudo o que Jesus havia ordenado (Mt 28.19-20). E os apóstolos levaram a sério esta ordem. O ensino estava presente na Igreja Primitiva, conforme lemos em At 2.42, 4.2, 5.21, 11.26, 18.11, 20.20. O livro de Atos termina com uma afirmação de que Paulo chegara a Roma, e lá ministrava, “pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, *ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo*” (28.31 – grifo meu).

O dom de ensino deve, então, ser exercido com a *máxima dedicação*: “se é ensinar, devemos dar tudo o que temos por nosso ensino” (Rm 12.7. Phillips). É necessário que os mestres se apliquem “à leitura, à exortação, ao ensino” (1 Tm 4.13), sabedores de que serão muito mais cobrados, tanto pelos homens como por Deus (Tg 3.1).

Knight (1996, p. 128) mostra que algumas vezes quem tem o dom de ensino é mal compreendido. Pode ser considerado vaidoso por usar seus próprios conhecimentos bíblicos, ou recorrer às línguas originais para validar o ensino, ou autoconfiante (e pouco dependente de Deus), por dar muito valor à pesquisa e interpretações de outros, ou perfeccionista, por preocupar-se com os mínimos detalhes de uma lição, ou anti-social, por dar prioridade ao estudo, entendendo ser esta sua responsabilidade diante de Deus, ou inovador e revolucionário, por apresentar princípios esquecidos ou verdades extraídas da Palavra de Deus que normalmente não são consideradas pelos demais, ou egoísta e não cooperador, por recusar ou evitar aceitar um convite de última hora para ensinar sobre um tema específico.

### **Quem Possui o Dom de Ensino? Sugestão de Características**

É comprometido com a verdade e autoridade das Escrituras. Gosta de passar muito tempo estudando a Bíblia, livros e textos diversos, com o intuito de aprimorar as aulas. Quando ensina, enfatiza detalhes que levam à interpretação espiritual. Trabalha organizando e reorganizando o material, examinando auxílios visuais, ilustrações etc. É paciente com seus alunos, criando uma atmosfera de liberdade de expressão. Gosta de analisar todas as informações novas comparando-as com as Escrituras. Consegue explicar coisas “complicadas” de maneira que as pessoas compreendam. Não se sente ameaçado diante das críticas. Não gosta de ficar preso ao ensino preparado por outros, preferindo expor o assunto de sua própria maneira; está disposto a investir o tempo necessário para se preparar. Prefere conversar sobre idéias, doutrina ou interpretação de passagens bíblicas, e facilmente se desinteressa por conversas sobre a vida alheia (mesmo que não seja fofoca) e assuntos corriqueiros. É comum afastar-se do convívio social para estudar mais demoradamente (Knight, 1996, pp. 124-130; Wagner<sup>9</sup>, 1994, pp.128-132).

<sup>9</sup> Discordo de Peter Wagner em muitos aspectos de sua teologia, mas considero úteis algumas de suas observações sobre perfis ou características de dons espirituais.

## O Dom de Exortação

O dom de exortação é a capacidade de confrontar as pessoas, ministrando-lhes palavras de consolo, encorajamento e conselho, de tal modo que se sintam advertidas, ajudadas e curadas.

**Base bíblica:** Rm 12.8.

### Dados Relevantes

A exortação normalmente tem um conteúdo ético (Elwell, 1988, Vol. II, p. 136). Exige-se do cristão uma “conduta correta nesta vida” (Brown, 1985, Vol. II, p. 178). Conforme Thomson & Elwell (*Dons Espirituais*, em Elwell, 1988, p. 497), “aquele que possuía a dom da exortação cumpria um ministério estreitamente aliado com o do profeta e mestre cristão. A diferença entre eles seria achada na abordagem mais pessoal daquele que exortava”. Deste modo, podemos entender o dom de exortação neste contexto de vivência da espiritualidade comunitária, onde os irmãos devem preocupar-se uns com os outros, admoestando-se mutuamente à prática de boas obras (Hb 10.24-25).

A palavra *parakalon*, usada em Rm 12.8, pode ser traduzida por “consolar”, dando a entender uma conversa amistosa. “Para que as exortações fossem bem sucedidas, teriam de ser feitas no poder persuasivo do amor, da compreensão e da simpatia. Seu alvo era ganhar os cristãos para um modo superior de vida e para uma dedicação mais profunda a Cristo. O Espírito, portanto, que outorgava o dom da exortação transmitia, juntamente com o dom, a qualidade de persuasão e atração espirituais” (Elwell, 1988, p. 497). Este dom tem uma ligação profunda com a consolação, pois o próprio Espírito Santo é chamado na Bíblia de paráclito ou “consolador” (Jo 15.26).

Este dom tem muito valor para o aconselhamento, sendo necessário numa época como a nossa, marcada pelo individualismo, quando as pessoas sentem-se muitas vezes sozinhas, sem terem quem se importe com elas. Todos nós precisamos de quem, vez por outra, amorosamente nos aponte nossos erros, mostre-nos o caminho e ajude-nos a chegar no alvo proposto por Deus. Além disso, a vida é marcada por perdas e tribulações – doenças, sofrimento e morte, e muitos de nós sabem o quanto é valioso termos alguém que seja um instrumento de Deus para nos consolar nestas horas difíceis.

### Quem Possui o Dom de Exortação? Sugestão de Características

Demonstra *interesse pelas pessoas*. É paciente. É discreto (sabe guardar segredos – domina a língua). Conhece de maneira singular, e aplica em sua relação com outros, as *doutrinas da graça*. É maduro na fé, estando sempre disponível a atender chamados de socorro na horas mais impróprias, com alegria e satisfação. “É muito procurado para conversas do tipo ‘desabafo’” (Knight, 1996, p. 115).



## O Dom de Doação

O dom de doação é a capacidade de contribuir, de modo incomum e sacrificial, para a obra de Deus, com liberalidade e bom ânimo.

**Base bíblica:** Rm 12.8.

### Dados Relevantes

“A maior alegria do possuidor deste dom é poder repartir aquilo que tem para o avanço da obra de Jesus Cristo” (Knight, 1996, p. 73). Na versão Revista e Atualizada da Bíblia, lemos que aquele que contribui, deve fazê-lo com “liberalidade”. A versão de Phillips traz com “generosidade”, e mais interessante ainda é a versão TEB: “Aquele que dá, faça-o *sem segundas intenções*” (grifo meu). Em todas as traduções prevalece o princípio geral de que a contribuição deve ser espontânea, totalmente motivada pela gratidão ao Senhor e pelo desejo de colaborar com a expansão do reino.

A função óbvia deste dom é *prover recursos para que a Igreja cumpra a Grande Comissão*, alcançando as metas orientadas pelo Espírito Santo. O funcionamento eficiente das sociedades internas e ministérios, a obra denominacional e os campos missionários distantes exigem custeio, manutenção e crescimento. Sem recursos financeiros não é possível que uma igreja desenvolva seus serviços (Êx 35.29; Lc 8.2-3; Fp 4.10-19). Podemos considerar essa abordagem como sendo não muito espiritual, mas é interessante observarmos que Deus define isso com naturalidade, ao ponto de o Espírito capacitar alguns para investirem seus recursos de modo diferenciado.

Isso não elimina ou diminui a responsabilidade que todos os membros da igreja têm de entregar fielmente seus dízimos e ofertas. Por isso é que *uma igreja onde todos sejam fiéis no dízimo, e aqueles abençoados com o dom da contribuição estejam operando normalmente, certamente será saudável financeiramente*. É papel dos pastores pregar e ensinar sobre o dízimo, e ao mesmo tempo abrir espaço para aqueles que quiserem contribuir com generosidade.

### Quem Possui o Dom de Doação? Sugestão de Características

Desprendimento dos bens materiais. Deseja ganhar mais para ofertar mais, em níveis superiores ao dízimo. Pode até optar pela pobreza ou uma vida mais simples para dar mais para o Senhor e o seu reino.

## O Dom de Direção

O dom de direção (liderança) é a capacidade de estabelecer alvos de acordo com os propósitos de Deus e transmitir tais alvos a outros, de tal modo que, voluntária e harmoniosamente, todos trabalhem juntos para alcançá-los.

**Base bíblica:** Rm 12.8.



## **Dados Relevantes**

“No grego, *proistemi* significa ficar de pé diante ou por cima de alguém ou de alguma coisa; liderar, atender cuidadosamente. Envolve a tarefa em si, a responsabilidade por outros e a proteção daqueles sobre os quais alguém é colocado” (Knight, 1996, p. 140).

A liderança é um dos dons fundamentais da igreja, sem o qual este se desorienta e cai (Jz 2.18-19; Pv 11.14). *A igreja se desenvolve e cresce à medida em que a liderança se multiplica*. Conforme mais pessoas forem sendo chamadas e dotadas por Deus para esta posição, devem receber o acompanhamento e treinamento dos pastores da igreja e exercer suas funções na congregação.

O exercício deste dom exige muita disposição para o trabalho: “se é exercer liderança, que a exerça com zelo” (Rm 12.8 – Nova Versão Internacional.), ou, na tradução de Phillips, “o homem em posição de autoridade trabalhe com entusiasmo” (Phillips). Conforme o ensino do Senhor Jesus e dos apóstolos, a liderança deve ser assumida com *humildade* (Mt 20.25-28; 1 Pe 5.2-3).

Knight (1996, p. 145) entende que os que possuem este dom podem ser considerados *prepotentes*, por assumirem e aceitarem rapidamente posições de liderança; *visionários* ou *idealistas* por proporem alvos ousados; *insensíveis* por tolerarem resistência sem mimar seus liderados; *comodistas*, por delegarem responsabilidades e *impetuosos* por tomarem decisões rapidamente e/ou se arriscarem a tomar uma iniciativa quando o grupo vacila demasiadamente.

A posição de liderança é uma das mais atacadas pelo inimigo. Aqueles que possuem tal dom devem ter “um cuidado muito especial com sua vida cristã, pois Satanás prefere atacar os líderes para, assim, atingir um maior número de pessoas (Mc 14.27” – Knight, 1996, p. 145).

## **Quem Possui o Dom de Direção ou Liderança?**

### **Sugestão de Características**

Deus o coloca sempre em situações onde exerça a liderança. É aceito como líder espontaneamente pelas pessoas que o rodeiam. Normalmente possui o dom da fé. Detesta a exaltação própria e não deseja sobressair-se diante dos outros irmãos, pois tem consciência de suas debilidades. Sente-se desafiado a assumir a responsabilidade da liderança quando faltam líderes. Possui visão, é objetivo e claro, perseguindo os alvos de modo determinado e persistente. Preocupa-se e investe em seus liderados, mostrando o caminho, dando o exemplo e ajudando-os em suas dificuldades. Não se importa em delegar tarefas às pessoas capacitadas. É criativo. Não gosta de burocracias e questões de administração. Toma decisões com sabedoria e clareza, não temendo os riscos, com a convicção da orientação divina.

## **O Dom de Demonstração de Misericórdia**

O dom de demonstração de misericórdia é a capacidade de sentir empatia e compaixão genuínas por pessoas, tanto crentes como não crentes, que estejam sofrendo problemas aflitivos físicos, mentais ou emocionais, e para traduzir essa compaixão em feitos realizados com alegria, que reflitam o amor de Cristo

e aliviem os sofrimentos. “É o dom que permite a seu possuidor encarar uma pessoa com amor, esquecendo-se de si próprio” (Knight, 1996, p. 62).

**Base bíblica:** Rm 12.8.

### **Dados Relevantes**

O dom de misericórdia possui um caráter altamente solidário: “o homem solidário a seus companheiros aflitos ajude-os com alegria” (Phillips). Aquele que possui este dom tem disposição incomum para auxiliar os necessitados. Envolver-se de modo constante com os problemas de outros, sem dúvida, exige uma capacitação especial do Espírito, pois trata-se de uma tarefa desgastante. Todos os discípulos de Cristo devem exercer misericórdia (Mt 5.7; 23.23). No entanto, somente alguns recebem a capacidade de dedicar-se a um serviço cotidiano de assistência nestes termos.

### **Quem Possui o Dom de Misericórdia? Sugestão de Características**

Literalmente, sente a miséria dos outros. Conforme Knight (1996, pp. 63-64), “é sensível àquilo que machuca os outros: palavras atos ou atitudes. Deseja tirar mágoas e efetivar o restabelecimento emocional e/ou espiritual. Pode envolver-se ocasionalmente com aqueles que, aos olhos dos demais, não são merecedores de atenção, como, por exemplo, os que têm mau cheiro, as mães solteiras ou os viciados”. Sente agonia enquanto não fizer algo para ajudar alguém que necessite de auxílio.

## **Os Dons de Palavra da Sabedoria e do Conhecimento**

**Base bíblica:** 1 Co 12.8.

Acerca destes dons, não há informações confiáveis. Há quem os considere *capacidades para auxiliar aqueles que necessitam de conselho ou instrução*<sup>10</sup>, mas isso certamente já é suprido pelos dons de exortação e ensino. Há quem os veja como *dons extáticos*<sup>11</sup>, exercidos juntamente com os dons de línguas e profecias na Igreja de Corinto, mas não se pode afirmar que essa seja uma interpretação conclusiva. Kistemaker (2004, p. 592) sugere a interpretação mais simples (e preferível). Tais dons capacitam alguém a “falar de maneira sábia e inteligente”.

### **O Dom da Fé**

O dom da fé é a capacidade de crer extraordinariamente em Deus, para a realização de tarefas incomuns.

**Base Bíblica:** 1 Co 12.9; 13.2.

<sup>10</sup> Wagner e Knight (obras citadas).

<sup>11</sup> Schwarz, 1997, p. 122. O Dr. Augustus Nicodemus Lopes defende esta interpretação em uma de suas palestras sobre avivamento, proferida no 6º Congresso Nacional de Avivamento, Santidade e Ação, promovido pela IPB em 1996, em Brasília - DF. Esclareça-se que, para Lopes, tal dom, com estas características de revelação, não é concedido nos tempos atuais.

## Dados Relevantes

Todos os cristãos recebem a dádiva da fé que produz salvação (Ef 1.13; Fp 1.6; Hb 12.2). Esta fé, alicerçada na obra redentora de Cristo e denominada “fé salvadora” é diferente do dom da fé, citado em 1 Co 12.9. Este último é uma *crença para o serviço*, uma confiança relacionada a alguma coisa que precisa ser feita pelo poder de Deus e um *suporte motivacional que opera em conjunto com outros dons*. Por exemplo, quem possui o dom de curas é, normalmente, dotado de fé singular para interceder pelos enfermos e até confrontar e expulsar as doenças (At 3.6-8). Do mesmo modo, alguns doentes são agraciados com fé para serem curados (Lc 5.20; At 14.9-10; Hb 12.2). O exercício do dom de milagres exige fé, sem a qual é impossível expulsar demônios (Mc 9.19-23). Outrossim, a liderança precisa do dom da fé, para poder discernir, com extraordinária confiança, a vontade e os propósitos de Deus quanto ao futuro de sua obra.

## Quem Possui o Dom da Fé? Sugestão de Características

Concentra-se nas possibilidades ao invés de enfatizar os obstáculos. Não se desencoraja diante de circunstâncias difíceis. Recebe uma “visão” de Deus e vai adiante, sem vacilar, até vê-la concretizada, firmando-se nas promessas de Deus (às vezes, por causa disso, é tido por *inflexível* ou *fanático*). É freqüentemente solitário, atendendo a diversas necessidades mas não encontrando quem o compreenda e apioe em momentos de crise. O padrão é, nas crises, recorrer unicamente a Deus. Consegue ser otimista em meio ao caos.

## O Dom de Curas

O dom de curas é a capacidade de ser usado por Deus para orar eficazmente pela recuperação de pessoas enfermas.

**Base bíblica:** 1 Co 12.9, 28.

## Dados Relevantes

As curas foram grandemente usadas pelo Senhor Jesus Cristo, para revelar que ele era o Messias, bem como a sua divindade e amor compassivo (Mt 4.24, 8.3, 13, 16, 9.35, 11.3-5, 12.15, 22, 14.14, 15.30, 17.18, 19.2, 21.14; Mc 1.34, 3.10, 6.13, Lc 4.40, 5.15, 17, 6.18-19, 7.21, 8.47). O ministério de Jesus nos evangelhos (antes da crucificação e ressurreição) pode resumir-se em quatro palavras: **Ensino, pregação, curas e exorcismos**.

Essa “autoridade para curar toda sorte de doenças e enfermidades” foi dada pelo Senhor aos apóstolos e aos “setenta” (Mt 10.1, 8; Lc 10.9, 14.4, 22.51; Jo 5.9). Desta feita, encontramos no livro de Atos vários relatos de curas efetuadas pelos seguidores de Jesus (At 3.6-8, 8.7, 9.34, 14.9-10, 28.8-9). Nesse sentido, o Novo Testamento é claro em afirmar que *o dom de curas foi concedido singularmente, em grande profusão à Igreja Primitiva, para confirmar a autenticidade e o poder do Evangelho* (2 Co 12.12).

O dom de curas não encerrou-se após o período apostólico, mas *continua até hoje*. Conforme Chappell (Elwell, 1988, Vol. I, p. 394):

*Há evidências abundantes nos primeiros Pais da Igreja (e.g., Ireneu, Orígenes, Justino Mártir, Tertuliano, Agostinho) que comprovam a prática contínua e generalizada da cura divina depois dos tempos dos apóstolos. O Papa Inocêncio I descreveu a unção dos enfermos e a oração em favor deles como um direito de todo crente enfermo. Já no século IX, havia se iniciado um declínio relevante na prática da cura divina. Durante o período antes da Reforma, a prática da cura divina ocorria somente nos casos isolados, como no caso de Bernardo de Claraval ou dos valdenses. Lutero e os reformadores ingleses renovaram a prática nos seus ministérios e, no período posterior à Reforma, grupos como os Irmãos, os menonitas, os quacres, os morávios e os wesleyanos praticavam esta doutrina. No século XIX irrompeu um reavivamento de cura na Europa, sob a liderança de Dörthea Trudel, Otto Stockmayer, Johannes Blumhardt e William Boardman. Nos Estados Unidos, durante o século XIX, o Movimento “Holiness” (Santidade) começou um ministério distintivo de cura divina, com líderes como Charles Cullis, Carrie Judd Montgomery, A. B. Simpson, A. J. Gordon, R. A. Torrey e John Alexander Dowie. A cura divina também veio a ser uma doutrina importante dos movimentos pentecostais e carismáticos modernos.*

*Desde o Gênesis até o Apocalipse, desde a igreja primitiva até ao século XX, os registros demonstram que a cura física por intervenção divina tem sido a experiência de muitos membros do povo de Deus.*

No entanto, Packer chama a nossa atenção para o fato de que, *após o período apostólico, a manifestação do dom não é idêntica àqueles tempos primevos.*

*Jesus e os discípulos curaram diretamente com a palavra [...] ou com o toque. A cura era, então, instantânea [...] defeitos orgânicos (tais como membros defeituosos e aleijados) foram curados, bem como enfermidades funcionais, sintomáticas e psicossomáticas [...]. Em algumas ocasiões eles ressuscitaram indivíduos que haviam estado mortos por vários dias [...]. Eles curaram grande número de pessoas [...] e não há registro de que jamais tivessem tentado curar sem sucesso (salvo em um caso em que os discípulos não conseguiram, e Jesus precisou intervir) [...]. Sobretudo, as curas que eles operaram foram duradouras; não há indício de pessoas que, tendo sido curadas por eles, tivessem recaído na enfermidade pouco depois. Ora, seja o que for que possa ser dito do ministério de homens pentecostais e carismáticos que têm o dom de cura em nosso tempo e daqueles que fazem da oração pelos doentes parte integrante do seu ministério, ao que parece, por uma vocação divina específica, nenhum deles tem um registro de sucessos como este” (Packer, 1991, pp. 208-209).*

Não é incorreto afirmarmos que pessoas que possuem o dom de cura podem ser instrumentos para tal utilizando *meios naturais*. Chappell afirma que, segundo a Bíblia, “a enfermidade é curada pela intervenção sobrenatural de Deus com ou sem o uso de meios humanos. Deus mesmo proclamou:

'Eu sou o Senhor que te sara' (*Jeová-Rofi*, Êx 15.26" – Elwell, 1988, Vol. I, p. 393).

Isso significa que alguém pode exercer o dom de curas orando pelo enfermo com imposição de mãos, ungindo-o com óleo ou ministrando a ele um remédio feito pelos homens (na verdade, alguns intérpretes entendem que é legítimo orarmos e utilizarmos os recursos médicos existentes, uma vez que a unção com óleo de Tg 5.14 e Mc 6.13 pode ser assim entendida, comparando tais passagens com os primeiros socorros aplicados pelo samaritano em Lc 10.34 e a clássica passagem de Is 1.6, que indicam o uso terapêutico do óleo nas feridas e enfermidades.) Daí não ser incomum pessoas dotadas com este dom exercerem a medicina. Em todos os casos, opera o dom de cura, e quem cura, em última instância, é Deus (Sl 103.3).

Outra aplicação deste dom é na *cura emocional*, e nesse sentido pessoas podem ser chamadas a exercê-lo num contexto de aconselhamento ou compartilhamento, muitas vezes recebendo como dons adicionais a exortação e a demonstração de misericórdia. Alguns irmãos com esta capacidade tornam-se conselheiros profissionais, ou até psicólogos ou psiquiatras, com o objetivo de auxiliarem melhor ao corpo de Cristo e as pessoas em geral.

O dom de curas, tal como descrito acima, tem seu lugar na igreja atual. Os crentes que o possuem devem buscar imediatamente praticá-lo, dentro do contexto da orientação pastoral nos ministérios da igreja.

### **Quem Possui o Dom de Curas? Sugestão de Características**

Sente-se impelido a visitar pessoas em hospitais e recebe de Deus uma convicção firme de que deve fazer algo em favor dos enfermos. Conforme a direção do Espírito Santo, ora com perseverança e convicção, a fim de que o Senhor cure os doentes. Empreende todos os meios possíveis para que seja efetuada a cura.

## **O Dom de Operações de Milagres**

O dom de operações de milagres é a capacidade de ser usado por Deus para a expulsão de demônios e a realização de atos poderosos que são percebidos pelos observadores como alteradores do curso ordinário da natureza.

**Base bíblica:** 1 Co 12.10, 28.

### **Dados Relevantes**

A tradução de Philips é digna de nota, "o mesmo Espírito dá [...] o uso de poderes espirituais", harmonizando-se com a argumentação de Elwell (1988, p. 494):

*Milagres é a tradução de *dynameis* (poderes). Em Atos, *dynameis* refere-se à expulsão de espíritos malignos e à cura de enfermidades do corpo (8.6-7, 13: "As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. Pois os espíritos imundos de muitos possesores saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos*



*foram curados [...] O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres (dynaméis) praticados'. 19.11-12: 'E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres (dynaméis) extraordinários, a ponto de levarem os enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam de suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam'. Isto talvez explique a 'operação de poderes', mas este dom não é sinônimo de 'dons de curas'. Provavelmente aquele era muito mais espetacular do que estes, e pode ter implicado na ressurreição de mortos (At 9.36ss.; 20.9ss.). O próprio Paulo exercia este dom de operar poderes, e para ele se tratava de uma prova do seu apostolado (2 Co 12.12) que autenticava tanto as boas novas que pregava, quanto seu direito de proclamá-las (Rm 15.18ss.).*

Essa abordagem não é comumente encontrada nos escritos tradicionais sobre os dons. Um exemplo disso é o excelente livro de Lida E. Knight, citado na bibliografia, que não fala sobre o dom de operação de milagres. Lida enfatiza no seu livro, conforme ela mesma diz, apenas os “dons espirituais para ministério” (1996, p. 7), o que significa que *ela não considera que as operações de milagres sejam úteis para o serviço hodierno da igreja*. No entanto, não podemos fugir do fato que, entre os ministérios a serem realizados pelas igrejas locais, independentemente da confissão denominacional, existe a necessidade de confrontação dos espíritos malignos.

Como a liturgia enfatiza a glorificação da Trindade, as orações, a pregação das Escrituras e a administração dos sacramentos, não há nos cultos reformados nenhum tipo de “momento de libertação ou exorcismos”. No entanto, ainda hoje, cristãos que possuem tal dom poderão ministrar (em um ambiente separado do culto) às pessoas que visitam a igreja, ou até mesmo em ações de visita evangelística a não crentes.

### **Quem Possui o Dom de Operações de Milagres?** **Sugestão de Características**

Percebe quando uma pessoa está sendo oprimida por demônios. Recebe do Espírito Santo uma convicção firme de que o Senhor quer libertar o endemoninhado. Não teme ao diabo. Cultiva de modo singular a oração e pratica regularmente o jejum. Deseja ser usado por Deus para libertar os cativos das mãos de Satanás.

## **O Dom de Discernimento de Espíritos**

O dom de discernimento de espíritos é a capacidade de saber, com alto grau de certeza, se certos comportamentos, ministrações e manifestações são originados em Deus, nos homens ou em Satanás.

**Base bíblica:** 1 Co 12.10, 1 Jo 4.1.

### **Dados Relevantes**

Lim informa-nos que “a expressão inteira, no grego, apresenta-se no plural. Este fato indica uma variedade de maneiras na manifestação desse

dom. Por ser mencionado imediatamente após a profecia, muitos estudiosos o entendem como um dom paralelo responsável por ‘julgar’ as profecias (1 Co 14.29 – Horton, 1996, p. 475). A palavra *diacrisis* denota “distinção” e “julgamento”. Esse discernimento é diferente daquele que devem ter todos os crentes, como no exemplo dos cristãos de Beréia (At 17.11). Trata-se de um discernimento de “espíritos” (Horton, 1996, p. 475) – a percepção dos seres do mundo espiritual (demônios, anjos) e o caráter dos seres humanos (At 5.3; 8.20-23; 13.10; 16.16-18). A função deste dom é proteger a Igreja dos ataques de Satanás e dos espíritos malignos, bem como dos falsos mestres (1 Jo 4.1).

De acordo com Horton (1996, p. 475), “da mesma forma que os demais dons, este não eleva o indivíduo a um novo nível de capacidade. Tampouco concede a alguém a capacidade de sair olhando as pessoas e declarando de que espírito são. É um dom específico para ocasiões específicas”.

### **Quem Possui o Dom de Discernimento de Espíritos? Sugestão de Características**

Possui um ceticismo saudável. Não aceita as coisas sem antes verificar nas Escrituras “se de fato é assim”. Consegue perceber se uma conduta aparentemente boa, na verdade é uma obra de engano humano ou diabólico. Algumas pessoas com este dom sentem uma espécie de “repugnância” ou mal-estar físico diante do fenômeno ou da pessoa que está ministrando. Diante de pessoas ditas demonizadas, conseguem discernir se a manifestação é de ordem espiritual ou patológica (doença mental/neurológica).

## **O Dom de Variedade de Línguas**

O dom de variedade de línguas é a capacidade de adorar a Deus em um idioma humano desconhecido por aquele que fala.

**Base bíblica:** 1 Co 12.10, 28; At 2.4-11

### **Dados Relevantes**

Nos relatos do livro de Atos, os discípulos receberam a capacidade de glorificar a Deus com *idiomas humanos*, compreensíveis a quem ouvia (At 2.4-11; 10.44-48 e 19.6-7). Na comunidade de Corinto, as línguas não eram entendidas pelos ouvintes, sendo necessário que houvesse interpretação (1 Co 12.10, 30; 14.9, 27). Além disso, ao que parece, aquele que exercia este dom não entendia o que estava dizendo (1 Co 14.14).

No original, a palavra usada para descrever este dom é *glossa* (línguas). No Novo Testamento, este termo algumas vezes refere-se ao órgão físico da fala (Mc 7.33, 35; Lc 1.64, 16.24). Noutras, refere-se à linguagem humana ou especificidades étnicas (Rm 3.13; Tg 1.26; 1 Pe 3.10; Ap 5.9, 7.9, 13.7, 14.6, 17.15). Em nenhum texto neotestamentário, o texto é qualificado como referindo-se a línguas “celestiais”. Somente em uma passagem (1 Co 13.1) ele é usado como dizendo respeito a “línguas de anjos”, mas em um contexto que sugere um significado não literal dessa expressão.



Em suma, **não existe base bíblica para afirmar que, em 1 Coríntios, Paulo fala de um dom de línguas diferente daquele de Atos.** Textualmente, a experiência dos cristãos de Corinto, ainda que *diferente no modo de desfrute* (necessitava de um intérprete) era *idêntica, na forma de expressão*, à experiência dos cristãos de Atos (os cristãos dotados falavam em idiomas humanos que não haviam aprendido regularmente).

O dom deve ser analisado, portanto, dos pontos de vista da *capacitação missionária da Igreja* e da *comunicação relevante*. Em Atos 2, ele foi útil como confirmação para os ouvintes, de que o Espírito Santo havia sido dado à Igreja e de que os propósitos redentores relacionados às nações estavam sendo cumpridos (At 2.14-36). Em 1 Co 14, ele prestou-se, primeiramente, à adoração pessoal e só tinha utilidade para o desenvolvimento comunitário se houvesse interpretação (1 Co 14.4, 28).

Tais descrições bíblicas do dom de variedade de línguas destoam das práticas hodiernas do chamado “dom de línguas” nas igrejas carismáticas, em dois sentidos:

**1. Ao invés de idiomas humanos, o que se ouve são fonemas desarticulados**, algumas vezes designados de “línguas estranhas” ou “línguas dos anjos”. Observe-se que a primeira expressão *não existe no texto grego da carta de Paulo aos coríntios*. A segunda expressão, encontrada em 1 Co 13.1, é um *exagero intencional*, tal como “compreender todos os mistérios” ou “remover montanhas” (Bíblia de Estudo de Genebra, 2000, p. 1362).

A conclusão de Packer, com a qual eu concordo, é que a *glossolalia* carismática da atualidade é, “subjetivamente, uma questão de deixar as cordas vocais da pessoa funcionarem à vontade, enquanto a pessoa levanta o seu coração a Deus, [muitas vezes] uma perícia aprendida, uma técnica, à qual falta estrutura lingüística, que seus praticantes consideram mais para uso particular” (Packer, 1991, pp. 172, 202). Tal prática possui as seguintes características<sup>12</sup>:

- Não se trata de um idioma no sentido comum, apesar de ser ao mesmo tempo auto-expressão e comunicação – um evento vocal em que, num contexto de atenção a realidades religiosas, a língua opera segundo o temperamento da pessoa, mas independente de sua mente, de maneira comparável à linguagem de fantasia das crianças e dos gorjeios de uma pessoa debaixo do chuveiro ou na banheira.
- Embora comece algumas vezes espontaneamente, ela é, via de regra, *ensinada-aprendida*.
- A *glossolalia* carismática não manifesta, necessariamente, nenhum desequilíbrio, perturbação mental ou trauma físico anterior. Muitos, porém, se não a grande maioria dos glossolálicos são pessoas de saúde psicológica pelo menos normal, média, que descobriram que esta prática é, para elas, uma espécie de divertimento exaltado diante do Senhor.
- A *glossolalia* carismática é buscada e usada como parte da busca de uma comunhão mais íntima com Deus e, normalmente, demonstra

ser benéfica em nível consciente, propiciando alívio das tensões, um certo gozo interior e uma sensação fortificante da presença e bênção de Deus.

- Ela representa, destaca e intensifica uma percepção da realidade divina, conforme é levada a ela; desta forma, torna-se um veículo natural para expressar o sentimento de adoração, e não é de admirar que os carismáticos a chamem de “linguagem da oração”.
- Tudo isso leva a crer que, pelo menos para algumas pessoas, trata-se de uma boa dádiva de Deus, da mesma forma como é para todos nós o poder expressar os pensamentos através da linguagem.

**2. Na maioria dos contextos carismáticos**, esta prática glossolálica é vista como:

- a) **evidência do batismo com o Espírito Santo**, o que se choca com o ensino reformado da doutrina do Espírito Santo, que afirma que todos os cristãos são batizados com o Espírito na conversão (Rm 8.9; Ef 1.13, 4.4-6);
- b) **exercida sem interpretação**, com muitas **pessoas falando ao mesmo tempo**, contrariando a instrução de 1 Co 14.27;
- c) **considerada como dom proeminente**, muitas vezes praticado em conjunto com novas profecias e revelações (1 Co 12.28-31).

Em suma, a prática da *glossolalia* na atualidade **não corresponde ao dom de variedade de línguas, descrito no Novo Testamento**. Neste caso, trata-se de uma *experiência de auto-estímulo* que não é, em si mesma, necessariamente danosa, mas que não deve ser buscada ou incentivada como dom espiritual.

### **Uso do Dom de Variedade de Línguas**

Nos dias atuais, Deus, em sua soberania, pode conceder que idiomas não aprendidos regularmente sejam falados de forma sobrenatural. As igrejas devem estar prontas para que este dom seja praticado segundo as orientações de 1 Co 14.39-40: “Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas. Tudo, porém, seja feito com decência e ordem”.

Quanto, porém, à prática de *glossolalia* carismática, também chamada de “falar em línguas estranhas” ou “falar em línguas de anjos”, não deve ser estimulada nem buscada pelos membros de nossa igreja.

---

<sup>12</sup> Esta seção é uma adaptação e resumo do texto de Packer, 1991, pp. 204-206. Confesso que, para mim, o estudo de Packer é o mais coerente com a realidade bíblica e com a prática daqueles que afirmam “falar em línguas”. Ele analisa a prática atual da *glossolalia* em praticamente todos os seus aspectos: teológico (inclusive fazendo um breve resumo das diversas correntes doutrinárias acerca da questão), histórico e psicológico. O enfoque da *glossolalia* carismática como algo diferente do dom de variedade de línguas do Novo Testamento, ligado à percepção intuitiva e comunicação subjetiva com Deus, é uma grande (e respeitosa) contribuição ao entendimento desta prática.

## O Dom de Interpretação de Línguas

Nada há a ser detalhado sobre este dom, que torna-se relevante somente na medida em que comprovar-se a manifestação, nos dias de hoje, do dom de variedade de línguas, tal como vivenciado pelas igrejas do Novo Testamento, ou seja, a glorificação divina em um idioma humano não conhecido pelos ouvintes, em contextos onde não haja um intérprete convencional.

## O Dom de Administração

O dom de administração é a capacidade de desenvolver estratégias ou planos para alcançar alvos identificados; organizar pessoas, tarefas ou eventos; ajudar as organizações ou grupos a se tornarem mais eficientes; reorganizar um setor onde haja caos administrativo (Bugbee, Cousins & Hybels, 1998-2, p. 65).

**Base bíblica:** 1 Co 12.28.

### Dados Relevantes

A expressão *kibernesais*, “governos”, “refere-se à pilotagem de um navio” (Rienecker & Rogers, 1985, p. 318). Knight (1996, pp. 155, 156) ilustra bem a relação entre aquele que possui o dom de administração e aquele que possui o dom de liderança:

*O capitão de um navio pode ser comparado com alguém com o dom de liderança. Ele responde diretamente ao Dono do navio. O capitão é o responsável pelo navio como um todo, incluindo a tripulação. O timoneiro dirige o navio; é escolhido ou aprovado pelo capitão, ao qual se reporta, cooperando com ele para realizar os objetivos do Dono. O timoneiro é semelhante a alguém com o dom espiritual de administração.*

A Igreja precisa de administradores, pois o modo como se organiza produz impacto em sua eficácia no cumprimento da Grande Comissão. Os alvos, para serem alcançados, precisam ser *acompanhados passo-a-passo*, e isso exige apurada capacidade administrativa. Numa igreja desorganizada, a maioria dos planos fica só no papel.

### Quem Possui o Dom de Administração? Sugestão de Características

É organizado e prático. Gosta de rotinas e de investir tempo em administrar detalhes que considere importantes para o alcance dos alvos propostos. “Geralmente prefere trabalhar na administração de uma equipe ou grupo sob a liderança de outro irmão que saiba liderar bem, em vez de ser ele próprio, ao mesmo tempo, líder e o administrador [...]. Quer trabalhar com alvos nítidos e realistas. Tem facilidade para organizar o tempo e o uso dos recursos [...]. Sente que é preciso ‘pisar no freio’ quando alguns querem, no entusiasmo do momento, levar o grupo rapidamente a um novo tipo de envolvimento. Seu ‘faro fino’ detecta o que é impraticável” (Knight, 1996, pp. 156, 157).

## A IPCG e os Dons

Os leitores atentos verificarão que somos uma comunidade onde os diversos serviços são praticados com base nos dons espirituais. Mas não nos abrimos às formas de utilização dos dons apregoadas pelas igrejas carismáticas, pentecostais ou neopentecostais. Da mesma forma, não aceitamos modismos ou quaisquer outros tipos de experiências que não possuam um sólido fundamento nas Escrituras. Como “sólido fundamento”, entenda-se *uma leitura que corresponda aos símbolos de fé reformados*.

Nas questões em que ousamos uma interpretação um pouco diferente, não rompemos com os parâmetros gerais do sistema de fé denominado calvinista, nem com os documentos doutrinários ou orientações administrativas, metodológicas e litúrgicas do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

## Os Testes de Verificação dos Dons

Nas próximas páginas existem questionários para verificação de seus dons espirituais, com perguntas sobre suas preferências, hábitos, sentimentos (impressões) e constatações de fatos, que devem ser respondidas por você e por um avaliador (amigo, cônjuge, irmão na fé). Como dissemos anteriormente, nenhum teste é infalível ou substitui a direção do Espírito Santo. O objetivo é estimular a reflexão, uma vez que a comprovação dos dons ocorre, de fato, no serviço prático.

Os questionários são adaptados da apostila sobre dons espirituais da IPCG – Igreja Presbiteriana Central do Gama, publicada em 1997, bem como de Schwarz (1997, pp. 37-60) e Bugbee, Cousins & Hybels (1998-2, pp. 57-80).

### Questionário 01: Auto-avaliação

Na tabela abaixo, responda a cada afirmação utilizando a seguinte escala:

- 0 - Nunca; jamais; a descrição absolutamente não corresponde.
- 1 - Pouquíssimas vezes; raramente.
- 2 - Mais ou menos; de vez em quando.
- 3 - A maioria das vezes; normalmente certo; freqüentemente.
- 4 - Constantemente; sempre; definitivamente certo.

	0	1	2	3	4
<b>D-A</b>					
Tenho facilidade de entender um trecho das Escrituras, perceber sua estrutura natural e transmitir as verdades nele contidas					
Gosto de analisar os sermões, não apenas para crescer espiritualmente, mas também para aprender as técnicas utilizadas pelos pregadores					
Pessoas me dizem que tenho um chamado para a pregação					
Comunico a Palavra de Deus com clareza e de modo eficaz					
Sinto-me responsável por confrontar as pessoas com a verdade					
Exponho, com ousadia, as tendências culturais, os ensinamentos ou eventos que contradizem com os princípios bíblicos					
Vejo a maioria das ações como certas ou erradas, e sinto-me na obrigação de corrigir as erradas					
<b>Total D-A</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-B</b>					
Percebo tarefas a serem realizadas e as executo com prazer, sem que ninguém me solicite					
Gosto de trabalhar no conserto e manutenção de coisas					
Disponho meus talentos e habilidades para ajudar no que for preciso					
Busco com frequência pessoas que precisam de ajuda para auxiliá-las em suas tarefas					
Gosto de trabalhar na retaguarda, apoiando o serviço dos outros					
Vejo um significado espiritual em fazer coisas práticas					
Não consigo ver construções, aparelhos, roupas, etc, em mau estado de conservação					
<b>Total D-B</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-C</b>					
Sinto-me realizado em colaborar na elaboração de materiais que facilitem o aprendizado das pessoas					
Tenho vontade de ajudar cristãos a crescerem na fé por meio de estudo bíblico					
Sou ávido leitor e consigo explicar as coisas que aprendo de forma simples (compreensível) e interessante					
Posso passar tempo estudando, sabendo que a apresentação da verdade fará diferença na vida das pessoas					
Presto muita atenção às palavras, frases e significados das pessoas que ensinam					
Gosto de estudar a Bíblia sistematicamente					
Sei comunicar as Escrituras, de modo que os ouvintes sejam motivados a estudar e aprender mais					
<b>Total D-C</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-D</b>					
Gosto de confortar e estimular as pessoas quando passam por momentos difíceis, e estas me dizem que eu as ajudo quando faço isso					
Consigo entender as necessidades reais das pessoas					
Sou procurado para conversas de “desabafo” ou aconselhamento					
Normalmente, vejo o potencial das pessoas					
Estimulo a esperança nos outros, direcionando-os às promessas de Deus					
Ajudo pessoas que precisam dar passos corajosos na sua fé, família ou vida					
Posso desafiar ou repreender as pessoas para estimular o crescimento espiritual					
<b>Total D-D</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-E</b>					
Reduzo propositalmente o meu padrão de vida, para poder ofertar mais para a causa do Senhor					
Gosto de doar generosamente aos projetos e ministérios da igreja local					
Compartilho meus bens materiais com as pessoas ou causas que enfrentam dificuldades financeiras					
Sinto grande alegria em ajudar através da contribuição financeira					
Fico perturbado pelo padrão de vida tão elevado de alguns cristãos					
Não vejo problemas em abrir mão de boa comida, casa confortável e roupas caras					
Administro bem minhas finanças para poder contribuir mais					
<b>Total D-E</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-F</b>					
Consigo motivar as pessoas a atingirem um alvo, com cada uma delas dando o melhor de si					
Tenho tido a experiência de receber orientações de Deus sobre o que é a sua vontade em determinadas situações da vida da igreja					
Gosto de investir tempo para desenvolver novas idéias a fim de estabelecer alvos e organizar pessoas e recursos para alcançá-los					
Delego tarefas a outras pessoas e supervisiono freqüentemente os resultados					
Sei dizer “não”, quando pressionado a abandonar as prioridades					
Em um grupo sem líder eu tomo a iniciativa					
As pessoas me colocam em posições de liderança, sem que eu tenha buscado isso					
<b>Total D-F</b>					



	0	1	2	3	4
<b>D-G</b>					
Sou sensível às necessidades de outros que estão sofrendo					
Demonstro em ações práticas, compaixão às pessoas em dificuldades					
Compartilho meus bens materiais com os pobres e necessitados					
Gosto de visitar e orar por enfermos e pessoas excluídas da sociedade					
Sinto em mim mesmo a dor e o sofrimento das pessoas					
Preocupo-me com a ação social prática da igreja em nossa cidade					
Simpatizo com os pobres e não tenho dificuldade em conviver com eles, com o objetivo de ajudá-los					
<b>Total D-G</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-H</b>					
Gosto de analisar afirmações de outros cristãos, para ver se estão corretas em termos de doutrina e prática					
Tive a experiência de detectar a presença de anjos ou demônios nos ambientes ou pessoas					
Já reconheci falsos motivos por trás de palavras aparentemente muito espirituais de outras pessoas					
Percebo se as palavras de uma pessoa são de origem humana, divina ou demoníaca					
Em determinadas situações, enquanto ouço um cântico ou ministração supostamente bíblica, sinto mal-estar e repugnância, sem causa aparente					
Sei identificar pregações, ensino ou comunicação que não batem com a verdade bíblica					
Percebo as coisas certas e erradas nas situações					
<b>Total D-H</b>					

	0	1	2	3	4
<b>D-I</b>					
Gosto de administrar pessoas, tarefas e eventos					
Sou organizado e administro bem o meu tempo					
Posso identificar e usar os recursos necessários para realizar uma tarefa de forma eficiente					
Avalio diversas possibilidades de resolução de um problema e escolho a mais viável para o alcance dos alvos propostos					
Sinto irritação com coisas feitas de última hora. Gosto de pontualidade e realizo as tarefas a mim designadas dentro dos prazos estabelecidos					
Entendo que, para Deus, tudo deve ser bem-feito, com planejamento, ordem e decência					
Consigo realizar tarefas com agilidade, obtendo bons resultados e com recursos limitados					
<b>Total D-I</b>					

### Resultados do Questionário de Auto-avaliação

- 00 - 13** Provavelmente, você *não possui* este dom espiritual
- 14 - 18** Há uma *possibilidade remota* de que você possua este dom. Seria interessante realizar algumas tarefas relacionadas a esta capacidade.
- 19 - 24** Há uma *boa probabilidade* de que você possua este dom. É altamente recomendável a busca de tarefas relacionadas a esta capacidade.
- 25 - 28** A possibilidade de você possuir este dom é *altíssima*. Sem perda de tempo, engaje-se em atividades que exijam esta habilidade.

### Lista de Dons Verificados

- D-A** Profecia
- D-B** Auxílio
- D-C** Ensino
- D-D** Exortação
- D-E** Doação
- D-F** Direção (Liderança)
- D-G** Demonstração de Misericórdia
- D-H** Discernimento
- D-I** Administração

Os dons de fé, curas, operações de milagres, variedade de línguas e interpretação de línguas não são considerados neste teste, uma vez que seus sinais identificadores são auto-evidentes.

## Sumário de Dons

Nos espaços abaixo anote, na coluna da esquerda, as três maiores pontuações do questionário de auto-avaliação. Na coluna da direita, anote as impressões de seu avaliador.

### Provavelmente, Meus Dons Espirituais São:

#### Segundo Minha Avaliação

---



---



---

#### Segundo Meu Avaliador

---



---



---

## Resumo

Ligue as descrições, da coluna da esquerda, aos nomes dos dons, na coluna da direita.

### Vídeo Rede Ministerial

*Cada aluno deve buscar identificar os dons dos integrantes do grupo:*

*Carlos: Direção  
Ana: Hospitalidade, misericórdia e exortação  
Pedro: Exortação  
Monik: Doação  
Daniel: Auxílio*

Capacidade de estabelecer alvos de acordo com os propósitos de Deus e transmitir tais alvos a outros, de tal modo que, voluntária e harmoniosamente, todos trabalhem juntos para alcançá-los.

Variedade de Línguas

Capacidade de crer extraordinariamente em Deus, para a realização de tarefas incomuns.

Auxílio

Capacidade de transmitir o conteúdo bíblico de forma que as pessoas entendam e sejam edificadas.

Operações de Milagres

Capacidade de desenvolver estratégias ou planos para alcançar alvos identificados; organizar pessoas, tarefas ou eventos; ajudar as organizações ou grupos a se tornarem mais eficientes; reorganizar um setor onde haja caos administrativo.

Discernimento de Espíritos

Capacidade de sentir empatia e compaixão genuínas por pessoas, tanto crentes como não crentes, que estejam sofrendo problemas aflitivos físicos, mentais ou emocionais, e para traduzir essa compaixão em feitos realizados com alegria.

Doação

Capacidade de adorar a Deus em um idioma humano desconhecido por aquele que fala.

Administração

Capacidade de contribuir, de modo incomum e sacrificial, para a obra de Deus, com liberalidade e bom ânimo.

Exortação

Capacidade de saber, com alto grau de certeza, se certos comportamentos, ministrações e manifestações são originados em Deus, nos homens ou em Satanás.

Curas

Capacidade de identificar tarefas a serem executadas e realizá-las, bem como investir os talentos que recebeu para ajudar outras pessoas no desempenho de seus ministérios.

Demonstr. Misericórdia

Capacidade de ser usado por Deus para a expulsão de demônios e a realização de atos poderosos.

Direção (Liderança)

Capacidade de ser usado por Deus para orar eficazmente pela recuperação de pessoas enfermas.

Fé

Capacidade de confrontar as pessoas, ministrando-lhes palavras de consolo, encorajamento e conselho, de tal modo que se sintam advertidas, ajudadas e curadas.

Ensino

## Avaliação Amiga

Prezado(a) amigo(a);

Estou finalizando meu treinamento no **curso Cristão Frutífero**, da Igreja Presbiteriana Central do Gama, e preciso que você forneça algumas informações baseadas naquilo que você enxerga em minha pessoa.

Marque com um “x”, um traço ( – ) ou um sinal de checagem ( ✓ ) aqueles parágrafos que, no seu entender, me descrevem melhor:

- 1 Ele/ela se preocupa com detalhes organizacionais na realização de um trabalho. Além disso, tem prazer em ajudar em tarefas relacionadas a detalhes de organização.
- 2 Ele/ela às vezes me assusta, pois, algumas vezes, afirma que determinada pessoa não é digna de confiança, ou que tal movimento ou ação, aparentemente “espirituais”, não são corretos. E isso é confirmado depois de um tempo. Além disso, ele/ela diz perceber a presença de demônios em certos ambientes.
- 3 Ele/ela é muito disposto a ajudar naquilo que for preciso. Observo seu interesse em consertar coisas e em auxiliar a “desafogar” pessoas de suas responsabilidades, fazendo parte de seus serviços. Vejo também que ele/ela assume alegremente tarefas que quase ninguém vê ou quer realizar.
- 4 Penso que esta pessoa recebeu de Deus um chamado para a pregação. O modo como ela transmite a mensagem da Bíblia me desafia a obedecer ao Senhor. Ele/ela não tem medo de denunciar os erros que exigem arrependimento. Às vezes, acho que ele/ela é radical, sempre querendo que todas as ações sejam “conforme a Bíblia”.
- 5 Ele/ela não tem apego a coisas materiais. Sempre está interessado(a) em doar mais alguma coisa para o trabalho de Deus, considerando importante (mais do que as outras pessoas) apoiar financeiramente projetos cristãos.
- 6 Ele/ela é procurada por pessoas que querem conversar a fim de obter aconselhamento.
- 7 Ele/ela preocupa-se em ajudar pessoas pobres ou excluídas da sociedade, necessitadas de provisão material, emocional e espiritual. Ele/ela não consegue ver alguém necessitado sem prestar algum tipo de socorro.
- 8 As pessoas aprendem o que ele/ela ensina. Ele/ela consegue transmitir as verdades da Bíblia de modo empolgante, esclarecedor e desafiador. Outro detalhe é que ele/ela está sempre lendo, pesquisando, buscando idéias para melhorar seus conhecimentos e ensino.
- 9 Percebo que ele/ela gosta de elaborar projetos e as pessoas gostam de seguir sua liderança e o(a) escolhem para guiar o grupo.

- |                      |             |                     |
|----------------------|-------------|---------------------|
| 1 Administração      | 4 Profecia  | 7 Dem. Misericórdia |
| 2 Discern. Espíritos | 5 Doação    | 8 Ensino            |
| 3 Auxílio            | 6 Exortação | 9 Direção           |

# 7

## O Seu Jeito de Ser

*“a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”*

*Textos de Referência: Sl 139.13-16;  
Ef 4.4-6*

### Visão Geral

Informações contidas nesta unidade:

- Conceito de estilo pessoal
- Diferença entre o estilo pessoal, caráter e habilidades
- Elementos do estilo pessoal
- Tipos básicos de estilo pessoal
- Avaliação de estilo pessoal
- Fechamento das três áreas de desenvolvimento pessoal

### Introdução

A última área de desenvolvimento pessoal é o seu jeito de ser – o modo como você se motiva e organiza. Todos os cristãos são vocacionados para o serviço e recebem dons espirituais, mas o exercício de tais serviços é multifacetado, considerando as infinitas combinações entre chamado, dons e singularidades de cada indivíduo.

Ao considerarmos este jeito de ser, utilizamos as categorizações e critérios de avaliação de Bugbee, Cousins & Hybels (1998-2, pp. 121-131), considerando-as pertinentes para o esclarecimento do tema. Os leitores atentos verificarão que boa parte desta unidade é uma síntese daquele material.

## Conceito de Estilo Pessoal

O estilo pessoal é o conjunto de características únicas, relacionadas ao modo como cada pessoa se *organiza e se motiva*.

O Sl 139.13-16 ensina que Deus nos fez de forma singular – não existem duas pessoas exatamente iguais. Os sistemas de identificação pelas impressões digitais, íris ou arcada dentária comprovam este fato: cada ser humano é único e especial.

Todos os cristãos recebem o Espírito Santo, de forma que o Senhor age por “meio de todos” (Ef 4.6). Mas esse agir leva em conta estas distinções, estas sutis diferenças existentes entre cada um de seus filhos.

Em meio a tantas diferenças, é possível sugerir alguns *padrões*, generalizações sempre imperfeitas, mas úteis para clarificar certos comportamentos.

## O Estilo Pessoal e o Caráter Cristão

Você tem o seu jeito de fazer as coisas e de relacionar-se com a realidade. Exigir mudanças nisso é como pedir-lhe para alterar o seu tipo de pele ou o modo como você sente o gosto de um alimento, algo *praticamente impossível*. Nesse ponto, o estilo difere do caráter e das habilidades adquiridas, que são aprimorados com o passar do tempo (2 Co 3.18; Ef 4.17-6.20; Fp 3.12-16).

## Elementos do Estilo Pessoal

O estilo pessoal é estabelecido com base em sua motivação e organização (figura 01).

Figura 01. Os dois elementos do estilo pessoal



- **Motivação.** Alguns indivíduos encontram motivação em outras **pessoas** (relacionamentos), enquanto há quem seja motivado ao realizar **tarefas**.
- **Organização.** Existem indivíduos que se organizam de forma *ordenada e metódica* (**estruturados**); outros, gostam de ter muitas opções e flexibilidade (**não-estruturados**).

Nenhuma destas preferências é, em si mesma, errada. Elas simplesmente apontam para padrões comportamentais, que mostram nosso jeito de ser

diante de responsabilidades e atividades, com as quais teremos de lidar em nossas vidas.

Se você for **motivado pelas pessoas**, o conteúdo principal de seu serviço deve incluir **pessoas** e seu enfoque principal devem ser **relacionamentos**.

Se você for **motivado por tarefas**, o conteúdo principal de seu serviço deve ser **realizar tarefas** que beneficiem aos outros e seu enfoque principal deve ser o **cumprimento de tarefas**.

Se você for do tipo **não-estruturado**, sua posição no ministério deve ser **genérica** e seus relacionamentos com os outros devem ser **espontâneos**.

Se você for do tipo **estruturado**, sua posição no ministério deve ser **específica** e seus relacionamentos com os outros devem ser **formais**.

Tanto o que é motivado por pessoas quanto por tarefas valorizam os relacionamentos e cumprimento de alvos estabelecidos, mas cada um tem os meios prioritários e secundários para alcançá-los.

Tanto os estruturados quanto os não-estruturados valorizam o serem organizados, mas cada um ao seu modo.

## Tipos Básicos de Estilos Pessoais

Os estilos pessoais são basicamente quatro (observe que os mesmos são combinações dos elementos citados acima):

- Tarefa/não-estruturado.
- Tarefa/estruturado.
- Pessoas/não-estruturado.
- Pessoas/estruturado.

## Avaliação do Estilo Pessoal

Observe as instruções a seguir antes de preencher sua avaliação.

- 1 Para cada item, escolha a palavra ou frase que melhor descreve suas preferências e assinale um número, observando-se que, quanto mais próximo da frase ou palavra, maior a predominância do estilo. Por exemplo, na questão 1, na seção “Como Você Se Organiza?” a opção 1 significa “sim, gosto muito de ser espontâneo em minhas férias”, enquanto a opção 5 significa, “sim, gosto muito de seguir um plano fixo”. As opções 2 e 4 definem preferências razoáveis, fortes mas não absolutamente determinantes, pendentes para uma das tendências. A opção 5 define “mais ou menos” ou o equilíbrio entre as tendências.



- 2 Não responda de acordo com aquilo que os outros (cônjuge, família, patrão etc.) esperam de você e sim de acordo com aquilo que você, de fato, é.
- 3 Selecione o comportamento ou reação que ocorreria naturalmente se pudesse expressar-se espontaneamente, sem qualquer tipo de restrição.

### ***Como Você Se Organiza?***

#### **1. Nas férias prefiro**

Ser espontâneo	1 2 3 4 5	Seguir um plano fixo
----------------	-----------	----------------------

#### **2. Prefiro traçar diretrizes**

Gerais	1 2 3 4 5	Específicas
--------	-----------	-------------

#### **3. Prefiro deixar opções**

Em aberto	1 2 3 4 5	Resolver logo
-----------	-----------	---------------

#### **4. Prefiro projetos que tenham**

Variedades	1 2 3 4 5	Rotina
------------	-----------	--------

#### **5. Gosto de**

Improvisar	1 2 3 4 5	Seguir um plano
------------	-----------	-----------------

#### **6. Acho a rotina**

Chata	1 2 3 4 5	Segura (posso descansar)
-------	-----------	--------------------------

#### **7. Realizo melhor as tarefas quando**

Resolvo as coisas ao longo do projeto	1 2 3 4 5	Sigo um plano
--	-----------	---------------

***Como você se organiza? O = \_\_\_\_\_ Total***

### ***Como Você Se Motiva?***

#### **1. Sinto-me melhor**

Fazendo algo para as pessoas	1 2 3 4 5	Estando com as pessoas
---------------------------------	-----------	---------------------------

#### **2. Quando estou realizando uma tarefa, normalmente focalizo**

Os alvos	1 2 3 4 5	Relacionamentos
----------	-----------	-----------------

#### **3. Fico empolgado com**

O avanço de uma causa	1 2 3 4 5	O sentido de comunidade
-----------------------	-----------	-------------------------

#### **4. Sinto que realizei algo quando**

Termino uma tarefa	1 2 3 4 5	Construo um relacionamento
--------------------	-----------	----------------------------

**5. É mais importante começar uma reunião**

Na hora	1 2 3 4 5	Quando todos estiverem presentes
---------	-----------	----------------------------------

**6. Me preocupo mais com**

Cumprir um prazo	1 2 3 4 5	Manter a equipe
------------------	-----------	-----------------

**7. Valorizo mais**

A ação	1 2 3 4 5	A comunicação
--------	-----------	---------------

**Como você se motiva?**      **M=** \_\_\_\_\_ **Total**

**Calcule Seu Estilo Pessoal**

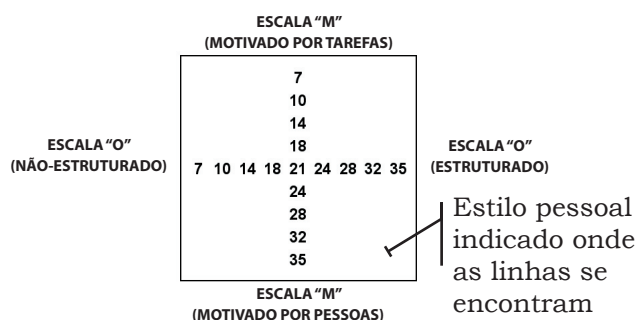
**1** Na grade da próxima página, coloque um X na escala “O” (organização), que corresponde ao seu total de “O” da página anterior.

**2** Na grade na próxima página, coloque X na escala “M” (motivação), que corresponde ao seu total de “M” acima.

**3** Desenhe uma linha vertical passando pelo número marcado na escala “O”.

**4** Desenhe uma linha horizontal passando pelo número marcado na escala “M”.

**5** Seu estilo pessoal é indicado pelo *cruzamento das duas linhas*.

**Os Quatro Quadrantes Do Estilo Pessoal****Tarefa/Não-Estruturado**

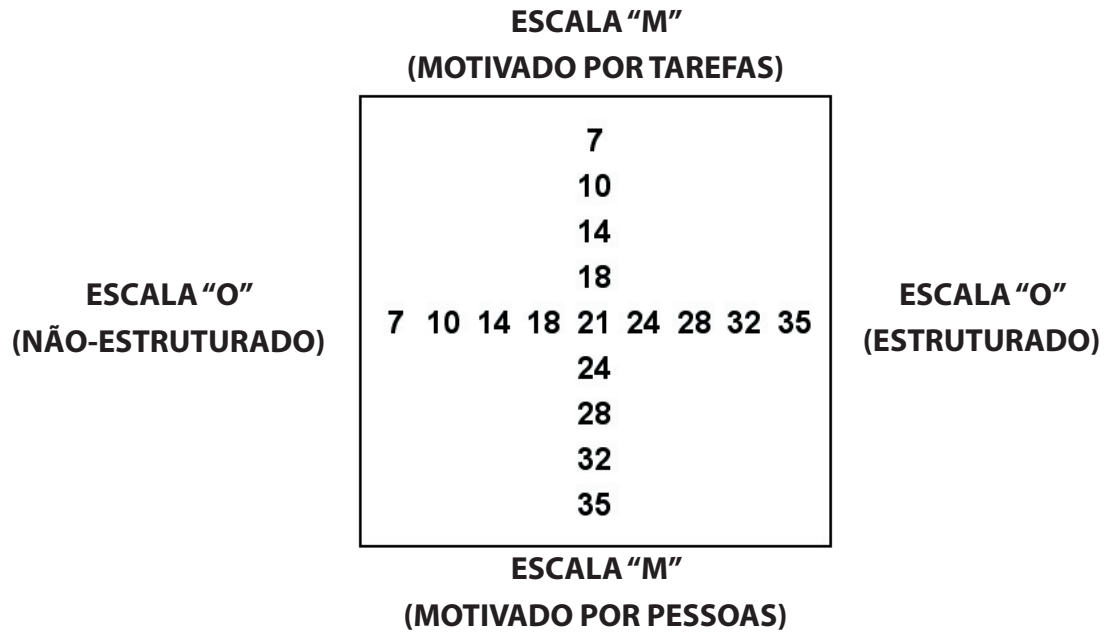
- Diretrizes gerais
- Versátil
- Ajuda quando for necessário
- Gosta de resultados concretos

Considere o tipo de ministério que lhe possibilite cumprir uma **ampla variedade** de responsabilidades.

**Tarefa/Estruturado**

- Cumpre a tarefa até o fim
- Focaliza nos resultados
- Prefere seguir uma agenda
- Aprecia orientações claras

Considere o tipo de ministério que lhe permita saber exatamente quais são os **alvos** e **como** a tarefa deve ser realizada.



**Pessoas/Não-Estruturado**

- Situações espontâneas
- Gosta de conversar
- Relaciona-se bem com pessoas
- Tende a ser flexível

Considere o tipo de ministério eu lhe dê a liberdade de responder às pessoas **espontaneamente**.

**Pessoas/Estruturado**

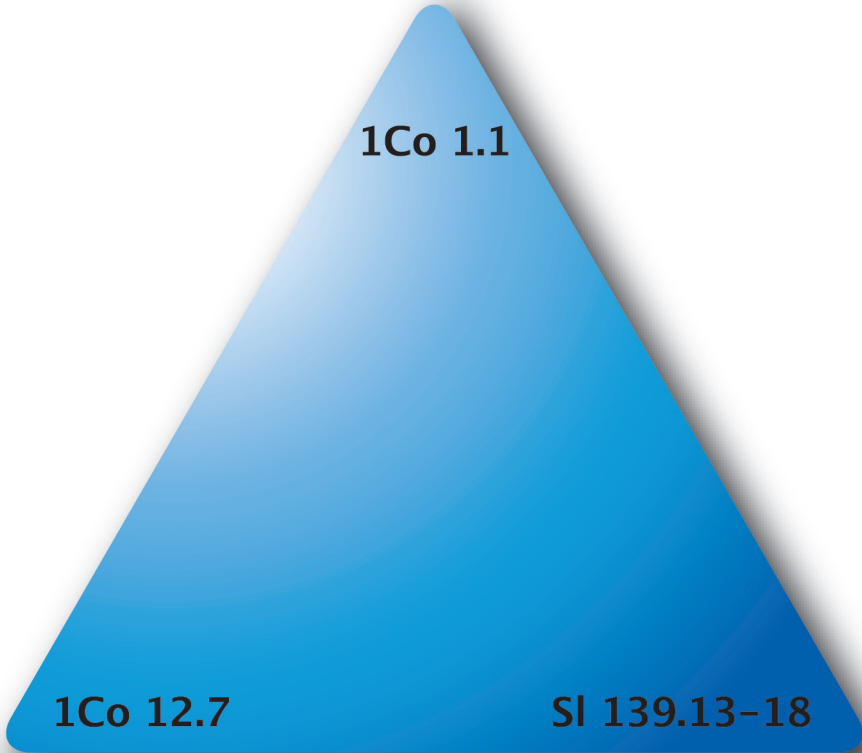
- Relacionamentos definidos
- Ambiente conhecido
- Transmite calor humano
- Gosta de relacionamentos conhecidos

Considere o tipo de ministério que lhe capacite a interagir com pessoas em situações mais **estáveis** ou **definidas**.

Visão Geral das Áreas de Desenvolvimento Pessoal

Possíveis áreas  
de serviço:

Vocação



Capacitação  
Dons Espirituais:

Jeito de Ser  
Estilo Pessoal:



# Bibliografia

- Barth, Karl. (2000). Carta aos Romanos. São Paulo: Novo Século.
- Bíblia de Estudo de Genebra. (1999). São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil.
- Berkhof, Louis. (1990). Teologia sistemática. Campinas: Luz Para o Caminho.
- Brasil Central, Missão Presbiteriana do. (1967). O livro de confissões. São Paulo: Missão Presbiteriana Brasil Central.
- Brown, Colin. (1985). O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova. Vols. I, II e III.
- Bugbee, Bruce, Cousins, Don e Hybels, Bill. (1998). Rede ministerial: Pessoas certas... nos lugares certos... pelas razões certas – guia do líder. São Paulo: Vida.
- \_\_\_\_\_. (1998-2). Rede ministerial: Pessoas certas... nos lugares certos... pelas razões certas – guia do participante. São Paulo: Vida.
- Calvino, João. (1996). 1 Coríntios: Comentário à Sagrada Escritura. São Paulo: Paráclitos.
- \_\_\_\_\_. (1998). Efésios: Comentário à Sagrada Escritura. São Paulo: Paráclitos.
- \_\_\_\_\_. (1998 - 2). Comentário das cartas pastorais. São Paulo: Edições Paráclitos.
- CI/IPB — Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil. (1999). Manual Presbiteriano. São Paulo: Cultura Cristã.
- Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil. (1996). Carta pastoral: O Espírito Santo hoje. São Paulo: Cultura Cristã.
- Deere, Jack. (1998). Surpreendido com a voz de Deus: Como Deus fala hoje por meio de profecias, sonhos e visões. São Paulo: Vida.
- Eby, David. (2001). Pregação poderosa para o crescimento da Igreja. São Paulo: Candeia.
- Elwell, Walter A. (1988). Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã. Vol. I A-D. São Paulo: Vida Nova.
- Erickson, Milard J. (1997). Introdução à teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova.
- Fides Reformata. (1996). Vol. I. N° 02. Julho - Dezembro de 1996.
- George, Timothy. (1998). Fiel testemunha: Vida e obra de William Carey. São Paulo: Vida Nova.
- Grudem, Wayne. (2000). Teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova.
- Henricksen, William. (1998). Comentário do Novo Testamento: Exposição de Efésios. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.



- \_\_\_\_\_ (2001). Comentário do Novo Testamento: Exposição de Romanos. São Paulo: Cultura Cristã.
- Hodge, Charles. (2001). Teologia sistemática. São Paulo: Hagnos
- Horton, Stanley M. (1996). Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus.
- Kistemaker, Simon. (2004). Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã.
- Knight, Lida E. (1996). Quem é você no corpo de Cristo. Campinas: Luz Para o Caminho.
- Lopes, Augustus Nicodemus. (1999). O culto espiritual: um estudo em 1 Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão. São Paulo: Cultura Cristã.
- Martins, Valter Graciano. (Editor). (1991). A Confissão de Fé, o Catecismo Maior e o Breve Catecismo. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Packer, J. I. (1991). Na dinâmica do Espírito: Uma avaliação das práticas e doutrinas. São Paulo: Vida Nova.
- Phillips, J. B. (1994). Cartas para hoje: Uma paráfrase das cartas do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova.
- Schalkwijk, Franz Lens. (2004) Os dons para a liderança pastoral. São Paulo: Apostila do CPAJ.
- Schwarz, Christian A. (1997). O teste dos dons. Curitiba: Editora Evangélica Esperança.
- Stevens, Paul. (1998). A hora e a vez dos leigos. São Paulo: ABU Editora.
- Stott, John. R. W. (1993). Batismo e plenitude do Espírito Santo. São Paulo: Vida Nova.
- Wagner, C. Peter. (1994). Descubra seus dons espirituais. São Paulo: Abba Press.
- White, John. (1998). Quando o Espírito vem com poder. São Paulo: ABU Editora.